



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

O DOCE VENENO DA PROSTITUIÇÃO:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO E LITERÁRIO SOBRE A DOR E O PRAZER

RAFAEL VENÂNCIO

João Pessoa

2016

RAFAEL VENÂNCIO

**O DOCE VENENO DA PROSTITUIÇÃO:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO E LITERÁRIO SOBRE A DOR E O PRAZER**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

João Pessoa

2016

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Venâncio, Rafael.

O doce veneno da prostituição: um estudo psicanalítico e literário sobre a dor e o prazer. / Rafael Venâncio.- João Pessoa, 2016.

90f.

Monografia (Graduação em Letras - Língua portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

1. Prostituição. 2. Feminilidade. 3. Desejo. I. Surfistinha, Bruna.
II. Título.

BSE-CCHLA

CDU176.5

RAFAEL VENÂNCIO

**O DOCE VENENO DA PROSTITUIÇÃO:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO E LITERÁRIO SOBRE A DOR E O PRAZER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba. Aprovado pela banca aos 29 de novembro de 2016.

Banca Examinadora

Prof.º Dr. Hermano de França Rodrigues
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof. Dr. Ulysses de Araújo Lima
(Examinador I)

Prof. Dr. Emannuelle Carneiro da Silva
(Examinador II)

*Aos meus professores e colegas de pesquisa na área da
Literatura, gênero e psicanálise.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que acreditaram neste que este momento seria possível...

“Quem elogia muito a bunda, despreza a boceta...”

Nicolas Chorie

RESUMO

Na literatura contemporânea, por vezes, irrompem-se representações de um feminino erótico e desinibido, cujas atitudes, mesmo quando estão, aparentemente, a serviço de um homem, surpreendem em virtude do poder de sedução que exercem. Tais imagens chocam-se com os valores judaico-cristãos, sobre os quais se erguem as sociedades ocidentais. Nelas se perpetuam, ainda, concepções estigmatizadas sobre a mulher, sobretudo no que tange à figura da prostituta, vista como um ser inferior, sujo e subalterno. Essa rejeição, quiçá, oculte anseios proibidos, fantasias interditadas, ou simplesmente, uma incapacidade de lidar com o familiar que, aliás, pertence à condição humana. E quando o *desejo* – aquilo que nos denuncia – esparge-se pelas paragens da internet, os efeitos são avassaladores. Referimo-nos, de forma específica, ao diário escrito pela garota de programa Bruna Surfistinha, intitulado *O Doce Veneno do Escorpião*, no ano de 2005. A obra descreve as maneiras de como, com habilidade e competência, a autora, ao *tornar-se* profissional do sexo, consegue obter dinheiro, riqueza e fama, mediante a venda de seu corpo a um masculino ainda envaidecido pelo poder do falo, de forma que, a sua trajetória, é nosso objeto de pesquisa neste Trabalho de Conclusão de Curso. Raquel, uma adolescente de classe média alta, desde o início de sua vida enquanto sujeito, depara-se com as demandas de um gozo que lhe era constantemente negado pelas figuras parentais, o que exacerbou os conflitos edípicos inerentes a constituição psíquica. Sua busca incessante atraiu e desenvolveu a sexualidade, levando-a a violar alguns interditos, sem conseguir, no entanto, plena satisfação. Abandonando a casa de seus pais, Raquel se converte em Bruna, uma prostituta sedutora, vaidosa e bastante profissional no que tange ao seu trabalho, e que, ao mesmo tempo, não abdica do prazer que o meretrício pode lhe proporcionar. Esta (nova) mulher tem acesso a algo bastante primitivo dos sujeitos com os quais se relaciona, o que, em alguns momentos, a assusta, mas não é razão suficiente para que deixe a carreira: estamos diante de uma mulher sem pudores ou tabus: o enredo revela uma *personagem* experiente e dominadora, em relação ao corpo e ao sexo. Apesar do que se poderia pensar, as experiências que adquiri não é capaz de desumanizá-la, pelo contrário, põe-na em contato com o que é familiar em na dimensão do desejo, o que poderia explicar o sucesso do blog da garota de programa. Por isso, nossa pesquisa, numa conexão com os estudos psicanalíticos de base (pós) freudiana e a literatura propõe-se a analisar, na narrativa em foco, as vicissitudes que recaem sobre a prostituição, procurando desvendar seus objetos, suas artimanhas e suas faces.

Palavras-chave: Prostituição, Feminilidade, Desejo, Bruna

Resumen

En la literatura contemporánea, muchas veces emergen representaciones de una femineidad erótica y desinhibida, cuyas actitudes, aun cuando están a servicio de un hombre, sorprenden en virtud del poder de seducción que ejercen. Estas imágenes chocan de frente con los valores judeocristianos, sobre los cuales se yerguen las sociedades occidentales. Se perpetúan en ellas concepciones estigmatizadas sobre la mujer, sobre todo en lo que se refiere a la figura de la prostituta, vista como siendo un ser inferior, sucio y subalterno. Quizás, ese rechazo oculte anhelos prohibidos, fantasías impedidas, o simplemente, una incapacidad para lidiar con lo familiar, que, además, pertenece a la condición humana. Y cuando el deseo – aquello que nos entrega – se esparce por los terrenos de la Internet, los efectos son devastadores. Nos referimos, en específico, al diario escrito por la prostituta Bruna Surfistinha, intitulado *O Doce Veneno do Escorpião* en 2005. La obra describe la manera cómo con habilidad y competencia, la autora al convertirse en profesional del sexo, consigue obtener dinero, riqueza y fama, mediante la venta de su cuerpo a un masculino aun engrandecido por el poder del falo, de forma que, su trayectoria es nuestro tema de investigación en este Trabajo de Conclusión de Curso. Desde el inicio de su vida en cuanto individuo, Raquel, una adolescente de clase media alta, se depara con las exigencias de un gozo que le era constantemente negados por sus figuras parentales, lo que agravó los conflictos edípicos inherentes a la constitución psíquica. Subyugada en su cesante atrajo y desarrolló su sexualidad, llevándola a violar algunas prohibiciones, aunque sin nunca alcanzar la satisfacción plena. Abandonando la casa de sus padres, Raquel se convierte en Bruna, una prostituta seductora, vanidosa y bastante profesional en lo que se refiere a su trabajo, y que al mismo tiempo, no renuncia al placer que ser una madre le proporciona. Esta (nueva) mujer, tiene acceso a algo bastante primitivo en los sujetos con quienes se relaciona, lo que, en algunos momentos, la asusta, pero no es razón suficiente para que abandone la carrera: estamos delante de una mujer sin pudor y sin tabúes: la trama revela un personaje experimentado y dominador, en relación al cuerpo y al sexo. A pesar de lo que se podría pensar, las experiencias que adquiere no son capaces de deshumanizarla, por lo contrario, la colocan en contacto con lo más familiar en la dimensión del deseo, lo que podría explicar el éxito del blog de la prostituta. Por eso, nuestra investigación, en una conexión con los estudios psicoanalíticos de base (pós) freudiana y la literatura se propone analizar, en la narrativa comentada, vicisitudes que recaen sobre la prostitución, buscando descubrir sus objetos, sus artimañas y sus caras.

Palabras clave: Prostitución, Femineidad, Deseo, Bruna.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
I. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA PROSTITUIÇÃO	10
1.1. Do poder ao jugo: a queda das sociedades matriarcais e a institucionalização do patriarcado	11
1.2. As prostitutas na Antiguidade Clássica e subalternização do feminino	13
1.3. Castidade versus impureza pagã: o cristianismo e a prostituição.....	20
1.4. O resgate das antigas das raízes: a posição de cortesã.....	24
1.5. Século das Luzes: famílias, flagelo e virtude negociável.....	28
1.6. Da nova regulamentação à Revolução Sexual: a prostituição independente.....	31
1.7. Prostituição no Brasil: teias do patriarcado.....	32
II. OS (DES)CAMINHOS DA SEXUALIDADE FEMININA	35
2.1. O complexo de Édipo: o fundamento da sexualidade humana.....	36
2.2. A inveja do pênis: complexo de castração.....	39
2.3. O gozo em Freud e Lacan: uma busca fora da Lei.....	41
2.4. As dimensões do gozo: o desejo primeiro.....	43
2.5. O gozo fálico e o feminino: quando a linguagem não comporta a feminilidade.....	44
2.6. O amor e o olhar do pai: o início do processo de sexuação.....	47
2.7. A prostituição: uma forma de vivenciar a fantasia?.....	49

III. DE RAQUEL À BRUNA: CORPO, CARNE E DESEJO	53
3.1.1. Queria fazer do mundo o meu quintal.....	54
3.1.2. Não bastava um: tinham que ser vários para me satisfazer.....	57
3.1.3. Pô, filho era o que nascia na barriga.....	60
3.1.4. Minha vontade de descobrir tudo sobre a vida parecia não ter fim.....	63
3.1.5. Mas seu jeito, metido e meio cafajeste, estragava tudo.....	65
3.1.6. Enchia a cara com doces e depois.....	69
3.2.1. Para mim, todas as prostitutas de São Paulo estavam na Augusta.....	75
3.2.2. Foi ele quem quebrou o silêncio. ‘Eu tenho tesão pela minha própria mãe’.....	79
3.2.3. Ele não ganhou nada me violentando desse modo.....	83
3.2.4. No dia em que eu parar de fazer programa.....	85
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 87
 REFERÊNCIAS	 89

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho é fruto de uma pesquisa acadêmica iniciada em 2015, empreendida a partir do projeto de Iniciação Científica (PIBIC) *Poéticas da Devassidão*, um dos que compuseram o arcabouço investigativo do grupo deLigepsi (Literatura, Gênero e Psicanálise), coordenado pelo professor Doutor Hermano de França Rodrigues. Neste projeto, foram buscadas as construções ideológicas e sociais que construíram a imagem da prostituta no romance contemporâneo. Ao longo da apuração, sob o viés da psicanálise, o desejo feminino tornou-se a categoria fundamental que foi estudada e percorrida já que, entre as descobertas, confirmamos que ele é um dos elementos constitutivos da fantasia em que se fundamenta a prática da prostituição.

Neste sentido, buscamos analisar, neste Trabalho de Conclusão de Curso, os testemunhos desse desejo na escrita de um sujeito feminino, aparentemente desprovido de interdições de ordem discursiva, que põe em evidência o gozo que advém de seu lugar, enquanto objeto desejado e, ao mesmo tempo, desejante. Ainda que tivéssemos um grande acervo de tramas que explorassem a imagem da mulher da vida, raramente, foi permitido que ela fosse analisada em seu próprio discurso e singularidade, o que, em termos gerais, poderia ter inibido o objetivo desta pesquisa e as aspirações que se buscava alcançar com ela.

Por mais audacioso que tenha sido o nosso objetivo, deparamo-nos com a obra *O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*, de autoria de Bruna Surfistinha, publicado em 2005, na qual, a protagonista narra os eventos de sua história que antecederam a sua fama como umablogueira e garota de programa: uma estudante do segundo grau e oriunda de classe média torna-se uma dama da noite de alto potencial e experiência. Nesse processo de transição e transformação, Raquel/Bruna, depara-se com a falta que lhe constituiu, e sobre a qual, seu desejo é fundamentado, e, de tal forma exprime o que sente, que seu texto possui um caráter sinestésico e excitante. Portanto, o TCC foi pensado dividido em três capítulos, buscando situar e orientar o leitor quanto ao objetivo desta pesquisa, por isso, cada parte foi construída com o intento de se fazer entender os conceitos, ora trabalhados, na área da psicanálise.

No primeiro capítulo, faremos um percurso sócio-histórico acerca da posição da mulher, enquanto prostituta, na história do Ocidente, desde a Idade Clássica até a pós-modernidade, não nos esquecendo do fato de que nossa nação foi erguida sobre os protocolos patriarcais judaico-cristãos. A partir do segundo, assumindo um aspecto de

ordem teórica, dissertaremos acerca da constituição do desejo e da sexualidade feminina, sem o qual, não poderíamos saber qual a função e importância da fantasia da prostituição para a mulher. Para este fim, temos por base teórica a psicanálise, e esta, com as contribuições de alguns dos principais teóricos da construção do pensamento analítico sobre o feminino.

No terceiro capítulo, seguros de que os conceitos trabalhados foram assimilados e entendidos, nos debruçaremos sobre o *corpus* em análise, onde se encontra a personagem Bruna Surfistinha. Neste último capítulo, com base na narrativa, faremos observações pertinentes acerca das escolhas feitas pela garota que a trouxeram a vida da prostituição, a qual a seduziu de semelhante modo como ela acredita seduzir os homens que a procuram.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA PROSTITUIÇÃO

A compreensão do contexto histórico, onde uma obra está localizada, é um dos elementos mais eficazes para se tecer uma crítica coerente, bem como, para empreender a interpretação do texto literário e do fenômeno por ele abordado. Isso só é possível uma vez que o autor é um indivíduo social que se vale dos signos que marcam sua época para proporcionar a identificação e posterior entendimento do que pretende transmitir, mas nem sempre, esta intenção está evidente.

Alfredo Bosi é um dos autores brasileiros que acreditam que a ponte entre a história e literatura é justificável, pois o crítico literário atesta, em seu ensaio acerca da obra machadiana, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que este elo é uma das maiores conquistas da crítica literária das últimas décadas, visto que enriquece a compreensão do trabalho artístico (BOSI, 2013).

De maneira diacrônica, os questionamentos que nortearam a confecção do presente capítulo, objetivaram à elucidação de como, ao longo da história ocidental, a imagem da prostituta decaiu de um ser sagrado para um sujeito imundo e subalternizado, ao mesmo tempo em que ela era encarada, pelos padrões da sociedade cristianizada, como a clara evidência da subversão do feminino contra os preceitos patriarcais e monoteístas. A inclusão deste capítulo de cunho panorâmico se faz indispensável à compreensão de quais foram às imagens que se fez acerca da profissional do sexo, ao longo da história do ocidente, e a razão de inúmeras configurações, a fim de que entendamos os fatores que mobilizaram nosso objeto de pesquisa a se despir das prerrogativas de *mulher honesta* (de acordo com o patriarcado monoteísta cristão) e, posteriormente, se converter numa transgressora, violando as regras civilizatórias, sobre os quais se erguem as sociedades patriarcais. Partindo-se dessa premissa, este capítulo aponta a demarcação histórica da prostituição, pois há a inevitabilidade de decifrar a ascensão e o declínio deste meio de vida, numa sociedade cristianizada e hostil¹, com o propósito de responder a inquirição de como, mesmo assim, a prostituição não se dissipou, mas mudou de aspectos tantas vezes quanto foi necessário, constituindo uma das ocupações mais antigas da humanidade. Nossa

¹Esta hostilidade é direcionada a sexualidade feminina e/ou periféricas, ou seja, aquelas que fogem do padrão heteronormativo.

investigação é de ordem qualitativa, de maneira que recorremos, através de uma pesquisa bibliográfica, a autores que, conforme acreditamos, podiam nos auxiliar na construção deste percurso. Trata-se de historiadores especialistas e autoridades no fenômeno que ora abordamos, entre eles Lujó Basserman (1968), Nickie Roberts (1998) e Emmett Murphy (1994), nos valem de seus escritos, por considerá-los imprescindíveis ao estabelecimento de um arcabouço histórico. Apesar de, via de regra, tratarem do mesmo tema, a História da Prostituição é um tema geral e abrangente, abordando as múltiplas faces e praticantes do comércio sexual, desde seus profissionais, até os clientes e as respectivas classes sociais que fazem parte; a História das Prostitutas é, por outro lado, a especificação deste assunto, onde se faz um recorte nestes aspectos outros e volta-se a atenção para a figura feminina prostituída e, portanto, subordinada. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, consideraremos relevante esta condição última, nitidamente presente no *corpus* escolhido para análise. Bruna Surfistinha, portanto, é uma personagem que está intrinsecamente ligada a este modelo, não só por ela mesma ser uma profissional do sexo, mas porque, com ela, entendemos as razões históricas que levaram muitas mulheres ao mundo do sexo e do crime, numa sociedade que não lhes permitia obterem independência financeira. Isto posto, reiteramos, que ela tipifica, por sua ascensão, a sorte de tantas outras que, por escolha própria ou obrigadas, colocaram a venda o seu próprio corpo.

1.1 Do poder ao jugo: a queda das sociedades matriarcais e a institucionalização do patriarcado

Nas antigas sociedades matriarcais (que datam bem antes do patriarcado se constituir como padrão oficial) ou conhecida pré-história, a figura da mulher estava associada à divindade de onde advinha a fertilidade da terra e reprodução dos seres humanos, assim vista, ela era, conseqüentemente, um ser superior ao homem, pois detinha o meio pelo qual a sexualidade e a sacralidade estavam interligadas, tal qual a Grande Deusa², que dava aos habitantes da terra o alimento e a provisão do dia a dia. Neste sentido, a atividade sexual por ela exercida, era considerada sacra, digna de honra e reconhecimento, porque, as sacerdotisas da Grande Divindade a incorporavam durante

² O culto a deusa Inana se originou dos sumérios, já entre os babilônicos ela era Istar, “chamada Grande Deusa Har, Mãe das Prostitutas” (QUALLS-CORBETT, 2012, p.41)

as festas e rituais xamânicos³. Em um primeiro momento de nossa história, as prostitutas eram tidas como divinas, de modo que, evidentemente, estas mulheres lideravam todas as esferas da vida destas antigas comunidades. Conforme Roberts (1998, p.19) lembra, “as mulheres foram também fundamentais para a economia destas primeiras sociedades [...]”. Não há nada de estranho nisso, pelo contrário, como já afirmamos, as mulheres estavam ligadas a reprodução e a fertilidade visto que o poder místico delas estava vinculado a cada parte do universo e da natureza.⁴ O sexo, nesse período, era a maneira mais eficiente de se aproximar da divindade, e somente as que estivessem ligadas ao serviço exclusivo da deusa, poderia, e devia corporificá-la nestas situações propícias. O pagamento não as ofendia: era, simplesmente, uma oferenda.

Roberts (1998, p.21), situa a origem de templos dedicados a estes serviços sagrados a partir de 10.000 a.C., construídos para fundamentar tanto a economia e a sacralidade destas sociedades, intrinsecamente ligadas. Mas, com a invasão de homens do Antigo Oriente e Mesopotâmia, o desenvolvimento foi estagnado bem como sua continuidade:

[...] Em torno de 3000 a.C., tribos de guerreiros, dominadas por homens nômades, cuja nova consciência do papel do homem na procriação era uma parte essencial da sua economia de criação de gado, começaram a invadir os territórios matriarcais[...] (ROBERTS, 1998,p.22)

As constantes investidas contra as comunidades agrícolas matriarcais conseguiram subjugar-las e, como naturalmente ocorrem aqueles que são dominados, a cultura do dominador foi assimilada, no entanto, isso foi um processo, no qual, o poder pendia para lado masculino, apesar do hibridismo deste primeiro momento de conquista. Guimarães (2007, p.36) explica este decurso, elucidando que as antigas sociedades, uma vez subjugadas, foram “deixando de ser sistemas fechados, onde a agricultura e a religião eram os centros essenciais, para uma sociedade na qual o comércio, a guerra e as conquistas eram os pontos mais importantes.” A partir daí, portanto, os registros da história, de acordo com Roberts, começaram a serem escritos.⁵

A sexualidade da mulher, dentro destas novas configurações sociais, passou a ser controlada, a fim de garantir o vínculo paternal da prole, por isso, casamentos foram instituídos de modo que o desejo do homem fosse sobre a mulher, bem como, na esfera

³ Ao contrário do que se poderia pensar acerca destas comunidades pré-históricas, elas eram organizadas em uma hierarquia e atividades religiosas, na qual, a mulher tinha uma importância fundamental: como afirmamos, sua atividade sexual era o clímax da corporização da Deusa.

⁴ De maneira que, mãe e prostituta, eram a face única da mesma moeda e não dicotômica, como as sociedades patriarcais as tornaram, tão logo assumiram o controle.

⁵ Nesse momento, a primeira civilização a se desenvolver, da qual temos o registro escrito, é a mesopotâmica.

mítica, apesar da prostituição continuar sendo sagrada; deuses homens foram inseridos com o objetivo de tirar da deusa seu poder supremo. A razão consistia em submeter as mulheres a um regime de regras severas. No entanto, segundo Roberts (1998, p.22-23), foi neste momento que a história da prostituição teve o seu início, oficialmente, mesmo com as mudanças inerentes, quando comparadas as primeiras civilizações:

Nos templos, as pessoas continuavam a adorá-la através dos antigos ritos sexuais, e isto continuou mesmo durante o período em que as sacerdotisas estavam sendo destruídas e depostas de suas posições de poder. É aqui que começa a verdadeira história da prostituição; com as sacerdotisas do templo, que eram ao mesmo tempo mulheres sagradas e prostitutas, as primeiras prostitutas da história.

Com efeito, as prostitutas foram, desde o Império Babilônico, dividindo-se em grupos que correspondiam as suas funções e hierarquias, um grupos delas trabalhava, especificamente, dentro do templo da Deusa Istar, e outras, prostituíam-se fora dotemplo.⁶ Entretanto, independente das imediações nas quais as atividades sacras/sexuais eram exercidas, ser prostituta garantia uma elevada posição nas primeiras e antigas sociedades patriarcais.

1.2. As prostitutas na Antiguidade Clássica e subalternização do feminino

Na Grécia e Roma Antigas, comumente alardeadas como supostos berços da civilização ocidental, o patriarcado assumiu o controle total sobre a vida de cada pessoa que sobre elas habitou: sua sociedade, dividida em classes, era composta por dominadores(cidadãos masculinos) e, do outro lado, submetidos, sujeitos que, em vista de sua condição social, não tinham direitos, somente obrigações a cumprir. Nesta continuidade, nem criança, muito menos mulheres, eram tidas como almas educáveis ou completas em seu desenvolvimento. As uniões e as relações, quaisquer que fossem, estavam determinadas pelo o *status* social que o sujeito tivesse e que poderia obter, portanto, o que estava em jogo era exercer o controle sobre o outro. Por isso, no que se refere ao campo da sexualidade, não interessava o gênero que o parceiro tivesse, desde que os papéis de ambos permanecessem de acordo com os protocolos sobre os quais se erguiam a sociedade antiga. Garton (2009, p.62), por exemplo, indica que “o tropo

⁶ Eram elas as *Entu* e as *Naditu*, que, conforme Guimarães (2007, p.37), ocupavam a mais alta posição; as *Harimtu*, ou semi-seculares, por sua vez, exerciam seu ofício de prostitutas fora do templo.

central da cultura sexual greco-romana era actividade /passividade”, ou seja, “o que constituía o estatuto e a identidade era o facto de ser ativo, penetrando o parceiro, ou passivo, recebendo o parceiro”. Somente o cidadão masculino possuía os requisitos necessários para assumir a atividade, enquanto que mulheres, escravos e jovens, constituíam o lado da passividade.⁷ Além do mais, nestas sociedades, as mulheres eram seres sexualmente incompletos, em comparação aos homens⁸, e estavam sujeitas a sua autoridade⁹ de modo que, sobre elas, havia uma enorme quantidade de prescrições e leis, cuja aplicação se resumia a punir a ofensa feita ao homem que exerce o arbítrio. No entanto, no tocante a ele, caso viesse a cometer adultério ou violasse uma jovem, a punição levaria em conta que o crime atingiu a honra de outro cidadão, possuidor dos mesmos direitos e deveres sobre a submetida.

Foucault (2014, p.179) explica que o casamento era a união que permitia ao cidadão grego a certeza de que sua descendência nasceria com o *status* social necessário para dar continuidade aos seus negócios, logo, a fidelidade da mulher era fundamental para a constituição da família e de uma prole honrada, mas, de maneira alguma, restringia a liberdade sexual do homem que, tanto quanto achasse necessário, manteria relações sexuais com escravos, prostitutas e/ou concubinas: “[...] ter relações a não ser com sua esposa legítima não faz parte, de modo algum, de suas obrigações.” Isto bem explica a formulação de Desmóstenes, em seu libelo *Contra Nera*: "Temos cortesãs para nos dar prazer; temos concubinas para com elas coabitarmos diariamente; temos esposas com o propósito de termos filhos legítimos e de termos uma guardiã fiel de tudo o que se refere à casa", este aforismo definia o papel da esposa enquanto receptáculo do sêmen do homem, embora, dentro do lar, ela fosse autoridade e, na maioria dos casos, a exercesse de maneira que o marido a valorizasse por isso. Assim, as mulheres criavam suas próprias redes sociais para se adequarem a este mundo excludente e patriarcal:

E enquanto os homens participavam numa cultura pública masculina global, as mulheres eram deixadas sozinhas para desenvolverem as suas próprias relações sociais. Em Atenas, particularmente, as mulheres estavam confinadas a esfera doméstica. [...] as mulheres eram vistas como fecundas,

⁷ É preciso considerar que esta afirmação parte da premissa de que as relações sociais entre os cidadãos gregos e os demais membros da sociedade pautam-se na importância do papel ativo/dominador assumido pelo homem.

⁸ Garton (2009, p.71) explica que o entendimento biológico da Antiguidade partia de dois quadros, o hipocrático e o aristotélico: o primeiro diferenciava mulheres e homens fundamentalmente, “as mulheres caracterizadas por um excesso de sangue”, o segundo via a mulheres como homens não desenvolvidos. Galeno, cirurgião grego, concebeu, a partir destas duas premissas, a hipótese do corpo unissexo, no qual o homem e a mulher compartilhavam o mesmo tipo de corpo, distinguindo-se pela quantidade de calor e de energia que o corpo gerava, logo, as mulheres eram imperfeitas e incompletas em vista da frieza inerente ao seu sexo.

⁹ Necessariamente o pai e, posteriormente, o esposo.

investidas de um definível “poder feminino sobre a vida e a sexualidade”, o que as envolvia num mundo feminino de comadres e amas [...] (GARTON, 2009, p.68).

As mulheres gregas, portanto, eram educadas para viverem, especificamente e somente, dentro da esfera do lar doméstico, a fim de que desta forma, fosse garantida sua fidelidade para com o esposo e a posterior certeza de que os filhos que procedessem desta união, eram, de fato, dele. Confinadas, elas passavam da mão do pai para o marido e, caso este morresse, antes da filha obter um casamento vantajoso, passava para os cuidados de um irmão ou parente mais velho. Conforme Roberts (1998) assinala, havia uma verdadeira vigilância constante sobre a mulher grega, iniciada pelo estadista Sólon, que subiu ao poder no século VI a. C., considerado um sábio governador de Atenas, este homem, apoiado pelos comerciantes e fazendeiros da classe média, criou regulamentos que garantissem a constituição de famílias monogâmicas, de sorte que, os aristocratas continuassem acumulando riquezas para repassar a seus descendentes. Deste modo, Sólon garantiria que a classe média, que o fez emergir, permanecesse no poder a fim de apoiá-lo, Roberts, explica esta tática:

Uma parte fundamental de sua estratégia era a regulamentação de suas estruturas familiares. Dividida em pequenas unidades familiares nucleares, os homens da classe média competiam ferozmente um com o outro, firmemente decididos a acumular propriedades e riquezas para transmiti-las para sua prole (1998, p.33).

Já que era tão necessária esta regulamentação, não é de estranhar que se fizesse, a partir deste momento, uma divisão significativa entre as *mulheres respeitáveis* e as prostitutas, o primeiro grupo, desde que nascia, estava destinado a se tornar um misto de esposas dedicadas, invisíveis e mudas, não lhe sendo permitido participar, por nenhum modo, do universo masculino: elas estavam confinadas ao lar de forma que “os nomes das mulheres não podiam ser pronunciados em público a não ser depois de terem morrido” (Garton, 2009, p.68). Segundo Roberts (1998, p.34), qualquer outro conhecimento, que não fosse o doméstico, era proibido uma vez que somente as prostitutas tinham este privilégio, não ficando bem a uma *mulher respeitável*.

Quanto às prostitutas, desde tempos mais remotos, elas eram constantemente procuradas, mesmo quando, por causa da conquista dos povos patriarcais, sua sacralidade decaiu consideravelmente com a falência dos sistemas de prostituição religiosa, o que por sua vez explicaria o surgimento do primeiro prostíbulo estadual em Atenas (Murphy, 1994, p.20). Sólon é, segundo os historiadores, o fundador do primeiro

bordel secular. Sua atitude pioneira o fez ser louvado por seus contemporâneos como o sacerdote de Apolo Nicandro e o comediógrafo Filemon de Sicarusa (361-262), que em sua comédia *O Delfo*, exalta a benfeitoria de seu governador à cidade, ao estabelecer um local, onde os jovens podiam ir e se aliviarem das energias que os fariam cometer crimes de violação e ofensa contra um cidadão. Roberts (1998, p.35), no entanto, observa que Sólon, ao se dar conta do florescimento da prostituição clandestina daquelas que não eram esposas, percebeu a chance de obter lucro de sua atividade para o Estado ateniense e, por isso, “Sólon confiscou prédios já existentes e os transformou em *dicteria*. Determinou que essas casas só poderiam localizar-se em certas partes da cidade e impôs diversas outras restrições a suas ocupantes.” (Murphy, 1994, p.21). Evidentemente, a fim de obter o ganho desejado, Sólon se utilizou de escravas e fornecedores de escravas para abastecer seu estabelecimento, a obtenção foi tão avultosa que logo outros bordéis, a exemplo do pioneiro, abriram em Corinto e nas imediações de Atenas: cada novo prostíbulo aberto, significava mais dinheiro para os cofres estaduais que investiam coletores para extraírem de suas inquilinas a soma exigida, denominada *pornikotelos*¹⁰. Entretanto, a vida destas mulheres, se assemelhava, e muito, as de suas irmãs, as esposas respeitáveis, pois, de acordo com Roberts, elas viviam em condições desumanas, de maneira que designá-las como meras prostitutas, se torna inadequado: “elas eram *escravas* do sexo” (1998, p.37). Nesta situação, somente os homens faziam fortunas com o comércio sexual das *dicteriades*: os administradores, os coletores de impostos¹¹ e, sobretudo, o Estado, que governado por Sólon, pretendia ter o absoluto controle de toda a prática de prostituição, mas a clandestina forma de vender o corpo se disseminava constantemente: mulheres independentes não queriam se sujeitar a escravidão estatal e, por isso, o meretrício era realizado na rua, tendo o suborno como a maneira eficaz de fazer com que poucas prisões fossem efetuadas, rivalizando com o Estado e suas regulamentações. Estas mulheres independentes, certamente tinham uma condição financeira favorável, fosse porque viessem de uma família abastada ou porque, com o dinheiro de seus serviços, obtivessem “liberdade”. Elas eram de duas classes, ambas alcançando, até mesmo, fama: as *aulétrides*, dançarinas e tocadoras de flauta e outros instrumentos e as *hetairas*, que, por sua beleza e inteligência, eram amantes de grandes estadistas e filósofos da Antiga Grécia Clássica.

¹⁰ As *dicteriades* eram obrigadas a pagar este imposto sobre tudo àquilo que viessem a adquirir, até mesmo de um amante.

¹¹ O historiador LújoBassermann (1968, p.15) revela que, como sobre eles ficava o encargo de cobrar o imposto exigido, nada mais natural do que cobrar bem mais do que o determinado e afanar partes destes lucros.

As *aulétrides* gozavam de um direito de escolha, o qual as *dicteriades* jamais sonhariam em ter: estava ao seu critério, oferecer-se ou não ao cliente, após o seu ato de dança e instrumentalização, além do mais, eram esteticamente lindas, de modo que, nas festas e banquetes em que eram convocadas, enlouqueciam de excitação os convidados e eram benquistas em toda a Grécia¹². Das que se destacaram, estão duas mulheres chamadas Lâmia, a velha e a jovem, que obtiveram fama e riqueza em virtude de terem amantes ricos e influentes, inclusive uma delas, tendo como amásio o rei da Macedônia Demétrio, foi presenteada pelo seu amante com 250 talentos, originados de um imposto que o rei impôs aos seus súditos com a justificativa de que sua querida mulher precisava desta quantia para comprar sabonetes.

As *hetairas*, por outro aspecto, foi o grupo de meretrizes mais famoso da Grécia Antiga, tanto por sua beleza quanto por sua educação. Tão formosas eram que se tornaram modelos de grandes poetas, artistas, escultores e pintores da Antiguidade Clássica. Além de se tornarem, tal quais suas irmãs *aulétrides*, amantes de homens ricos e influentes no Estado, sua forma de trabalho é sintetizada por Roberts (1998, p.41):

As hetirae conduziam seus negócios abertamente em Atenas, trabalhando independentemente tanto dos bordéis do Estado quanto dos templos. Usavam com frequência um belo jardim de cemitério, Ceramicus, como um equivalente antigo de uma revista de contatos moderna [...].

Ficava ao seu critério se entregar ou não ao homem que as quisesse, e, neste jardim, numa pedra, respondiam a proposta do interessado, positiva ou negativamente. Como o local era público, toda a Atenas ficava sabendo qual era a sorte do homem interessado. Neste cemitério, no caso da resposta da hetaira ser positiva, ao anoitecer, eles se encontravam.

Mas sua independência e influência no Estado grego provocou o ódio de alguns cidadãos de classe elevada: sem sombras de dúvidas, estas mulheres eram as mais inteligentes de toda a Grécia, instruídas nas artes e na ciência, participando ativamente do universo masculino, coisa impensável às *mulheres respeitáveis*, e, além disso, enriqueciam. Não é de estranhar que, por inveja, algumas famosas *hetairas* fossem levadas a julgamento, tal qual Aspásia que, amante do governador Péricles, fundou uma academia a fim de instruir moças, aspirantes a se tornarem uma *hetaira*, foi levada a julgamento perante os juízes, pois era acusada de ter formado um bordel, lesando o Estado do justo imposto. Somente os rogos e astúcias do amante a livraram de ser

¹² De tal maneira que eram chamadas de musicistas, flautistas, além do ofício de prostitutas.

condenada. Outra que foi invejada a tal ponto de ser levada a juízo foi Frinéia ou Friné, possuidora de uma beleza incomparável, ela despia-se nos ritos religiosos dedicados a Afrodite e, tal qual a deusa do amor, mergulhava nas águas do mar para ressurgir, encantando aos participantes. Sua atitude foi motivo para ser acusada de heresia e, sobretudo, estar distraindo os cidadãos de seus trabalhos, evitando que o Estado tivesse maiores rendimentos. Foram necessários muitos argumentos de Hipérides, seu advogado, para comover os juízes, no entanto, vendo que eles estavam irredutíveis, o eloquente conselheiro despiu Frinéia na frente de todos a fim de que contemplassem a perfeição que, de maneira alguma, ofendera a Afrodite. Diante de tamanha visão, Frinéia foi inocentada das acusações. Por fim, Laís, destemida e assertiva, se dava ao luxo de recusar qualquer homem que não lhe agradasse ou, como fez com Desmóstenes, cobrasse exorbitante quantia por seus serviços. Sua fama se espalhou por toda a Grécia, de modo que, quando foi brutalmente assassinada no Templo da Deusa do Amor, por respeitáveis mulheres, seu túmulo recebeu a inscrição que a designava como uma grande conquistadora. Após a morte de Sólon, as leis de Atenas suavizaram para as prostitutas, de modo que até mesmo as *dicteríedes* puderam andar livremente pela rua, algo que, antes, era impraticável dada a ganância do Estado em fazer fortuna com o trabalho delas.

Garton (2009, p.61) afirma que, em comparação aos gregos, no Império Romano, as mulheres aristocráticas tinham “um estatuto social mais elevado do que as de Atenas”, isso se explica pelo fato de, em primeiro lugar, as regulamentações e atenções do Estado Romano estar voltadas para os cidadãos masculinos, de modo que pouco interesse ou preocupação era direcionado a elas; “já que as mulheres se encontravam sujeitas ao próprio tribunal doméstico” (Basserman, 1968, p. 54). Roberts (1998, p.55) acrescenta que elas “tinham permissão para se instruir”.¹³ Entretanto, as mulheres, bem como os homens, não querendo ser enclausuradas nas convencionais paredes do matrimônio se recusaram a contrair casamento, a ponto de o Imperador Augusto promulgar uma lei que punia aqueles que, em idade de casar, não o fizessem, apesar das recompensas e benefícios com que seriam agraciados os noivos por parte do Estado, desde que gerassem filhos (Roberts, 1998, p.56). As mulheres, no entanto, não estavam dispostas a se inclinar as exigências estatais, fato este que levou muitas delas a

¹³Roma, conforme Roberts aponta (1998, p.57) nunca deu início a uma democracia, de modo que seu poder se resumia a poucos aristocratas que, cientes de seu número inferior, buscavam gerar filhos que pudessem perpetuar o domínio do Império sobre os povos dominados.

preferirem tornar-se prostitutas. Neste caso, Roma trouxe uma contribuição impar para a história da prostituição: criou uma rede internacional de bordéis, registrando as mulheres que desejassem viver do meretrício e punindo as que, sem registro, pretendiam continuar exercendo a profissão (MURPHY, 1994, p.29).

Estando sob controle do Estado, as prostitutas tinham de cumprir várias restrições de conduta e trajes, entre elas, tingir os cabelos de loiros e usar roupas que não manifestassem luxo, não é de se estranhar que grande parte delas não se registrasse e, deliberadamente, transgredisse as leis. Roberts (1998, p.62) observa que isso proporcionou, em Roma, a divisão de dois grupos de prostitutas: as *meretrices*(registradas) e as *prostibulae*(não registradas), este último grupo tinha maior número do que o primeiro. Isso, por sua vez, permitiu que houvesse duas espécies de bordéis: “os lupanares licenciados e os locais onde havia sexo à venda como suplemento ao negócio principal: tabernas, albergues e os notórios banhos públicos” (Murphy, 1994, p.30). Além disso, na própria aristocracia, a prostituição era prática do cotidiano, Messalina, por exemplo, esposa do imperador Cláudio¹⁴, é retratada por Juvenal¹⁵ como uma prostituta clandestina: mal o marido dormia, a imperatriz se disfarçava e ia exercer o ofício de prostituta em um bordel de quinta categoria. Sem falar dos inúmeros imperadores que, crenes de serem encarnações de deuses, garantiram relatos extraordinários de suas condutas e preferências sexuais.

As cortesãs romanas eram tão ambiciosas quanto suas colegas, as hetairas gregas, de acordo com Basserman, elas se entregavam a quem pagasse mais:

Jamais agiam com independência, em momento algum procurando impor uma certa dignidade à profissão; ao contrário, já se encontravam dominadas por aquele (sic) vazio mecanismo que as atirava continuamente às mãos dos que oferecessem maior lance, descendo ao plano de meras prostitutas (1968, p.56).

O equivalente, entretanto, às famosas hetairas gregas eram as *famosae* e *asdelicatae*, ambas, exigentes e delicadas que, em sua grande maioria, adivinham de famílias abastadas de Roma e roubavam os clientes das prostitutas licenciadas. Tão caras eram que, bem mais barato era casar-se, de uma vez por todas, com elas. Somente as prostitutas de baixa classe estavam nas mãos do Estado, mas, mesmo assim, havia

¹⁴Tibério Cláudio César Augusto Germânico foi o quarto imperador romano da dinastia júlio-claudiana, e governou de 24 de janeiro de 41 d.C. até a sua morte em 54.

¹⁵Foi um poeta e retórico romano, autor das Sátiras

transgressoras em todas as especialidades de serviços prestados.¹⁶ Era acessível o amor venal aos romanos: nas ruas, nos bordéis licenciados ou não, nas hospedarias, de todos os lugares, tanto para a aristocracia quanto aos membros mais pobres, a prostituição se fazia presente. Além disso, desde sua origem, Roma esteve ligada a prostituição, seu mito é a clara evidência disso: Rômulo e Remo, abandonados para morrerem ainda recém-nascidos no rio, foram salvos por uma loba que os amamentou e, logo em seguida, foram recolhidos por um pastor do campo que os levou a Laurência, chamada de Lupa¹⁷. Basserman (1968, p.44) não se surpreende com a explicação, de certo modo fantástica, que se atribui a origem das primeiras cidades-estados do que viria a ser o maior império da Antiguidade. Lupa tem o sentido de loba:

Não seria a única lenda a jogar com palavras, e Valério Anicia vai ao ponto de afirmar que Laurência, pelo exercício da profissão, fora sucessivamente adquirindo aquelas colinas em que atualmente se localiza Roma. Nada lhe sendo possível fazer com tais terras, presenteou-as aos dois filhos de criação, que aí fundaram a cidade de Roma [...].

De modo que a prostituição e a instituição de um lupanar, é bem mais antigo que a própria história de fundação da cidade romana.¹⁸

1.3 Castidade versus impureza pagã: o cristianismo e a prostituição

Com a queda do Antigo Império Romano e a ascensão do cristianismo como religião oficial do Estado, uma nova concepção de moral foi adotada pelos habitantes do Império: o lema da castidade, agora era a bandeira oficial da luta contra o paganismo. Basserman (1968, p. 97) encara este discurso como um delimitador das fronteiras entre as práticas pagãs e as santificadas por Deus. Neste sentido, o sexo, foi tratado pelos pais da jovem Igreja como pecaminoso, independentemente do status que o cidadão tinha: para Santo Agostinho, por exemplo, que ligava-o claramente à queda do homem, só era permitido praticá-lo se, e tão somente se, fosse para fins de procriação (Garton, 2009, p.84). Em virtude desta nova visão, cabia às mulheres venais se arrependerem de seus

¹⁶ Para se ter acesso as diversas classes e especialidades das prostitutas de Roma, consultar Roberts (1998, p.63-64) e Basserman (1968, p. 80-83).

¹⁷ Basserman (1968, p.44) explica que ela era assim chamada porque se entregava a muitos homens.

¹⁸ Roberts (1998) observa, nesta referência a AccaLaurencia, que há indícios de que as antigas religiões matriarcais estiveram presentes na Roma pré-histórica, entretanto, em vista da transferência do poder do feminino para o masculino, repentinamente, em Roma, a prostituição perdeu o seu caráter sagrado.

pecados praticados na condição de prostitutas¹⁹. Deste modo, se, nas antigas relações entre a religião e o sexo, o homem poderia se encontrar com o divino, “os primeiros pais da Igreja preocupavam-se com as corrupções da carne” (Garton, 2009, p.83), de maneira que a forma de transcender o plano físico era por meio da continência sexual. Não demorou muito para que exegetas como Orígenes concebesssem as mulheres como *recipientes do pecado* que, apesar da condenação de seus ensinamentos, alimentou e impulsionou a campanha eclesial em abster seus servos de suas respectivas esposas.²⁰ Por mais que homens como Sinésio de Cirene, se colocassem contra tal determinação, o resultado é bem visto nos dias atuais. No entanto, a estas mulheres, poucas alternativas haviam, de acordo com que nos expõe Murphy: “Essas mulheres abandonadas não tinham outra alternativa senão tornarem-se *focarii*, ou prostitutas ambulantes, sem marido sacerdotal nem lar. Entre as mulheres mais abastadas, muitas iam para os conventos [...]” (1994, p.50). Além disso, muitos padres não se separaram definitivamente ou imediatamente de suas esposas, convertendo-as em amásias.

Esta atitude com relação ao feminino bem revela o quanto os primeiros cristãos assimilaram dos clássicos gregos e romanos a ideia de um mundo dividido entre o bem e o mal. Roberts (1998, p.81) nos confirma que, para eles, o mundo foi criado em pares opostos, “com as mulheres, a carne e os sentidos identificados como o mal, e os homens, com sua desincorporada ‘espiritualidade’, como divinos”. A Igreja, portanto, se dividiu em dois grupos distintos: aqueles que, abstendo-se do sexo, aumentariam suas chances de salvação, e os demais, o povo laico, que casaria para frear o mal inerente a sua natureza pecaminosa.²¹

Garton aponta que: “Ao longo dos textos cristãos primitivos perpassa uma hostilidade profunda relativamente ao sexo, aí corpo e **as mulheres, em particular às sexualmente activas e às menstruadas** [grifo nosso]” (2009, p. 85). De fato, dentro de uma sociedade patriarcal, e sendo o próprio cristianismo oriundo do patriarcado, não à toa seus mestres demonstravam uma explícita hostilidade no que estava relacionado ao mulheril: o apóstolo Paulo ordena que as mulheres fiquem caladas dentro das igrejas²², ele considerava que a melhor maneira de se viver em comunhão com Deus era ser celibatário, mas, caso ninguém suportasse, que se casasse, entretanto, sua maior aversão

¹⁹ As mulheres se tornaram o alvo preferido da acirrada luta entre a pureza e a castidade, afinal, conforme o mito adâmico, foi por culpa delas que o homem perdeu o Jardim do Éden.

²⁰ A ordenança se encontra no Canon de Elvira.

²¹ Garton(2009, p.85) complementa que a Igreja via o casamento como um mal necessário.

²² Na carta endereçada à Igreja de Corinto, o apóstolo chega a afirmar que é vergonhoso que elas sequer falem dentro das igrejas (ver I Coríntios 14: 34-35)

se resumia as prostitutas: para ele, unir-se, carnalmente a elas, era profanar o corpo do próprio Deus. A prostituta se tornou o símbolo da corrupção e da imundícia no cristianismo, de modo que sua conversão significava a atração de novos adeptos à doutrina cristã e, fosse porque a mensagem de Cristo parecia-lhe acolhedora ou pelo fato de ter sua vida destruída,

[...] a cortesã romana – que existia não apenas em Roma, mas em todos os recantos de todo o imenso reino – descobriu a existência de sua alma, num jubiloso reconhecimento de que, ao contrário do que até então se admitia, existia algo nela que não fora maculado, readquirindo, com tal descobrimento, sua condição de ser humano. (BASSERMAN, 1968, p.100)

Mas, não foi com facilidade que o cristianismo obteve grande número de seguidores e, diante dos testemunhos orais acerca dos mártires, converteram diversos cidadãos romanos supersticiosos e temerosos dos castigos divinos. Histórias como a da prostituta eremita Maria do Egito, que por mais de 40 anos peregrinou pelo deserto em busca de redenção, e a de Maria Madalena, fiel seguidora de Cristo, embasaram as convicções dos propagadores da nova fé. Tudo indicava que o cristianismo estava conseguindo acabar com a prostituição, mas, nem as prostitutas foram embora, muito menos seus lupanares, “as casas ficaram e com elas as raparigas, já agora associando ao canúbio (sic) carnal o nôvo (sic) sabor da consciência de estar pecando” (BASSERMAN, 1968, p.105).

Além disso, no século VII d.C., uma nova forma de economia foi inventada, o cultivo da terra, o que, por sua vez, fez emergir uma nova aristocracia, diferente em muitos aspectos da antiga romana: os senhores feudais, donos destas terras, cujos empregados, apesar de não serem escravos, viviam na constante dívida e servidão ao senhor.²³ Os povos germânicos e eslavos, no entanto, fundavam cidades que se tornaram refúgio para aqueles que fugiam de seus senhores ou eram marginais. Como era frequente, a fome assolava, também, as terras dos senhores feudais e os servos se colocavam em marcha para outros lugares. No caminho se deparavam com a fome, a violência e a miséria e as mulheres, para sobreviverem, vendiam seus corpos. Neste contexto, não havia, tal qual no Antigo Império Romano e Grego, uma prostituição organizada, de modo que elas se aglomeravam em muitas especialidades e em grande número.

²³ O feudalismo era um modelo econômico que suprimia a força de trabalho do servo, em troca da proteção senhor. Naqueles tempos, cada senhor feudal era suserano em sua terra e, a fim de obter mais riqueza, guerreava literalmente com outros senhores e, nestas guerras de interesse, os servos sofriam por terem de tomar parte na guerra ou fugir.

Em vista da excessiva clandestinidade do comércio do sexo, tanto a Igreja quanto a burguesia, cogitou, como outrora, meios de obter lucros com as profissionais, colocando-as em uma casa, onde podiam ser resguardadas da violência das ruas e, deste modo, beneficiar a cidade. Com estas premissas, as casas de mulheres foram instaladas nas aldeias, sob autorização do Estado e concedido pelo Conselho Deliberativo. A justificativa plausível para a manutenção destes estabelecimentos era para resguardar a honras das mulheres honestas. A Igreja, aproveitando o ensejo, também buscou lucrar com os bordéis que estiveram sob sua administração e, não é de se estranhar que padres, monges e freiras, os frequentassem às ocultas ou claramente.

O arcebispo de Mogúncia assim procedeu [arrecadando o aluguel das casas de prazer] até o ano de 1457, quando subiu ao trono daquela bela cidade do Reno alguém a quem isso repugnava, passando o investimento de suas casas de mulheres aos temidos condes da cidade de Hennegau (BASSERMAN, 1968, p, 116).

A Igreja, sobretudo, via a prostituição como um inevitável e vantajoso mal necessário na sociedade. Estima-se que até mesmo a Basílica de São Pedro, fora construída com os arrecadamentos das prostitutas. No entanto, da mesma forma como no período clássico, elas estavam submetidas a diversas restrições que buscavam marcá-las e regulamentá-las, diferenciando-as e afastando-as das *mulheres respeitáveis*: em cidades como Leipzig, na Alemanha, elas deveriam usar um casaco amarelo; em Viena, deviam amarrar um xale amarelo em volta dos ombros; Bérgamo exigia que elas usassem capas amarelas; em Avignon, entretanto, foi proibido qualquer ornamentação que as deixasse elegante.

Murphy aponta que as desobediências destas leis e regulamentações trariam castigos severos às infratoras, mas, “como sempre, as mais pobres dentre as prostitutas eram as que mais sofriam com as mudanças de leis e atitudes” (1994, p.61), o que não significa dizer que a vida das mais ricas era fácil, pelo contrário, estas deviam viver em segredo, subornando ou entregando-se à polícia que as vigiava.

Outra classe de prostitutas fez parte da idade medieval, eram elas as acompanhantes dos exércitos de guerra, intitulada *prostituta de recovagem*. Estas mulheres, subordinadas a um sargento das prostitutas, eram responsáveis não só em fazer sexo com os soldados, como também cuidar das roupas, das latrinas, cozinhar, tratar dos feridos e doentes, sendo, portanto, tão necessárias quanto qualquer outro

integrante do exército.²⁴ Entre os muitos reis que não suportavam as prostitutas de qualquer categoria, estava o da França, Luís IX, cognominado, o Santo; tamanha era sua aversão por elas que conseguiu afastar as prostitutas de recovagem de sua tenda. De volta das cruzadas ele tentou acabar com a prostituição, promulgando leis de confiscação para quem, em Paris, estivesse ligado a prática da prostituição e oferecendo asilo às que desejassem abandonar suas vidas de pecados, mas não obteve sucesso, porque a antiga profissão florescia e se expandia por toda a Europa.

1.4. O resgate das antigas das raízes: a posição de cortesã

A redescoberta dos conhecimentos e saberes da Antiguidade definiram o fim da Idade Média (evidentemente, que isso foi um longo processo entre fins do séc. XIV e início do séc. XVI) e provocaram o Renascimento da percepção do homem acerca do mundo e de si mesmo, não somente pelo viés religioso, mas também humanístico. Nesse contexto, a Itália foi o berço deste período histórico, que se expandiu por toda a Europa. Roma, centro de toda cultura antiga, na Idade Média, era, praticamente, uma cidade fantasma e marginalizada, apesar de seu passado glorioso como capital do maior império da história antiga, nem mesmo o papa e sua aristocracia estavam sediados nela, pelo contrário, estiveram na França ou em Avignon. Somente a partir do pontificado do Papa Martinho V (1369-1431), que decidiu se estabelecer nela e dos posteriores, a arte renascentista floresceu e se desenvolveu na cidade sagrada. Basserman aponta que este momento possibilitou o nascimento da classe de prostituta mais cara e, portanto, mais rica da história da prostituição: a cortesã²⁵ que, junto com os artistas e religiosos, constituiu “um terceiro grupo, as cortesãs acompanhavam novamente a brilhante magnificência da Igreja” (1968, p.149). Magnificência renascentista que contribuiu “para o declínio espiritual da Igreja”. (MURPHY, 1994, p. 89)

Mas seu surgimento, não se deveu do nada ou, simplesmente, por acaso. A sociedade assimilando e buscando suas raízes, conforme Roberts, revogou a liberdade que a mulher tinha durante a Idade Média, confinando-a em casa, e, destarte, ela não tinha mais o direito de fiar, trabalhar no campo, tecer, ou ser dona de seu próprio negócio, assim como ocorria na Grécia Antiga, onde o melhor comportamento que se

²⁴ Elas eram em maior número, na época em que o papa Urbano II instituiu as Cruzadas, a fim de, com um golpe só, resolver as questões concernentes à fome e a doença, devido ao ataque da Peste Negra.

²⁵ Basserman considera que o desejo de retorno às raízes da Antiguidade, que marcou a Idade Renascentista, não só trouxe de volta o interesse pelas literaturas dos grandes filósofos e/ou oradores da época, como também permitiu que a representação das antigas hetairas gregas fosse revivida neste período.

podia esperar de uma mulher é que ela ficasse calada e imóvel, não participando da vida pública. Em contrapartida, as cortesãs de origem italiana “eram ricas e independentes; mantinham uma corte em suas casas suntuosas, onde recebiam os principais artistas, filósofos e políticos da época.” (1998, p.129). Elas não preferiram ser ou permanecer na condição de trabalhadoras honestas da sociedade cristianizada, sendo, portanto, mulheres verdadeiramente emancipadas, mesmo para os padrões vigentes na época. Esta classe se diferenciava das demais por mesclar ao seu ofício de prostituta, a inteligência e a sagacidade que não se esperava de uma *mulher respeitável*: versadas no latim, conhecedoras dos grandes filósofos da Antiguidade, poetisas, escritoras de renome e, certamente, de beleza indescritível, não é de se estranhar que este conjunto as fizesse valer bem mais do que suas colegas de outra categoria.²⁶ O padrão de beleza italiano, nesse período, circunscrevia às características de uma mulher que desejasse agradar um homem, dando preferência a cor loura dos cabelos ou, na falta deste, castanho claro (MURPHY, 1994, p. 90).

A iniciação no ofício se dava desde a adolescência, normalmente, passava-se de mãe para filha, como foi o caso da Túlia d’Aragona, filha de um cardeal e uma famosa cortesã, cujas qualidades eram exaltadas e reconhecidas em qualquer lugar que viesse a residir²⁷. Entre as mais famosas se encontram Impéria, cuja morte é um grande mistério; Massina e Beatriz. Mas, malgrado estas mulheres serem comparadas às grandes hetairas, o fato de estarem no regime cristão, impossibilitou que fossem vistas com a reverência de uma divindade, de modo que, além da inteligência e beleza, eram exímias na arte do furto e da vingança: a não ser que fosse o seu amante que estivesse atendendo (e mesmo assim, considere-se o quanto ela conseguia extrair de um nobre o dinheiro, casas, jóias, roupas, etc.), não permitia que qualquer outro, por nenhuma razão, lhe passasse para trás, recusando-se a pagar o que havia sido negociado, razões pelas quais, os ex-amantes buscavam vingança contra elas quando sentiam terem sido enganados e/ou roubados.

Amantes ciumentos e fregueses insatisfeitos tinham tendência a vingar-se através da prática da *sfregia*, o talho no rosto, que não apenas comprometia para sempre a beleza da cortesã como em geral também destruía seu ganho [...] Essas indignidades monumentais provocavam uma queda abrupta nos números de clientes e nos rendimentos. (MURPHY, 1994, p. 97).

²⁶ Que, neste caso, eram as *putanas*, prostitutas de rua, que estavam sujeitas a todo o tipo de restrições e punições severas como, por exemplo, açoitamento se se vendessem a um muçulmano ou judeu.

²⁷ Murphy (1994, p.92) nos informa que chegando a Ferrara, a cortesã foi louvada pelo embaixador, em uma carta que enfatizava sua habilidade e versatilidade no conhecimento da cultura clássica.

Além disso, com as mudanças que ocorriam na esfera econômica, permitindo que os trabalhadores do campo migrassem em maior número para a cidade, dando assim poder à classe burguesa que necessitava de trabalhadores para manufaturarem os novos produtos comercializados, as cortesãs estavam cada vez mais restritas aos burgueses, cujo valor moral havia se alterado consideravelmente em virtude destas questões e, sobretudo, da Reforma Protestante, liderada por pelo monge Martinho Lutero, a partir da Alemanha no séc. XVI e se estendeu por toda Europa:

O pretexto imediato da Reforma era a necessidade urgente de **reformular a escandalosa corrupção** da Igreja Católica e, no final da Idade Média, um forte movimento com que este objetivo desenvolveu-se dentro da Igreja [grifo nosso] (ROBERTS, 1998, p.139).

Esta Reforma dividiu a Igreja entre católicos e protestantes, estes últimos munidos de tal fervor de purificação que, novamente, trouxeram à tona a concepção da impureza do sexo e de seus malefícios, vendo as prostitutas como as causadoras dos males que assolavam os casamentos e as finanças do Estado. No entanto, haviam encontrado a solução perfeita para os problemas de ordem econômica e moral: o casamento, com vistas à procriação, a fim de que as crianças que procedessem da união matrimonial aprendessem a serem religiosas, tementes a Deus e trabalhadoras natas.

Durante a Idade Média, era natural que os clérigos visitassem ou mantivessem concubinas fixas ou prostitutas esporadicamente, bem como, obter lucro sendo arrendatários dos bordéis, mas Lutero ordenou que todos fossem fechados, de modo que as prostitutas que não tinham outra forma de ganhar seu sustento, foram postas na rua da amargura. O ódio maior dos protestantes²⁸ se dirigia a categoria das cortesãs, pois seu indigno modo de viver as fazia enriquecer, enquanto era pregado o quão prejudicial era a prática da prostituição, a ponto de até mesmo o seu meio de transporte provocar a ira dos moralistas (MURPHY, 1994, p.79).

A Igreja Católica não ficou atrás neste período, certamente porque via o crescimento do protestantismo e a consequente perda de seus membros, logo instituiu a Contra-Reforma, e as mulheres, como sempre, foram as que mais sofreram com isso sob o jugo de papas e monarcas moralistas. O papa Pio V (1504- 1572) decretou que as cortesãs saíssem de Roma, em um curto prazo (como, caso a ordem fosse cumprida,

²⁸ Também chamados de puritanos na Inglaterra, tendo em vista o seu radicalismo.

abalaria a economia do país, ele voltou atrás, mas as alojou num determinado bairro); Henrique VIII(1491-1547), apesar de sua devassa vida, decretou que, com castigos severos, a prostituição fosse abolida, mas seu interesse nos fechamentos dos bordéis, Murphy revela, só escondia o desejo que ele mesmo tinha de enriquecer:

[...] Henrique VIII deu ordens para que se impusesse um castigo realmente exemplar. Todas as casas, de todas as categorias, deveriam ser fechadas com tapames. Não seria por razões puritanas [...] O mais provável é que Henrique estivesse simplesmente planejando apropriar-se dos bens da Igreja, vetando os bordéis aos outros empresários e mantendo-os para enriquecimento próprio. (MURPHY, 1994, p. 77).

Neste sentido, como bem Roberts (1998) pontua, as atitudes políticas do monarca tipificam, precisamente, a intenção dos moralistas e do Estado absolutista, baseando-se no controle total de cada finança e da vida das pessoas.

Com a ascensão de Carlos II ao trono inglês em 1660, após a revolução inglesa, a aristocracia pôde se livrar dos grilhões de moralidade que os puritanos haviam instalado anteriormente e, novamente, as cortesãs e os bordéis, ascenderam ao gosto da classe alta da sociedade, este período ficou conhecido como Restauração²⁹. Os teatros foram reabertos³⁰ de modo que uma categoria de prostituta se entrelaçou as antigas: a *atriz prostituta*, o quanto eram talentosas em seu papel de dramatizar não nos é interessante, mas considerarmos como o teatro se tornou um dos pontos mais frequentados pelas profissionais do sexo e seus clientes. Roberts (1998, p. 176), enumera três tipos de prostitutas nestes locais: “Em primeiro lugar, havia as *orange-girls*, que desfilavam pelo auditório [...]” elas vendiam todo tipo de fruta, bem como seus serviços sexuais; o outro tipo eram conhecidas como *mascaradas*, em virtude das máscaras que elas usavam, “era a própria profissional; a prostituta que se especializava em trabalhar dentro do próprio auditório [...]”. Até mesmo a estrutura do teatro dizia muito acerca da classe social das prostitutas e dos seus clientes, onde os camarotes eram perambulados pelas mais caras; o meio, território dos burgueses, andava a prostituta de preços moderados, e a galeria era o território das prostitutas baratas para o povo. Roberts acrescenta que, justamente neste local, havia brigas constantes: “Entre eles, as prostitutas e seus cafetões faziam um tumulto [...]”.

²⁹ Com a queda do Estado Puritano, foram *restauradas* as práticas de promiscuidade da nobreza: já não era mais indecoroso ter uma concubina ou frequentar os bordéis, este foi o momento que os bordéis tiveram sua Idade de Ouro, pela Europa.

³⁰ Calvino condenou o teatro por considerá-lo um antro de pecado e perdição.

Mas, para a prostituta que ascendesse na carreira de atriz, as chances de conseguir clientes ricos eram grandes, uma vez que muitos papéis permitiam que os seus corpos fossem mostrados aos circunstantes. Foi o caso da mais famosa ente elas, Nelly, que se tornou amante do imperador Carlos II. Ela, de origem pobre, foi uma das provas de que os nobres preferiam não só as caras cortesãs, mas aquelas que eram da classe baixa, apesar de que a história de Nelly foi uma das poucas a esse respeito.

1.5.Século das Luzes: famílias, flagelo e virtude negociável

O século XVIII, cognominado, outrossim, *Século das Luzes* ou *da Razão* foi marcado pela recusa de todas as formas de dogmatismo imposto pela Igreja, exaltação da racionalidade e, no quis diz respeito à sexualidade, de grande avanço científico. O sexo não era mais tido como a relação de dois corpos unissexos, que se diferenciavam, somente, pela quantidade de calor e umidade da mulher em relação aos homens. “No seu lugar apareceu a ideia de o sexo ser algo entre duas pessoas de sexos diferentes – homem e mulher.” (Garton, 2009, p.132). Ou seja, a partir deste século, a heterossexualidade foi criada.

A classe burguesa, por sua vez, quis se firmar como a defensora da moral e bons costumes em comparação à aristocracia que permanecia no mesmo estado de dissoluta devassidão sexual. De fato, a prostituição continuou a florescer entre os círculos aristocráticos e, com elas, as diferentes especializações das prostitutas em diferentes bordéis das cidades de Londres e Paris. Havia, nesse momento, uma preferência e procura cada vez maior pelas belas especialistas em sadomasoquismo, que tanto podiam sofrer as dores dos sofrimentos prazerosos quanto causá-las nos clientes. Roberts (1998, p.190) discorre sobre os tipos de bordéis que se especializavam nestas habilidades e, por isso, se tornavam ricos e famosos por toda a Paris:

[...] Um modelo deste gênero era o estabelecimento de Mme. Gourdan, na rue des Deux Ports, em Paris. Uma das inovações desta senhora foi estabelecer em sua casa no centro do “harém”, um grande salão onde as prostitutas anunciavam seus serviços aos clientes através de poses provocativas. Madame também oferecia uma variação extremamente abrangente de serviços sexuais, um menu que na verdade satisfaria os gostos mais variados – e bizarros [...]

Bordéis como esse abriam-se pelas ruas de Paris, Roberts explica que a disputa entre eles não era pelos clientes, estes havia sempre e em quantidade favorável para

todos, a questão era obterem os *melhores clientes*, de maneira que somente a nobreza tinha condições de frequentar e custear os preços exorbitantes das realizações de suas excentricidades. Uma delas, aliás, consistia em deflorar virgens (ou supostas virgens) que a pouco enveredaram pelo ramo do meretrício,³¹ normalmente arrastadas pelo tráfico de inescrupulosos cafetões que se aproveitavam da pobreza dos pais ou das órfãs, para vendê-las a bordéis que se especializavam na exploração infantil. Naquele contexto, as políticas de defesa contra os abusos sexuais de crianças nem mesmo existia, apesar de, uma vez por outra, haver processos contra as donas dos estabelecimentos que infringiam às pequenas, trabalhos forçados de todas as ordens, cobrando preços exorbitantes por cada comida e roupas que comiam e vestiam dentro de sua casa de prazer.³²

Já na capital da Inglaterra, sob o reinado do liberal Jorge III(1738-1820),o comércio do sexo se tornou rotineiro na vida cotidiana da cidade. É evidente que os só nobres pudessem desfrutar dos prazeres destes bordéis, como, anteriormente, desfrutaram seus antepassados:

Pela primeira vez desde tempos coralíngios e dos gigantes da Idade Média, sob o reinado de Jorge III, veio a existir um bordel especialmente para a côrte (sic)[...] O bordel da corte consistia de algumas casas próximas do palácio Saint-James, numa rua estreita significativamente denominada “King’sPlace. (BASSERMAN, 1968, p. 185).

Não é à toa que, tal qual em Paris, os bordéis de flagelação floresceram, apesar de um pouco mais tarde (cerca de fins do séc. XVIII e princípios do séc. XIX). Mas isso não significava dizer que as cortesãs, que tiveram sua origem na Renascença, não estivessem em alta, mesmo sendo em um número ínfimo, as poucas que haviam se adaptavam às novas configurações sociais e se submetiam a um homem burguês ou nobre ou, até mesmo, a um cafetão, para se inserirem nos círculos influentes. Uma vez conseguido, ligeiramente alcançavam fama e riqueza, tornando-se amantes de ricos comerciantes e, não raras as exceções, casamentos vantajosos.

Para quem não possuía dinheiro, a realidade do Século das Luzes não era mais do que escuridão porque a economia do livre mercado ou moderna visava tão somente

³¹ Roberts informa que uma virgem valia bem mais do que qualquer outra, considerando-se o vício dos cavalheiros em adquirir uma *inexperiente*,enão é de se estranhar que as madames simulassem que suas novas cocotes eram virgens, mesmo quando passavam, em demasia, deste estado. “O uso de técnicas para ‘restaurar os botões amassados da rosa’, segundo o eufemismo contemporâneo, era tão difundido que o preço de uma virgem caiu de 50 para 5 libras” (1998, p. 196).

³² Elas se *graduavam* nas artes do prazer, nos cabarés mais sofisticados, aprendendo desde a cópula simples até as diversas maneiras de agradar um excêntriconobre nas relações sexuais.

a obtenção de dinheiro, por meio da exploração do trabalho pesado dos pobres e do comércio; os camponeses eram expulsos da terra onde habitavam, indo ter com a cidade londrina e dando origem a crescente pobreza e fome que os perseguia onde quer que fossem. Neste contexto, para as mulheres, pouca solução havia, a não ser se prostituir para sobreviver ou servir de criada para alguma família burguesa, na grande maioria das vezes, as duas coisas eram inteiramente possíveis. Estas mulheres estavam bem longe da noção de moralidade da burguesia e não se deixariam levar por vãos escrúpulos, uma vez que o mais importante era garantir a sobrevivência. A burguesia, aliás, não era indiferente à realidade do período em que vivia, pois a família nuclear se tornou o alvo do ideal de estabilidade financeira, ponto fulcral das admoestações dos grandes filósofos da época que viam, na mulher (mais especificamente, na mãe), a transmissora dos ideais morais ao pequeno burguês que, ao crescer, daria continuidade ao ciclo de produção e lucro almejados. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), o mais proeminente filósofo deste período, exaltava as qualidades e importâncias da mãe e desprezava aquelas mulheres que não aderiam à maternidade. Para ele, ser mãe era a função e o propósito natural da mulher.

No entanto, quando o assunto era o aumento da riqueza, a moral burguesa sabia perfeitamente se adequar e o casamento era a maneira de garantir o futuro de um homem, desde que ele se casasse com uma senhora que tivesse um excelente dote, fazendo uma importante aquisição aos seus lucros. Roberts (1998, p.202) classifica esta atitude de dissolver os valores, quaisquer que fossem, na simples obtenção de dinheiro em comércio, como a evidência de que “Tudo tinha seu preço – e, no século XVIII, quando a vida era barata e a sobrevivência muito frequentemente precária, o preço da virtude era baixíssimo”.

As mulheres de classe baixa ou operária, diante de tal realidade e das poucas e exploradoras condições de trabalho que tinham, restavam se prostituir para que pudessem ter o bom dote e, desta forma, obter casamento, porém, quando um casamento não era possível, o *status* de concubina servia para se firmar na vida social, sendo até, segundo Roberts (1998, p.203), honrável e respeitável. A heroína do romance de Daniel Defoe, por exemplo, *Moll Flanders*, escrito em 1722, demonstra e se enquadra nesse contexto da vida da mulher que, sem grandes opções, se vê presa a uma sociedade egoísta, capaz de obrigá-la a se submeter a um homem, a fim de se firmar financeiramente e de garantir sua dignidade perante os seus impiedosos membros. Moll, uma pequena órfã, prova das duas extremas realidades da vida: seguindo da pobreza à

significativa riqueza e, diante das necessidades da vida, se prostituindo e roubando, converte-se numa famosa ladra inglesa. Casara-se seis vezes, almejando em todos os matrimônios uma colocação na sociedade e, apesar dos discursos exaltando as qualidades da figura da mãe, não deu a mínima atenção aos os vários filhos que lhe nasceram ao longo da narrativa.

1.6. Da nova regulamentação à Revolução Sexual: a prostituição independente

Como uma forma de contrapor a liberdade sexual que se apoderou do séc. XVIII, o séc. XIX foi marcado, na Europa, por uma austeridade sem precedentes, regida pela ideologia de uma retidão moral irrepreensível, ou, melhor dizendo, que não permitia a liberação do sexo fora do casamento. Mais uma vez, os ocidentais desejavam matar o prazer e o pecado, assumindo um comportamento compulsório em vigiar a sexualidade. Este período foi denominado de vitorianismo³³, mas, “o recato público escondeu um próspero comércio do vício” (Garton, 2009, p.159), em nenhum outro período da história a prostituição encontrou terra mais fértil para florescer.

Essa facilidade é justificada pelo fato de que, apesar da Revolução Industrial, as piores e as mais depreciativas condições de trabalhos eram dadas as mulheres, bem como os menores salários, mais uma vez, tal qual no século anterior, a moralidade burguesa não era o suficiente para impedir que muitas mulheres da classe trabalhadora complementassem seus ganhos em um emprego, com a venda de seus serviços sexuais. Não à toa que o imaginário da classe média, quanto as mulheres da classe trabalhadora, associavam-na a prostituição, razão pela qual a literatura vitoriana trazia, em seu arcabouço, personagens femininos que se voltam para o meretrício: só o fato de ser pobre era o suficiente para que a classe média visse uma mulher como prostituta. Ao criarem uma ideologia acerca da prostituta, logo lhe atribuíram perigos indecifráveis no que se referia ao seu corpo, o que alimentava as fantasias dos vitorianos era a capacidade dela se entregar a muitos homens e a absolutamente a ninguém se apegar, razão pela qual buscavam explicações da ordem médico-jurista.

Na França, após queda do Antigo Regime e a instituição das leis napoleônicas, as mulheres, parte fundamental na Revolução Francesa, não eram mais incluídas na

³³ Nome que foi dado em referência a rainha inglesa Vitória (1837-1901), em que esperava-se que, tal qual, a monarca as mulheres se tornassem verdadeiras “Dragões da virtude”, vale destacar que o vitorianismo não foi uma característica particular da Inglaterra, ele se estendeu pelos dois lados do Atlântico.

Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, se é que um dia haviam sido, e, conforme os ideais burgueses, deviam retornar ao lar a fim de que exercessem a sua função, isso quando tinham a sorte de pertencer a classe burguesa, quando não, a crise econômica voltou a atacar o povo e os fez viver em necessidades. A nova legislação, por sua vez, como não tinha leis que regulamentassem a prostituição, “[...] em consequência disso, as ruas da cidade inundaram-se de prostitutas, que perambulavam quase despidas, nas roupas folgadas, transparentes e em estilo clássico do período” (ROBERTS, 1998, p.238).

Mas logo a regulamentação da prostituição atingiu a Europa, dessa vez sob ideias burgueses que buscavam regulamentar e/ou criminalizar a prostituição a fim de garantir maior lucro ao Estado. Na França, por exemplo, ficou a cargo da polícia supervisionar as ruas a fim de que, encontrando uma mulher em atitude suspeita, a prendesse ou multasse, não havia, necessariamente, razão mais poderosa do que a vontade da polícia de prender as mulheres que queriam ser independentes. Somente os bordéis, administrados por uma senhora, registrada e em dia com a polícia, tinha licença de abrir um bordel e oferecer as opções para o divertimento dos ricos burgueses que desejassem gastar dinheiro com uma de suas meninas. Mas, para as mulheres de classe trabalhadora, que faziam parte dele, esse sistema era uma verdadeira armadilha: do momento em que entravam no estabelecimento, tudo o que consumiam era da madame, e esta, anotava tudo para cobrar mais tarde e descontar de cada cliente que a prostituta atraía, como todos os utensílios eram caros, para que pudessem manter e indispensáveis ao trabalho, as prostitutas eram escravas da dívida e da madame.

Já no séc. XX, a preocupação da classe média para com o comércio do sexo foi consideravelmente diminuído em vista das Grandes Guerras Mundiais que assolaram toda a Europa. E, além disso, com a Revolução Sexual, na década de 60, a prostituição assumiu outras configurações e se misturou a formas outras de trabalhos, como, por exemplo, as casas de massagem e bares que permitiram fazer com que a prostituta escapasse de regulamentações quanto ao seu trabalho.

1.7. Prostituição no Brasil: teias do patriarcado

O Brasil, por sua vez, erguido sobre os preceitos e protocolos judaico-cristãos, não deixou de herdar a concepção de que, ao homem, era perdido que usufruísse de uma liberdade libidinal, a qual, em hipótese alguma podia ser concedido a mulher.

Esta ideia, fundamento do regime patriarcal, conferiu poder para que a sociedade patriarcal, da colonização ao Império e posterior proclamação da república, controlasse a sexualidade feminina, ou seja, das mulheres, filhas de nobres e burgueses ricos, quanto às de baixa renda, pobres e/ou escravas, estavam a mercê da insaciabilidade do homem, mediante a necessidade de, constantemente, provar-se digno do poder que o falo lhe conferia.

Enquanto homem era quase completamente sinônimo de figura do próprio patriarca, elaborou-se de uma caracterização mais diversificada da mulher, encadeando, mas, ao mesmo tempo, diferenciando visões da esposa e mãe legítimas, de um lado, das imagens da concubina, de outro (PARKER, 1991, p.62).

De forma que, ainda de acordo com Parker, a mulher, enquanto protegida pelo status social, era um meio de engajar o sujeito nesta posição de senhor da esposa e dos filhos, e, sem este status, ela servia para inseri-lo entre os homens conquistadores, os verdadeiros dominadores. A estrutura da sociedade brasileira, no que se refere a mulher, foi pensada para submetê-la aos propósitos do homem e, não é de se estranhar, que as prostitutas se fizessem tão necessárias aqui e florescessem com facilidade.

Na literatura, eram retratadas como penitentes ou, ao contrário, seres sujos que deviam ser evitados devido ao seu desamor e envolvimento com vários homens. *Lucíola*, por exemplo, romance de José de Alencar, publicado em 1862, a história de Maria da Glória, segue a mesma lógica de *A Dama das Camélias*³⁴, onde ambas as protagonistas, prostitutas que desprezam todos os clientes, até o dia em que conhecem o homem por quem se apaixonam e são vitimadas de uma doença fatal que as mata, não sem antes se arrependerem do mal que, supostamente, haviam praticado quando adentraram a prostituição.

Nem mesmo as obras realistas se importaram em destacar essas figuras femininas, de maneira subjetiva, quando, eventualmente, apareciam, de maneira que *O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*, corpus em análise neste TCC, se mostra um divisor de águas quanto a essa categoria, pois, sua personagem principal, coloca em cena tudo aquilo que, por muitos séculos, foi negado ou segregado. Na narrativa em foco, Bruna discorre sobre os caminhos que a trouxeram a prostituição e, ao mesmo tempo, põe em evidência o gozo que, somente com a profissão mais antiga do mundo, foi capaz de alcançar enquanto sujeito feminino.

³⁴ Romance do escritor francês Alexandre Dumas Filho, publicado em 1848

Finda a exposição histórica da prostituição, desde as sociedades matriarcais até a atualidade, apresentaremos, descritivamente, no capítulo vindouro, os referenciais teóricos que embasam nossa investigação.

CAPÍTULO II

OS (DES)CAMINHOS DA SEXUALIDADE FEMININA

A relação da psicanálise com a literatura se dá no momento em que se concebe a segunda como gerada a partir dos processos que formam e constituem o inconsciente, dessa forma, é possível relacioná-la a metapsicologia, uma vez que ela evidencia o discurso do sujeito, trazendo à tona as verdades mais secretas do psiquismo.

Bellemin-Noel (1978) é o autor que afirmou que esta ponte é realizável, ao considerar que há uma significativa continuidade nos processos humanos, que vai da criança ao adulto, do coletivo ao individual e do sintoma às narrativas fantásticas. Para ele, “a partir do momento em que tais fenômenos humanos são considerados em qualquer grau como realizações do Inconsciente [...] torna-se legítimo que um mesmo intérprete ocupe-se deles” (p.17), pois o desejo se manifesta de muitas formas e em diversos contextos, mas obedece as mesmas leis.

O capítulo foi organizado levando-se em conta a necessidade de se compreender como, e de que maneira, a sexualidade feminina se desenvolve, e, principalmente, como os encadeamentos que envolvem a dissolução inevitável do Édipo, contribuem para a instalação, fantasia e da passagem ao ato, no *corpus* em análise, da recatada Raquel para uma prostituta; decurso que ilustra os (des)caminhos do feminino. Tendo este objetivo em vista, priorizamos expor este desenvolvimento do ponto em que acreditamos ser pertinente ao entendimento da exposição, ou seja, a fase pré-edípica, perpassando pelos conflitos inerentes ao Édipo, a castração, a fantasia e, por fim, a realização, no real, do desejo que compõe a feminilidade da personagem em foco. É de suma importância incluir este capítulo ao Trabalho de Conclusão de Curso, uma vez que, para o mais completo e satisfatório entendimento dos termos empregados durante a análise, seja introduzida a teoria, pela qual, teceremos considerações relevantes sobre Bruna Surfistinha.

Como já expusemos acima, a fantasia da prostituição, ou, melhor dizendo, a de poder gozar de seu próprio corpo, bem como de outros – além de obter um significativo ganho –, sem que isso implique estar presa aos protocolos de um compromisso, é parte integrante da sexualidade da protagonista. Na verdade, acreditamos que esse anseio recalca, através de sucessivas metafóricas e metonímias, o desejo de ter o pleno amor do pai, figura parental responsável por incutir na menina a cupidez de ser desejada, por

meio do olhar que lança sobre a figura materna. Na falta disso, a futura mulher, provavelmente, buscou esse olhar faltoso em outros homens, que pudessem assumir o lugar vazio que o pai primeiro deixou, por diversas razões que não cabe especular. Neste sentido, nossa heroína está intrinsecamente relacionada à teoria uma vez que, em sua trajetória, deixa saber e entrever *como* se deu seu ingresso no mundo da prostituição e o *tornar-se* Bruna, nome que adotou enquanto atuava como prostituta.

Nossa pesquisa é de ordem qualitativa de modo que valemo-nos de especialistas e doutores que nortearam esta averiguação teórica, dentre os quais, fundamentalmente, elenca-se: Sigmund Freud [1856- 1939], Jacques Lacan [1901- 1981], Melanie Klein [1882- 1960] e Françoise Dolto [1908- 1988]. Eles serão utilizados por acreditarmos haver uma conformidade em sua teoria, que ajuda a traçar os (des)caminhos do transcurso de sexuação da feminilidade, o que não seria possível, se nos servíssemos de outros, cujos trabalhos, talvez, não seriam capazes de ajudar a formular este percurso.

2.1.O complexo de Édipo: o fundamento da sexualidade humana

Em psicanálise, o Édipo é o fundamento a partir do qual a sexualidade é constituída, esperando-se, de sua dissolução, os resultados que vão conferir ao ser humano a sua singularidade frente à escolha de seu objeto sexual.

Apesar de sua importância fundamental, o conceito do Complexo de Édipo não é uma das primeiras descobertas freudianas, pelo contrário, antes a antecedeu a teoria da sedução, na qual o pai da psicanálise buscava explicar os estados histéricos por meio de ações que os pais, supostamente, teriam praticado, provocando traumas em suas filhas que desencadearam nelas sintomas psicossomáticos. Mas, devido à recorrência de tamanhos relatos de suas pacientes, que afirmavam tal evento, Freud passou não só desconfiar da veracidade deles, como abandonou a teoria em definitivo, pois ao sustentá-la, certamente colocaria todos os pais no campo da perversão moral. Após constatar, no entanto, que as personagens que se presentificavam na narrativa das históricas eram os pais, ainda que, de fato e factível, nada tivesse ocorrido, Freud percebe a existência de uma fantasia, de ordem sexual, relacionada aos progenitores, que o fazia supor que as pacientes, ao menos, *desejavam* que algo tivesse ocorrido. Nada de mais problemático ao se constatar isso ante uma sociedade regida por princípios vitorianos.

A partir de seu sonho, que corroborou com as premissas de fantasias interditas, o mestre vienense percebeu a predominância, em si mesmo, de sentimentos contraditórios e afetivos em relação a seus próprios pais: neste sonho o chefe da família é tido como um homem que pretende tomar-lhe a mãe, a quem ama. Sua própria autoanálise demonstrou-lhe que ele mesmo, na infância, havia desejado a figura parental materna e odiado o pai por, de certa forma, privá-lo de usufruir dos cuidados dessa mulher. Ao buscar uma relação possível, Freud evoca a tragédia e o mito de Édipo Rei, personagem trágico que havia assassinado o progenitor e desposado a esposa do mesmo, que mais tarde descobriu ser a sua mãe.

Conforme Moreira (2004), Freud faz menção, pela primeira vez, ao Édipo no Rascunho N, endereçado a Fliess, em 1897: nele, acredita estar se aproximando da descoberta acerca da origem da moralidade e relata um sonho em que identifica sentimentos extremamente carinhosos para com uma de suas filhas. O pai da psicanálise, de acordo com Laplanche e Pontalis (2000), reconhece a universalidade do conflito do personagem grego que, sem saber da verdade sobre sua própria origem, coabita com a mãe. Neste ponto, Freud considera que, nas correspondências sequenciais, é de suma importância que o homem venha a abdicar a sua liberdade sexual, renunciando ao incesto para o bem da civilização. As primeiras formulações acerca do complexo Édipo conferiram-lhe uma forma simples e positiva³⁵, mas logo Freud percebe que há uma recorrência predominante de eventos e casos mistos, ou seja,

[...] o menino não tem apenas uma atitude ambivalente e uma escolha objetal terna dirigida à mãe; ao mesmo tempo ele também se comporta como uma menina mostrando uma atitude feminina terna em relação ao pai e a atitude correspondente de hostilidade ciumenta em relação à mãe [...](LAPLANCHE; PONTALIS, 2000, p.77).

Freud denomina este fato de *complexo de Édipo invertido ou negativo*, de modo que o pai é visto como uma figura que não recebe tão somente a rivalidade da criança, mas, seguramente, é ambivalente nesse triângulo edípico, uma vez que também é amado. Neste pensamento, o complexo de Édipo é considerado em sua forma total, como duas faces de uma mesma moeda.

Freud, portanto, considera que, sendo ele constitutivo para o ser humano, a entrada no Édipo se daria a partir dos três anos de idade, momento no qual, a criança, é

³⁵ Ou seja, considerando que Édipo hostilizou o pai e amou a mãe, o complexo de Édipo se definiu nos primeiros momentos em que o infante dirige a sua mãe sentimentos de amor e ao pai sentimentos de rivalidade pela disputa do amor desta mulher.

levada a compreender as interdições que a impedem de concretizar os desejos inerentes do Édipo, e esta interdição é, ao mesmo tempo, imposta e sentida pela introdução da figura parental paterna, cuja função implica estabelecer o corte na relação simbiótica da mãe e seu filho³⁶. Neste sentido, as contribuições de Melanie Klein, figuram como imprescindíveis ao entendimento desse momento primevo da vida que antecede ao Édipo: ela, considerando a ambivalência inerente no que se refere ao primeiro objeto de desejo, afirma:

O primeiro objeto de amor e ódio do bebê – a mãe – é ao mesmo tempo desejado e odiado com toda a intensidade e força características dos anseios arcaicos da criança. Muito no início, esta ama a mãe no momento em que ela satisfaz suas necessidades de alimentação, aliviando seus sentimentos de fome e lhe oferecendo a prazer sensual que obtém quando sua boca é estimulada ao chupar o peito (KLEIN, 1991, p.347)³⁷.

Devido a este fato, a mãe, evidentemente, é, de forma incontestável, o objeto, não só primeiro, mas fundamental na vida criança, porém, como bem frisamos acima, a falta da figura que estabeleça o corte necessário, configura este momento como pré-edipiano, localizado no início da vida. É em *Totem e Tabu*, publicado em 1913, que Freud assinala o caráter antropológico e necessário da figura parental paterna numa narrativa em que o patriarca de uma aldeia, possuidor de todas as mulheres, autoritário e intransigente, é assassinado por seus filhos que, após sua morte, temem assumir o lugar de seu falecido pai, receando que o outro irmão o mate. Nestas circunstâncias, institui-se o Tabu que regerá a aldeia, na figura e por causa desse pai que, pela sua morte, eterniza-se. Neste sentido, Lacan (1995), em sua releitura de *Totem e Tabu*, afirma a necessidade de que este pai morresse para que pudesse se instaurar o Interdito:

Totem e tabu é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai, o pai singular, o pai único, esteja antes do surgimento da história, e que o pai seja o pai morto. Mais, ainda: que seja o pai assassinado. [...] Para, afinal de contas, interditarem a si mesmos o que se tratava de arrebatá-lo a ele. Não o mataram senão para mostrar que ele é incapaz de ser morto (LACAN, 1995, p.215).

³⁶ Em outras palavras, a fase pré-edipiana, em que a criança está ligada a mãe que cuida dela e atende as suas necessidades de preservação da vida.

³⁷ Observemos, no entanto, que Klein compreende que a disposição edípica e sexual se encontra no sujeito desde o momento em que ele entra em contato com as primeiras frustrações no que se refere à satisfação da sua necessidade, isto é, quando o sujeito é um bebê e entra em contato com a mãe, ou, em termos kleinianos, com o seu seio nutridor.

De acordo com o pensamento lacaniano, a figura mítica deste pai é impensada, propriamente dito, de forma que se coloca como simbólico nas relações edípicas, instaurando a Lei que lhe é inerente, e estabelecendo o corte na relação deste que está se constituindo sujeito do *Outro*³⁸, o pai real nada mais é do que o representante da Lei simbólica, cuja função é transmitir as regras civilizatórias que inibem a concretização do incesto. Somente assim, o Édipo existe, quando este terceiro é posto na cena, mas não basta que ele esteja lá, é preciso que tenha algo que faça com que este Outro abdique de sua posição fusional com o filho, algo que lhe confira o domínio sobre o ser mais poderoso. Lacan, portanto, outorga ao *falo*, e este simbólico, a capacidade de ser o objeto de desejo da mãe, algo que ela não tem, e pelo qual permite a entrada desse terceiro que o possui e que a criança passa a desejar também possuir, de forma que se identificará com este pai com sentimentos ambivalentes: odiando-o por ter a mãe e amando-o por ser suposto ter o falo. Na menina esta é a razão que constitui a sua entrada no complexo de Édipo, pois, ao confrontar-se com o fato de não possuir um falo real, que antes imaginava, renuncia-o, e, posteriormente, identifica-se com este pai, fantasiando dele ter filhos, tal qual a mãe. Nesta ideia,

Na medida em que a situação gira em torno da criança, a menina encontra, então, o pênis real ali onde ele está, mais além, naquele que pode lhe dar a criança [...] É na medida em que ela não o tem como pertence, é mesmo na medida em que renuncia a ele, claramente, nesse plano, que ela poderá tê-lo como dom do pai. Eis por que é pela relação ao falo que a menina, nos diz Freud, entra no Édipo [...] (LACAN, 1995, p.2007).³⁹

Para Lacan, a criança, antes acreditava ser o falo da mãe, mas na medida em que sente as frustrações que ela o impõe com a sua ausência-presença (o que, por sua vez, é necessário que ela faça para que seja concebida como real), a criança nota que um outro, certamente detentor de um poder significativo, aprisiona a mãe e condiciona o tempo de sua permanência.

2.2.A inveja do pênis: complexo de castração

³⁸ Lacan qualifica este Outro como o ser capaz de suprir as necessidades nutritivas e pulsionais do sujeito e de conferir sentido a estas necessidades. Devido a este duplo papel, que, evidentemente, é da mãe, ela é tida, para esse lactente, como o Grande Outro, com o qual está fusionado.

³⁹ Conforme Roudinesco e Plon (1998) apontam, Lacan leva em conta a contribuição da escola kleiniana que indicam a inveja da menina em relação a mãe, e dos desejos fantasísticos no que se refere ao pai, ou seja, tomar o lugar da mãe e se tornar a mulher do pai, desejando que este lhes dê filhos.

Esse outro, terceiro, é o responsável direto pelo corte de uma simbiótica relação da mãe-bebê e, deste ponto em diante, o complexo de Édipo, como concebido por Freud e Lacan, se configura. Mas, eis um detalhe importante, a entrada da menina no complexo edípico se dará, somente, a partir do momento em que, por meio da comprovação da diferença dos sexos, a menina percebe que foi castrada. Dolto explica que esta observação tende a ficar cada vez mais exercitada,

[...]sobretudo no que tange aos funcionamentos do seu corpo e do corpo dos outros, ela percebe a diferença da característica peniana vinculada, a seus olhos, em primeiro lugar à função urinária. [...] Essa descoberta traz à menina uma decepção narcísica incontestável, bem como o desejo de possuir um *pênis centrífugo* [...] (DOLTO, 1996, p.53, grifo do autor).

De modo que a inveja do pênis, termo freudiano⁴⁰, é a base de sua fantasia de castração, e, neste ponto, há que se compreender que Lacan observa que a menina sente-se privada do falo que, devia estar lá ou estava e agora não está mais⁴¹. Quem, portanto, teria este falo perdido, ou melhor, castrado? O pai, não o simbólico, muito menos o real, mas aquele que foi imaginado pelo infante, que, conforme Lacan, está longe de ser compatível com a figura real: este pai imaginário é assustador, presente nas lembranças e fantasias dos sujeitos neuróticos. Este pai, devido a seu poder de cortar a relação com o Outro, é para a criança, possuidor deste falo simbólico, todavia, este falo pertence à mãe, de quem a menina passa a desejar o lugar, “Identificando-se e projetando-se em sua mãe, a menina, em seus fantasmas, frequentemente verbalizados, tem a esperança de que um dia, talvez por erro, o pai se engane de mulher e a tome como tal, e eles se casem e tenham muitos filhos” (DOLTO, 1996, p.77).

Françoise Dolto explica que, com relação à inveja que a menina tem da mãe, nada mais é do que a cobiça da posição que esta goza, junto ao pai, e, em efeito dominó, perante o mundo⁴². Sendo assim, aquilo que determina a saída do menino no Édipo, é o que determina a entrada na menina no mesmo, a saber, a angústia da castração. O pai,

⁴⁰ Freud afirma que, quando a menina percebe a diferença anatômica em relação aos meninos, ela “Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências (sic).” (1905, p.29).

⁴¹ Ou seja, o falo, entendido como real, não está lá, Lacan nos diz que, no que se refere ao real, nada é privado de nada, pois tudo existe, com exceção deste falo, que, como sabemos, jamais existirá, de modo que a sua simbolização se torna necessária para lidar com a sua falta.

⁴² O desejo precoce de ter os mesmos direitos e poder faz com que, na impossibilidade de realizá-los, a menina se volte para objetos que a ajudam a simular estar nesta posição e/ou simular parecer-se com a mãe, vestindo suas roupas e calçando os seus sapatos em uma tentativa de seduzir o pai e dele receber os filhos que deu a mãe.

visto como detentor do falo, portanto, do poder, determina a vida psíquica e prática da menina, já que,

Nesta segunda fase, a menina toma o pai como objeto amoroso, imaginando obter dele o pênis, antes recusado pela mãe. Como isto lhe é novamente negado, o desejo de ter um pênis passa a ser visto, de forma simbólica, como equivalente a ter bebês. A menina passa então a objetivar ter um filho com seu pai, desejo que será também frustrado, complicando a resolução do Complexo de Édipo na menina (RIBEIRO; GRANATO, 2015, s/p).

Neste sentido, Dolto coloca, a menina desenvolve, em lugar da angústia de uma eminente castração, a angústia da violação⁴³, na qual, concebe o pai como um sertemível, capaz de causar-lhe dor e sofrimento, mas como o único que é capaz de lhe dar um lugar, um lugar de poder que acredita que a mãe esteja gozando.

2.3.O gozo em Freud e Lacan: uma busca fora da Lei

Gozo é o termo psicanalítico que “implica a idéia (sic) de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio” (Roudinesco; Plon, 1998, p.299), de maneira que é perceptível que há nele muito mais do campo subjetivo do que, simplesmente, o sexual. A busca do gozo, necessariamente, implica que o sujeito sai daquilo que, via de regra, é determinado pela cultura, ou seja, das ideias concebidas no que tange não só a sexualidade, mas a fatos e eventos que constituem-no, enquanto tal. É importante mencionar que o conceito de gozo foi formulado e desenvolvido por Lacan, em sua teoria do significante, enquanto que Freud raramente o utilizava e, na eventualidade da utilização, ligou-o ao prazer da ordem sexual.⁴⁴

Lacan, por sua vez, compreendeu que o gozo não se refere, tão somente, ao prazer, mas que, de modo geral, é compreendido no sentido empregado em *Além do princípio do prazer* (1920), de Freud. Na oportunidade, o pai da psicanálise tecia considerações acerca da tendência, comprovada, do ego em repetir, inconscientemente, e por meio de outros caminhos, eventos sentidos como desprazerosos, mas que, ainda assim, continuavam sendo (re)encenados pelo sujeito, havendo neste fato um prazer que

⁴³ Ou seja, conforme atestação de Dolto, é o correlato do complexo de castração no menino, consiste em a menina reconhecer a desproporção do pênis do pai, em relação a sua pequena vagina, o que a angustia sobremaneira e a impede de alcançar seu intento edípico.

⁴⁴ Na ocasião, Freud se referia aos invertidos (homossexuais) que por não serem atraídos sexualmente pelo sexo oposto, não poderiam extrair nenhum gozo da relação sexual com o objeto outro escolhido (ROUDINESCO; PLON, 1998).

não é sentido como prazer. Aparentemente isso poderia contrariar o princípio do prazer, ao qual Freud atribui o curso dos processos primários, isto é, o princípio do prazer busca evitar o desprazer, de modo que, em um primeiro momento, não concordaria em ser conivente com qualquer ação, ora sentida como desprazerosa, mas Freud percebe que a compulsão a repetição está a serviço do princípio do prazer, na medida em que, somente no campo inconsciente, aquilo que se repete é tido como prazeroso. Na verdade, a repetição é a forma encontrada pelo ego de evitar que o que está recalcado venha à tona, pois é este conteúdo inconsciente que está sendo repetido pelo sujeito, apesar dele não ter ciência disso:

O doente não pode lembrar-se de tudo o que nele está reprimido, talvez precisamente do essencial, não se convencendo da justeza da construção que lhe é informada. Ele é antes levado a repetir o reprimido como vivência atual, em vez de, como preferiria o médico, recordá-lo como parte do passado. Essa reprodução, que surge com uma fidelidade que não fora desejada, sempre tem por conteúdo algo da vida sexual infantil, ou seja, do complexo de Édipo e seus derivados, e invariavelmente se dá no âmbito da transferência, isto é, da relação com o médico (FREUD, 2010, p.131).

Dessa forma, a compulsão a repetição está intrinsecamente relacionada com algo que antecede, até mesmo, o princípio do prazer e o princípio de realidade, podendo se configurar como uma tendência pulsional de ordem primitiva. Em virtude dessa descoberta, Freud reformula sua teoria, acrescentando que junto à pulsão de vida, está em completa simbiose e inseparavelmente, a pulsão de morte.

[Freud] vai mais longe e capta, no âmago do ser humano, um conflito de ordem interna, contraditório com o princípio do prazer e independente dele. Difícil de ser apreendido em estado puro, ele se manifesta pela dor e pela aliança que mantém com a vida através da transgressão, da hipocondria, da agressividade. Freud o denominou princípio de morte e o localizou para além da oposição que coloca as pulsões sexuais em conflito com a realidade [...] (ESCOLÁSTICA, 1995, p.189).

Desta forma, a pulsão ou princípio de morte é da ordem do excesso, uma vez que, pela repetição, busca o (des)prazer vivido em um momento primevo da vida, mas que, naquele momento, não podia ser sentido como prazeroso, dado que, no início da vida, os processos primários, bem como a consciência, não estão aptos a cobrir de significação aquilo que é sentido. Observando o caráter constitucional da pulsão de morte, Lacan redefiniu-a “como sendo uma pulsação de gozo que insiste na repetição da cadeia significante inconsciente” (VALAS, 2001, p. 7), campo no qual veio a situar o gozo.

2.4.As dimensões do gozo: o desejo primeiro

É importante salientar e destacar as premissas que levam a conceituação do desejo na psicanálise, e, a partir deste, delimitar as dimensões do gozo. Neste sentido, o desejo, em termos precisos, é aquilo que move o sujeito, fundamentado em uma falta primeira que jamais poderá ser satisfeita plenamente⁴⁵. Na verdade, o sujeito permanecerá, constantemente, na busca de substitutos que o remete, parcialmente, a sensação de um primeiro prazer e ligação, ora sentida e tida, porém perdida para sempre. Dessa forma, o desejo assume outras imagens e significados, na medida em que o sujeito começa a ser barrado pela linguagem. Para entendermos, claramente, em 1950, Lacan estipula uma distinção entre necessidade, demanda e desejo, pela qual, formula as premissas para o conceito de gozo:

Elaborando a distinção entre necessidade, demanda e desejo, Lacan observa que é o outro, a mãe ou seu substituto, que confere um sentido à necessidade orgânica, expressa sem nenhuma intencionalidade pelo lactente. Em decorrência disso, a criança vê-se inscrita, à sua revelia, numa relação de comunicação em que esse outro (o outro minúsculo), pela resposta que dá à necessidade, institui a existência pressuposta de uma demanda. Em outras palavras, a partir desse instante, a criança é remetida ao discurso desse outro, cuja posição exemplar contribui para a constituição do Outro (Outro maiúsculo) (ROUDINESCO; PLONT, 1998, p.299).⁴⁶

Nesse caso, vale ressaltar que Lacan pressupõe um autoerotismo primário, originário da falta que, em momentos de necessidade, a figura materna proporcionou, fazendo com que a criança volte-se para um objeto que possa substituir, não plenamente, a falta que a ausência provocou, portanto, a repetição do processo, uma vez que a necessidade foi satisfeita, transforma-a em uma demanda, mas o gozo primeiro não é mais obtido. O Outro, constituído a partir do discurso da mãe, que dá sentido a necessidade do bebê, e de quem procede o gozo primeiro e o mais satisfatório, jamais poderá ser alcançado.

⁴⁵ Razão pela qual o sujeito é concebido como desejante, pois, por toda a sua vida, estará em busca da satisfação de um desejo primitivo.

⁴⁶ A criança está enredada, neste caso, no gozo do Outro, pois é esse Outro que lhe confere sentido para o que sente, a necessidade torna-se o meio a partir do qual o gozo do outro seja instalado na criança. No entanto, a figura materna está, pela Lei, proibida de concretizar, no campo real, o incestuoso laço que une a seu filho, de modo que o gozo do outro desde já é barrado pela Lei instituída.

Dando o primeiro lugar ao significante, na sua anterioridade lógica e não cronológica, pode-se propor a existência de um gozo originário no só-depois da incidência da linguagem. Ele só existe na medida em que o significante lhe dá consistência. Com isso, a noção de objeto perdido toma outro sentido. O objeto primordial terá sido perdido “realmente” desde sempre e para sempre para o sujeito [...] (VALAS, 2001, p.29).

A este objeto primeiro sempre e para sempre perdido, Lacan denominou a Coisa, uma vez que, ela mesma, só pode vir a existir, ou, melhor dizendo, a ser notada, a partir de sua incidência no real, “[...] que o sujeito, na sua busca desejante procura encontrar, a partir de coordenadas de prazer e desprazer registradas no inconsciente que Lacan traduz em termos de significante” (Valas, 2001, p.30). O desejo é instaurado, do qual procede o gozo, sem o seu verdadeiro significante. Faz-se necessário que, para não sucumbir na falta que lhe é originária, o sujeito encontre substitutos para que possa ser satisfeito parcialmente, entrando, neste momento, a metonímia e a metáfora⁴⁷, motivo pelo qual ele é barrado pela linguagem, uma vez que, nem sempre se encontra sentido para a palavra (metáfora), da mesma forma como nem sempre se encontra palavra para o sentido (metonímia)⁴⁸.

2.5.O gozo fálico e o feminino: quando a linguagem não comporta a feminilidade

O gozo fálico é o que se origina da linguagem, submetido à lei e temor da castração, ele encontra-se, portanto, dentro de uma ordem simbólica, em referência e reverência direta ao pai primeiro da Horda Primitiva, mito formulado por Freud em *Totem e Tabu*. De acordo com o que expusemos, este pai primeiro tinha o direito de gozar de todas as mulheres e inibir, expulsar e proibir os filhos de fazerem o mesmo, pelo que era temido, até o dia em que os seus filhos o assassinaram pondo fim a sua tirania, mas, ficou o temor de que, se um dos irmãos viesse a assumir o lugar de líder da Horda, seria assassinado por um dos irmãos. Reunidos, os parricidas decidiram que este pai, morto, seria eternizado, representando a Lei que os proibia de tentar usurpar a sua posição.⁴⁹ Em vista disso,

⁴⁷ Figuras de linguagem que em que consiste a substituição de termos e significados, por outros que tenham uma relação implícita.

⁴⁸ Uma coisa sempre restará, da ordem do não-simbolizável, ou, melhor dizendo, que foge a simbolização, Lacan classificará isso como *objeto pequeno a*, devido a sua fuga do significante, ele é, ao mesmo tempo, a causa do desejo, uma vez que é um resto do gozo original, o qual, por sua vez, está perdido desde sempre e para sempre.

⁴⁹ Ou seja, a castração, enquanto imaginária e simbólica, tem efeito a partir do momento em que o pai totêmico ascende à posição de eterno, após o seu assassinato, instituindo a Lei pela qual não se é mais

Retomando o mito freudiano do pai originário, o pai da horda primeva de *Totem e tabu*, Lacan salienta que, se o conjunto constituído pelo filho submetido à castração (proibição feita sobre a posse das mulheres do chefe da horda) tem sentido, é porque, logicamente, existe um “pelo menos um” que não sofre essa submissão. Lacan fabrica nessa ocasião uma palavra-valise, tal como as produzidas pelo fenômeno da condensação*, e chama o “pelo menos um” [*aumoinsun*] de “homenosum” [*hommoinzun, hommemoinsun*]. Esse “homenosum”, que funda a possibilidade da existência da totalidade dos outros, esse pai originário, pai simbólico, segundo a conceituação lacaniana, não submetido à castração, é, pois, o esteio da fantasia de um gozo absoluto, tão inatingível quanto o é esse pai originário. Portanto, não há gozo para o homem senão um gozo fálico, isto é, limitado, submetido à ameaça da castração gozo fálico que constitui a identidade sexual do homem (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.300).

O gozo fálico provém do falo que, como sabemos, não é e nem se reduz ao pênis, o falo é um símbolo de poder que, historicamente, foi representado, ereto, por um pênis, mas, em um contexto em que se referia a poder, neste sentido, o pênis assume uma representatividade do falo, mas, cumpre dizer, o falo é um significado sem significante⁵⁰:

Em sua função imaginária, seu significado é o pênis; mas o Falo tem uma função que vai muito além do imaginário. Não se reduz a nenhum dos significados com o qual o travestimos, e justamente por isso, pode prestar-se a toda sorte de símbolos, já que ele é o objeto simbólico por excelência (ESCOLÁSTICA, 1995, p.30).

O gozo fálico é o da linguagem, interditado – por causa da Lei do incesto que recai sobre ela, cuja consequência ou castigo da transgressão consiste na angústia da castração. Mas, é a partir do falo que se distinguem os sexos: tê-lo, significa ser homem, não possuí-lo equivale a ser uma mulher ou, melhor dizendo, se colocar na posição feminina⁵¹.

Neste sentido, o gozo feminino é de uma ordem enigmática, porque escapa à lei da linguagem, ultrapassando o falo, se encontrando em um “mais-além” dele. Roudinesco e Plon (1998) atribuem isso ao fato de que, para as mulheres, não há um pai originário que escape a Lei da castração, como no caso dos homens, em que o pai primeiro era aquele que gozava de todas as mulheres e expulsava todos os filhos, razão pela qual foi assassinado, ascendeu a posição de pai simbólico e instituiu-se a linguagem, na forma da lei da castração, o que não implica dizer que a mulher não

possível gozar de todas as mulheres: sua morte é um aviso e lembrete para todo aquele que vier a transgredi-la.

⁵⁰ Podemos dizer também que ele não encontra outro significante, a não ser a própria significação.

⁵¹ Apesar de, é claro, o falo não se reduzir ao pênis, historicamente, ele é um atributo da posição masculina, legando aos homens a fantasia de achar que o possuem.

busque o gozo fálico. Na verdade, enquanto ao masculino é só outorgado um tipo de gozo, “Para uma mulher, o gozo é dual, por um lado fálico e por outro **louco e enigmático**, isto é, ‘não todo fálico’. Lacan o caracteriza como ‘mais-além do falo’, suplementar e não complementar ao gozo masculino” (Valas, 2001, p.82, grifo nosso). A mulher, no entanto, nada sabe acerca deste outro gozo, o qual, só pode sentir sem dele apreender o sentido. Nesta continuidade, Maria Escolástica (1995) propõe um termo pelo qual possa se unificar, de uma maneira coesa, o conceito de gozo feminino com as dominantes do feminino, que é a feminidade⁵², este ligado a falta constitutiva do sujeito mulher: algo, que esteve consigo, não mais está, razão pela qual, a mulher se faz o falo do outro⁵³: quando seduz, a mulher deseja ser amada e desejada, ainda que abdique, parcialmente, de sua posição feminina.

Mas, já vimos que a mulher não está presa, tão somente, ao gozo fálico, um outro gozo, sobre o qual, nada sabe, participa de sua sexualidade e constituição, ainda que muito pouco possa se dizer sobre ele, mas, cabe a pergunta que acreditamos ter superado: onde se encontra esse gozo da feminidade(para nos valermos do termo de Escolástica)? Como bem afirmamos, enquanto “O gozo masculino está fora do corpo. O gozo feminino, definido como *suplementar, além do falo*, está fora linguagem, fora do simbólico” (VALAS, 2001, p.88, grifo do autor).

Se ele está fora do único lugar que poderia conferir-lhe sentido, a saber, a linguagem, então, ele só pode se encontrar no próprio corpo feminino⁵⁴, mas este saber das significações intrínsecas ao seu gozo foi sendo esquecido, conforme aponta Escolástica (1995), recalcado e relegado para longe da humanidade, a partir do momento em que o patriarcado, derrubando o domínio matriarcal, se instituiu como o novo regime socio-cultural, espiritual, sexual e ideológico, já que o poder que emanava

⁵² Escolástica explica a razão de se valer deste termo: ela deseja ultrapassar “a mera divisão dos sexos” e conclui que feminidade esclarece e sintetiza sua premissa: a mulher, enquanto ser receptivo, tem uma falta ou vazio, mesmo uma abertura, algo que lhe falta, mas que, em algum momento, esteve lá e não se encontra mais.

⁵³ A linguagem analítica pode parecer incompreensível, quando não esclarecida com a devida vênua: em termos simbólicos, afirmamos que a mulher não tem o falo, assim como o homem não pode tê-lo, o que não impede que este significado sem significante seja procurado. Neste sentido, o homem, sob a ameaça da castração, receia perdê-lo se vier a transgredir a Lei do Pai; a mulher, por sua vez, dado que já seja castrada, para seduzir o outro, assume uma conduta fálica a fim de atrair para si o olhar do outro.

⁵⁴ Freud, apesar de ter inaugurado a psicanálise a partir do inominável desejo feminino, afirmou que a mulher era um continente obscuro, não havendo, portanto, significasse que pudesse angariar a noção do feminino.

dos cultos sagrados a deusa mãe, na pessoa das mulheres, assustava os homens que desejavam se desvencilhar deste poder místico e assustador⁵⁵:

O saber semiológico da feminidade, a passividade ou a receptividade que o exprime, foi sendo ao longo da História transformada em submissão e dor, única maneira de expressar sua sensibilidade intrínseca [...] Recalcado no inconsciente, o gozo semiótico proibido, restou ao corpo sua lembrança de gozo na dor [...] (ESCOLÁSTICA, 1995, p.21, grifo nosso).

Interessante destacar que a autora não usa o termo *simbólico* e sim *semiológico* para afirmar que o mesmo foi perdido; ora, bem sabemos que, no que se refere ao simbólico, próprio da linguagem, o gozo feminino não se circunscreve, de maneira que o seu saber era aquele em que, pelos signos apresentados no próprio corpo, se manifestava. Escolástica defende a tese de que, sócio-historicamente, o enorme processo de recalçamento, que teve origem com o advento do patriarcado, se estendeu até mesmo na língua e nas conversas cotidianas, principalmente na gramática em que, pelas regras de regência nominal, por exemplo, deve-se dar primazia no enunciado ao masculino. A ciência médica-jurídica, junto a instâncias religiosas, por sua vez, tentaram dar significados outros para as manifestações semiológicas deste gozo suplementar, em diferentes épocas da História: histeria, êxtase, possessão demoníaca, o que essas classificações tinham em comum era o simples fato de colocarem a mulher em uma posição de submissão, em nome de uma suposta normalidade.

Mas, também isso nos mostra que, apesar de todas as tentativas de recalcar o saber desse gozo e, até mesmo, bani-lo, tal como acontece ao recalque imposto pelo ego, houve falha também, pois, as suas múltiplas manifestações testemunham que o gozo feminino, dito suplementar – porque está além do falo – encontrou outras vias de manifestação e de se fazer presente na sexualidade feminina.

2.5.O amor e o olhar do pai: o início do processo de sexuação

Chegamos a parte de nosso capítulo teórico em que discorreremos acerca da subjetividade relacionada à prostituição e seus efeitos sobre a constituição da sexualidade feminina. Nesta ideia, devemos, em primeiro lugar, entender que a prostituição é vista como uma prática em que algum ganho é obtido em troca de favores

⁵⁵ O capítulo 1 deste trabalho faz uma breve exposição histórica acerca das sociedades matriarcais.

sexuais, “elementos sentimentais, como o afeto, devem estar ausentes [entre as partes envolvidas] em pelo menos um dos protagonistas” (Ceccarelli, 2008, p.1). Esta é a definição mais comumente usada para caracterizar a prática do comércio sexual, pela qual, conforme já expusemos, a dicotomia entre as mulheres é reforçada. No entanto, não leva em consideração, as questões da ordem subjetiva que sobre ela recai, não fazendo jus ao objetivo deste trabalho, mas, reconhecemos, é parte integrante das fantasias, conscientes, desejadas e atuadas pelos sujeitos que, por diferentes razões, estão em condições de se venderem sexualmente.

A censura que sobre a prática é colocada impossibilita que muitas mulheres possam manifestar o seu desejo consciente de se verem em lugar daquela que, em ambientes conservadores, é desprezada, mas que consegue gozar de todos os homens que desejar, sendo por isso paga, como que uma valorização de seu gozo. Em outras palavras, a prostituta é aquela que, na concepção censurada por algumas mulheres, tem o poder e a liberdade de obter o prazer negado a moça que foi levada ser bela, recatada e do lar.

As ações da censura, porém, nada mais são do que a representação das cenas e juízos originários da relação edípica com as figuras parentais que serviram de base e fundamento para a constituição do sujeito. Conforme discorreremos, o Édipo na menina se inicia pela sua entrada na castração, a qual, ela, não teme porque já é castrada. Percebendo que a mãe não é possuidora do falo, a menina dirige-lhe hostilidade e ódio uma vez que sente-se privada do mesmo: “A descoberta da castração materna coloca em julgamento o seu poder de narcisizar e a menina passa a esperar do pai a valorização” (Fortes, 2010, p.165). Pois o pai é o possuidor do falo, símbolo de poder, e poder sobre a mãe⁵⁶. Se a mãe não tem o poder, certamente se dá porque também é castrada, sendo o pai o único que pode dignificá-la, razão pela qual, por inveja da mãe, a menina volta-se para o pai e busca, na tentativa de usurpar o lugar da dela, o olhar.

Quando a menina se depara com o pai, ela encontra sua própria diferença anatômica no olhar que recebe e que pode ser interpretado como desejante. Já aqui está a contradição: se esse olhar não for interpretado (ou interpretável) como desejante, a menina não terá como vir a ser mulher (CALLIGARIS, 2006, p.18).

⁵⁶ Vale lembrar que a mulher é constituída pela falta, por ser castrada, de maneira que o falo é tido como o símbolo capaz de preencher a falta.

O olhar do pai constitui, dessa forma, a feminilidade, pois esse mesmo olhar é dirigido à mãe, de maneira que a menina entenderá que “para a menina ser mulher implica ser desejada por ele” (Fortes, 2010, p.166). No entanto, como bem sabemos, o incesto é interdito pela cultura, de modo que o desejo da menina continuará insatisfeito: o pai não deixará a mãe, mas exigirá que a filha seja fiel a ele, uma vez que o amor do pai implica a total ausência do fator sexual.

Em razão de que, presa ao amor do pai, a mulher jamais poderá ter outro relacionamento, de nenhuma outra ordem. É preciso transgredir este amor, abdicando do lugar de virgem que foi colocada pela figura paterna, e transgredir implica, necessariamente, amar outro homem ou se entregar, pelo que, no campo inconsciente, a mulher, que um dia fora menina, sentirá culpa de ter violado o amor do pai.

[...] É possível que para as mulheres seja necessário um passo a mais do que permanecer nesse único lugar, o de transgressão. Na vivência de sua multiplicidade, as mulheres encontram a virgem: aquela que está acima dos desejos carnis e tem o amor do pai como seu único caminho de reconhecimento. Eis a nossa virgem: aquela que ama o pai sem pedir um gozo sexual e, como prêmio, ganha um filho (CALLIGARIS, 2006, p.49).

2.6.A prostituição: uma forma de vivenciar a fantasia

Nasio (2007), sob a perspectiva lacaniana, define fantasia como uma encenação do desejo reprimido pela ação da cultura, ou seja, recalcado em vista de seu teor incestuoso. Neste sentido, é nítido que, em termos de originalidade, o que a fantasia abriga é o desejo ambivalente do filho pelas figuras parentais⁵⁷.

Que é então uma fantasia? É uma cena, às vezes uma recordação esquecida que, sem ter retornado à consciência, continua ativa. É uma cena em geral inconsciente destinada a satisfazer um desejo incestuoso que não pode se realizar. “[...] A fantasia tem como função substituir uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasiada possível. O desejo é então parcialmente saciado sob a forma de uma fantasia que, no cerne do inconsciente, reproduz a realidade” (NASIO, 2007, p.11). Dessa feita, as relações afetivas, sexuais entre outras, são constituídas a partir de fantasias que encobre o verdadeiro *sentido* ou a representação que os objetos têm. Vale destacar que, em virtude da ação do recalque, o ego entra em acordo com a sede das pulsões primitivas, o id, a fim de que, parcialmente, ele obtenha a satisfação de seu desejo,

⁵⁷ E não poderia ser de outra forma, se considerar que os pais, e, especificamente a mãe, são os primeiros objetos de amor do infante.

regulado pela observância do ego que busca impedir que os eventos e lembranças, que poderão ser sentidas como desprazerosas, venham à tona⁵⁸. No entanto, uma vez que as defesas, que constituem a fantasia, são parcialmente, baixadas, o inconsciente encontra vias de manifestações, como, por exemplo, o sonho, em que o sujeito, barrado pela linguagem, não terá como perceber os sentidos, ora condensados e deslizados, que irrompem no momento em que está sonhando. Isso não impede que, como bem frisamos, no campo consciente, o sujeito não busque atuar a fantasia, já que, salientamos acima, as relações são constituídas a partir de traços ou expressões fantasísticas que se projeta e identifica-se no outro. Uma, das claras evidências disso, é que a falta ou o pouco olhar do pai pode a razão que levaria uma mulher a prostituição: na busca deste olhar desejável, que a torne desejante, a mulher busca, em outros homens, o olhar no qual possa sentir-se desejada, ou seja, atua a partir da fantasia incestuosa de ser desejada pela figura parental paterna.

[...] crer no amor paterno e trair os ditames do mesmo possivelmente conduzem uma mulher a organizar uma fantasia de prostituição, uma fantasia de oferecer seu corpo a qualquer homem, sem escolhas, sem regras, sem condições, simplesmente oferecer-se. Ser livre para gozar de seu corpo, sem culpa (CALLIGARIS, 2006, p.29-30).

Nesta continuidade, a prostituição, entendida aqui como uma das formas de se constituir a feminilidade, é, para este fim, a maneira pela qual o sujeito mulher, pode vivenciar as suas fantasias (que, no teor original é interdita pela cultura), ou, em outras palavras, colocar-se na posição de poder gozar do próprio corpo e do corpo do outro.

Há que se compreender, no entanto, que não é uma simples imagem de prostituta ou de corpo prostituído que se encontra na fantasia, mas um conjunto de dominantes que, ao longo da cartografia histórica, a prostituta adquiriu, o que compôs a fantasia⁵⁹: a sedução, a ousadia e a liberdade (em tese, claro) de poder. A prostituta se coloca como o

⁵⁸ Perceptivelmente, a fantasia está a serviço das pulsões e do princípio do prazer já que age em consonância com ele para impedir o desprazer.

⁵⁹ Coloquemos da seguinte maneira: a prostituta é um sujeito desejado, evidentemente que, para isso, ela se vale de artifícios como adereços, maquiagens, etc., a garota de programa sabe que deve se fazer desejável para que possa seduzir o cliente, quando não, ela não obtém a vantagem que reclama quando assim se oferece. Guimarães (2007) aponta que “Os meninos são receosos de perderem seu órgão sexual, já as meninas têm pavor de não serem desejadas pelos objetos, sendo assim, as angústias infantis diferem” (p.84).

falo do homem, que, por causa da ameaça da castração, teme perdê-lo, de modo que ela não só realiza fantasias, como a si mesmo se permite vivenciar as próprias.

Ainda no campo da fantasia, a prostituição permite que o sujeito se desprenda de prerrogativas que pesam nas relações de afeto, como a de se ter compromisso para com outro, a fim de que dele se possa desfrutar, sexualmente. Em seu maior ambiente de atuação, a rua, a prostituta sabe que não se faz necessário que aja afeto, da ordem amorosa, para que possa entregar seu corpo⁶⁰. Na verdade, o amor é o que menos conta, conscientemente, apesar de que no campo inconsciente é o amor do pai que é buscado nos eventuais parceiros.

O que estranha é que na rua é possível transar; na rua é possível encontrar essa cobrança real, quando é dessa cobrança que elas fogem quando somem de casa. Sabem que não é a cobrança certa, como se pagar o preço que é cobrado fosse algo destrutivo e, na rua, pudesse ser algo diferente. Na rua tudo passa a ser acessível, viável e principalmente ela não está submetida às cobranças dos ditos parentes [...] (CALLIGARIS, 2006, p.53) ⁶¹.

Na fuga, às vezes, destas cobranças que a interdita, a mulher procura dar vazão a sua fantasia, tenta se desvincular de uma figura parental abusiva e autoritária, que não foi capaz de dirigir-lhe o olhar de que necessitava para que se constituísse mulher, mas, como que paradoxalmente, exigiu-lhe a total submissão. No final, a falta de que já é constituída, reclama ser preenchida, ainda que simbolicamente, e o pai da noite (como diz Calligaris) submerge na metáfora de um cafetão, ou, até mesmo, de um cliente. Por pouco que seja, sentir-se desejada terá a mesma equivalência de ser amada, e, ao mesmo tempo lhe permitirá ser o falo deste homem com quem terá ou não conjugação carnal.

Essa menina, com um histórico de abandono dos pais, busca um pai simbólico, “o amor do pai” passando inevitavelmente pela oferta de seu corpo, também sustentado por uma fantasia feminina. E na prostituição procura restituir o que perdeu ao ser expulsa de casa. Sendo assim, de pênis em pênis reais, ela procura substituir o falo paterno, nunca o encontrando, só alcançando o desejo sexual dirigido a seu corpo. Aqui podemos perceber a

⁶⁰ Neste aspecto, é importante destacar uma contribuição significativa da Calligaris (2006) acerca da entrega do corpo e do afeto: somente o amor do pai é pleno, pois deseja e ama a filha, incondicionalmente, mas, este amor é interdito pela cultura, pelo menos, em seu aspecto concreto, de modo que, como bem frisamos, é necessário que a fantasia entre para que, encenando a cena do desejo inconsciente recalcado, o sujeito possa, parcialmente (e, portanto, insatisfatoriamente) realizar o seu desejo. É interessante notar que a prostituição, aponta Ceccarelli (2008), é marcada pela ausência de sentimento de, ao menos, uma das partes envolvidas, de modo que, podemos inferir, em termos psíquicos, a prostituição é o ato ou efeito de entregar o corpo sem o amor pleno do pai.

⁶¹ Neste sentido, a prostituição, como já expusemos no capítulo 1 deste trabalho, é uma forma de insurreição contra as ordens de um regime patriarcal que, sócio-historicamente, inibe a sexualidade feminina, com medo de seu enigmático outro gozo, do qual nada se sabe.

diferença entre os dois casos, de uma fantasia da prostituição para uma prostituição de fato (GUIMARÃES, 2007, p.86).

O que se estabelece, portanto, é que, como parte constitutiva da sexualidade feminina, no campo fantasístico, a mulher buscaser amada. Na passagem ao ato busca um pai simbólico, nos vários pênis com que tenha contato a fim de que, esperançosamente, eles possam preencher a falta que sente em seu corpo. Este é o caso de Bruna Surfistinha, uma garota de programa que ficou famosa a partir de seus relatos em um blog na web, e, pouco depois, em virtude da repercussão, pelo livro. A obra descreve as maneiras de como, com habilidade e competência, a autora, ao *tornar-se* profissional do sexo, consegue obter dinheiro, riqueza e fama, mediante a venda de seu corpo a um masculino ainda envaidecido pelo poder do falo. Estamos diante de uma mulher sem pudores ou tabus: o enredo revela uma *personagem* experiente e dominadora, em relação ao corpo e ao sexo.

Terminadas as considerações teóricas acerca da sexualidade feminina e a sua relação com a prostituição, passaremos a análise do *corpus* deste Trabalho de Conclusão de Curso.

CAPÍTULO III

DE RAQUEL À BRUNA: CORPO, CARNE E DESEJO

A análise que se segue é de ordem qualitativa, uma vez que não nos propomos a mencionar somente eventos bibliográficos, mas efetuar reflexões que se manifestam no *corpus* em cena. Optamos por esta forma, em vista de que o objeto aqui estudado concerne a uma personagem, e isso afirmamos, apesar de saber que a obra em questão compreende fatos da vida da garota de programa Raquel Pacheco. Na verdade, no momento em que estes eventos são trazidos ao gênero discursivo literário, ou seja, sob forma de narrações, passam a se misturar com outros que se assemelham, em estética sem que isso implica a perda da sua identidade. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, o livro *O doce veneno do escorpião* é encarado como parte integrante da cartografia literária, e está sujeito as concepções teóricas que são feitas as obras que o antecederam. Neste sentido, vale destacar, para a Teoria Literária, personagem é um dos elementos da narrativa que compõe a história escrita ou exibida, podendo assumir funções diversas no texto em que esteja engajado. Em outras palavras, personagem só pode ser concebido dentro da esfera onde ela se encontra, ou seja, o texto. Brait (1985), explica que, sobretudo, a personagem é um “ser fictício, com forma própria de existir”. De forma que não nos valem de qualquer outro meio, além deste *corpus* e das informações nele contidas, para construir nossa observação.

Dividimos a análise em duas partes significativas, pois, durante a leitura da obra, percebemos que há uma clara e evidente subdivisão, em termos de narrativa, que abarca a vida de Raquel, antes de se tornar prostituta, e a outra, relacionada à Bruna, agora como assumida meretriz, até à sua fama e ascensão social. Ora, de acordo com o que ficou explícito no texto, a primeira é a causa, enquanto a segunda é o efeito da passagem da recatada Raquel para a sensual Bruna. Cremos, dessa forma, que a análise aqui empreendida devia seguir a mesma sequência, respeitando a intenção de sua autora, ao mesmo tempo em que nos permitiria tecer considerações sobre a sexualidade, no que supomos ser universal em todos os sujeitos, a saber, a passagem pelo Édipo.

Não somente nos valem de livros para efetuar nossa pesquisa, também nos servimos de artigos científicos que pudessem esclarecer, complementar e nos fazer entender aspectos relacionados à teoria analítica. É mister que informemos que os mesmos autores que compuseram o capítulo anterior, foram a base para que

construíssemos esta análise, e, além deles, eventualmente, utilizamos as contribuições de Georges Bataille (1987) e Joel Dor (2011). É importante destacar que as inspeções versam, em termos gerais, a constituição da sexualidade feminina em Bruna Surfistinha, correspondendo aos seus conflitos edípicos, perpassando pela sua estrutura psíquica e a fantasia que rege e alimenta seu desejo.

O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa é um romance autobiográfico, publicado em 2005, escrito por Raquel Pacheco, sob o pseudônimo de Bruna Surfistinha, a personagem principal da obra. Devido ao grande sucesso alcançado naquele mesmo ano, com o blog entre os internautas, bem como a repercussão que, junto ao site, veio a obter, Raquel decidiu compor um relato de sua vida, enquanto prostituta, reunindo-os em um livro que se tornou a primeira obra brasileira do gênero a abordar, com riquezas de detalhes, o cotidiano e os conflitos internos de uma garota de programa. As vendas atingiram a soma de 250 mil exemplares, isso somente no primeiro ano em que foi publicado. Em 2011, um filme, baseado na obra, foi produzido pela TV Zero, estrelado pela atriz Deborah Secco, interpretando Bruna. No entanto, uma ação judicial, movida pelo jornalista Jorge Tarquini, reclamava a autoria da obra, bem como todos os direitos autorais relacionados ao sucesso do livro no Brasil e exterior. O Superior Tribunal de Justiça, no entanto, deu ganho de causa a Raquel Pacheco, uma vez que o jornalista fora contratado como um *ghostwriter*, escritor fantasma, espécie de roteirista contratado para organizar as ideias do autor que não tiver aptidão para fazê-lo ou não o puder.

Este *corpus* foi escolhido por conseguir responder a algumas inquietações que nos propusemos a repontardesde que iniciamos a pesquisa científica acerca da figura da prostituta na literatura, em 2015. Ele, na verdade, é o resultado de nosso estudo acadêmico, que estreou no momento em que, sob a orientação do professor Hermano de França Rodrigues, buscamos um objeto singular, polêmico e que explicitasse alguns dos anseios que permeiam a feminilidade.

3.1.1. Queria fazer do mundo o meu quintal

Bruna e Raquel são os respectivos designativos de uma única e mesma pessoa, apesar da personagem, em análise, insistir na dicotomia dos nomes. Compreendemos as razões que levam a garota de programa a adotar não só este discurso, com também, o nome que a distingue quase que inteiramente: a mudança se refere à transformação que

teve sua vida quando, por motivações que serão, em parte, expostas neste Trabalho de Conclusão de Curso, decidiu sair da casa de seus pais, a fim de que pudesse, conforme diz, ser livre e feliz. A bem da verdade, o desejo de liberdade da pequena é um dos múltiplos pretextos que são levados ao campo da consciência, sempre acompanhados de significantes que buscam por evidência a intrusão das figuras parentais.

Meus pais tinham medo de assalto, de estupro, de tudo. E me prendiam. Para quem foi criada solta, brincando na rua ou no quintal, era a morte ficar presa naquele apartamento no Paraíso [em São Paulo], já tinha 11 anos e queria fazer do mundo o meu quintal (SURFISTINHA, 2005, p. 27-28).

Bruna atribui o seu desejo de ser livre ao fato de que foi criada em uma chácara, brincando livremente, sem as interpelações de seus pais que, pelo que percebemos, não tinham tanto receio de que algo lhe acontecesse, mas, mudando-se para a cidade, as coisas começaram a mudar drasticamente: por causa do medo⁶² deles, ela ficava presa no apartamento, impossibilitando que fizesse do mundo o seu quintal⁶³. Bruna faz um movimento de projeção, quando, em dado momento de seu relato, se vale desse fato, como explicação da inveja e as mentiras que veio a sentir e dizer: “Minhas amigas começavam a ir ao shopping, às matinês dançantes, e eu não podia. Sem liberdade, passei a mentir para ir onde queria (SURFISTINHA, 2005, p.28).”

Na comparação com as outras, de idade aproximada, talvez, na inexperiência própria da idade pré-adolescente, Bruna não podia deixar de sentir inveja daquelas que podiam usufruir de um direito de ir e vir, divertir-se e, como bem soube resguardar, *ir para onde queriam*⁶⁴. As mentiras, dessa forma, surgiram para poder garantir esta liberdade interdita e negada.

Vale inquirir: como são estes pais? Como se apresentam a esta menina?⁶⁵ Indagações bastante pertinentes para o esclarecimento do *corpus* em análise.

⁶² Não como um ato de proteção e cuidado para consigo, Bruna significa esta atitude de restringir sua liberdade como uma prisão, sendo, ela mesma, a prisioneira dos ditames dos pais.

⁶³ A narrativa em foco é repleta de metáforas, quintal é um significante bastante peculiar, pois, ao mesmo tempo em que indica que o sujeito Bruna queria poder gozar de uma liberdade, tal qual uma criança que brinca no quintal, atesta a não vontade de se desvincular, completamente, destas figuras parentais (não nos esqueçamos de que um quintal é uma parte, exterior, da residência de um cidadão).

⁶⁴ É interessante observar um tanto de enigmático nesta exposição: onde elas, suas amigas, poderiam ir, sem que fossem barradas? Não era só inveja que Bruna sentia, acompanhava-a uma curiosidade crescente de descobrir *um lugar* onde o poder da interdição, veiculadas pelas figuras parentais, não alcançasse. Ora, bem sabemos que as interdições são impostas pela Lei da linguagem, ao desejar ultrapassá-la, inconscientemente, Bruna nos mostra indícios de um desejo ao gozo, o outro Gozo.

⁶⁵ Certamente que a forma como as figuras parentais foram introjetadas, não impede que a sua imagem (Imaginário lacaniano) fique cravada no inconsciente, ou seja, as impressões que advir da infância irão perpetuar independentemente da idade do sujeito.

Minha mãe tinha ciúmes de mim. E demonstrava isso. Nem namorar, mesmo que fosse o carinha mais perfeito do mundo, eu podia. já meu pai... Ele nunca fez seu papel de pai. Tudo bem, teve o acidente, a doença, ele deixou sua carreira brilhante bem no topo, viveu uma depressão fodida. Hoje sei que, muitas vezes, ser agressivo comigo era culpa de tanto remédio tarja preta que ele tinha que tomar. Se antes eu o culpava, percebo agora que não foi bem assim [...] (SURFISTINHA, 2005, p.28).

As impressões de Bruna acerca deles, quando ela os dicotomiza, abre-nos a oportunidade de entendê-la, pelo que já percebemos que, enquanto a mãe, com os seus ciúmes, sufocava a menina; o pai não fez o seu papel de pai⁶⁶ que seria, eventualmente, estabelecer o corte necessário, impondo-se como aquele que é suposto ter o falo e devolvendo a filha o olhar que ela almejava, mas, ao não fazê-lo, como podia respeitá-lo?

Bruna, já adulta, confere um sentido para as atitudes da mãe: eram ciúmes de si, foi o que conseguiu significar, aproximando-se, parcialmente, de uma instância psíquica recalçada. Mas, se é bem verdade que a mãe tivera ciúmes, o pai, por sua vez, no âmbito do imaginário, não cumpriu seu *papel*⁶⁷, a raiva que a assola, devido a essa negligência, hoje encontrando explicação racional, não foi possível de ser expressa de outra maneira senão desafiando, brigando e enfrentando as figuras parentais: “A tal fase de adolescente rebelde que o excesso de proteção desencadeou ficou quase fora de controle, e as brigas, *principalmente com meu pai*, viraram rotina (SURFISTINHA, 2005, p.28, grifo nosso).”

À raiva que sentia de seus pais, somou-se o fato de descobrir-se filha adotiva deles, o que exasperou-lhe, ainda mais, a sanha de transgressão e desejo de desafio, mas, interditada de, tal qual Édipo, concretizar os seus desejos hostis de vingança para com as figuras parentais⁶⁸, Bruna soube sublimar a parte mais agressiva de suas pulsões primitivas, bancando, como diz, a boa filha, apesar de que estas ações, que bem

66 Um fato bastante peculiar na narrativa diz respeito ao deslizamento do significante pai que, dentro desta cadeia discursiva, assume uma forma metafórica quando a protagonista refere-se a Deus: “Acho que Deus não faz nada por nós, além de nos proteger” (SURFISTINHA, 2005, p.29). Neste caso, Deus, enquanto uma instância de poder, *nada faz* para proteger-nos, como o pai *não assumiu o seu papel*, mas deu-lhe de tudo que o dinheiro podia comprar visto que sua família era de classe média alta.

67 Mesmo que já tenhamos esclarecidos, em termos analíticos, não deixa de ser interessante de como a Bruna consegue trazer a tona questões que, via de regra, o sujeito não consegue expressar. É claro que a personagem faz isso de maneira fragmentada, no entanto, ela consegue encontrar sentidos que permitem a análise fluida do *corpus*.

68 Normalmente pensa-se que a história de Édipo se restringe ao amor, incestuoso, por Jocasta, sua mãe, e o assassinato de seu pai, Laio, esquecendo-se de que, antes de tudo, o protagonista de Sófocles havia sido abandonado para que viesse a morrer. Dessa forma, Édipo é um sujeito marcado não só pela ambivalência, mas pelo abandono daqueles que, em tese, deviam amá-lo incondicionalmente.

poderíamos tipificar como omissões, visavam, de forma latente, que fosse perceptível o quanto Bruna estava disposta a desafiá-los:

Eu fazia de tudo para manter a fama de "santinha" com meus pais. Voltava da balada e comentava com eles apenas o quanto havia dançado. Uma noite, porém, cheguei em casa com o pescoço bem marcado das chupadas do Thiago, um menino com quem fiquei várias vezes (SURFISTINHA, 2005, p.34).

Manter-se *santinha*, é, praticamente, um sinônimo de virgem no imaginário cristão, e, neste sentido, ser casta, significa possuir o amor do pai, ainda que, conforme expressa, ela tema-o. Este temor, pode ser relacionado ao medo de perdê-lo, se viesse a ser descoberta por completo. Nota-se que a menina é marcada por sentimentos ambivalentes em com relação aos pais, sentimentos que a acompanharam por toda a sua vida, como Raquel ou a garota de programa Bruna Surfistinha.

3.1.2. Não bastava um: tinham que ser vários para me satisfazer

Em seus 13 anos, Bruna já desfrutava de liberdade o suficiente para sair as baladas, sem que seus pais soubessem, exatamente, o que, de fato, ela ia buscar lá, devido, certamente, a maneira dissimulada como a garota retratava os fatos. Longe, parcialmente, de suas figuras castradoras e frustradoras, Bruna começou a desvendar os caminhos deste mundo que lhe era interditado, enquanto criança.

Um desconhecido. Eu dançava sozinha quando esse menino me puxou para um beijo. Minha primeira balada à noite. Nem perguntei seu nome. Meu primeiro programa de "adulto". Liberdade aos 13 anos, quase 14. Não fazia nem meia hora que eu havia chegado. Meu primeiro beijo. Ali mesmo, do beijo passamos ao amasso, no meio da pista. Quando eu menos esperava, ele me largou. Tudo assim, sem sentimento, sem trocar uma palavra. Naquela noite, fiquei com outros dez garotos diferentes. Não bastava um: tinham que ser vários para me satisfazer. Raquel despertava para o sexo (SURFISTINHA, 2005, p.14).

Precocemente, a garota deparou-se com o real da energia libidinal que estava por trás de suas atitudes transgressoras e constantes brigas com as figuras parentais, algo pelo que estava à procura e sabia que, somente no mundo adulto, poderia obter: não necessariamente o sexo, mas a estimulação de zonas erógenas propícias ao toque e ao gozo. A sensação ao toque e aos primeiros beijos, e estes de ordem intensa e lasciva, são

descritos com um *amasso*, figura metonímica utilizada para descrever as excitações que perpassam o corpo, durante as preliminares do ato sexual.

Certamente que as considerações que a adulta Bruna tece acerca das sensações da adolescente Raquel, neste momento, são os sentidos que, somente com a idade e experiência, foi capaz de significar, o que não deixa de ser interessante que haja a constatação de um fato bastante curioso: um homem só não era o bastante para que a menina ficasse satisfeita. Em primeiro lugar, é mister que vejamos nisso um indício de uma espécie de gozo feminino, insatisfeito e insatisfatório, que se depara com a sua falta constitucional, falta essa que não encontra significação lógica e/ou primordial, razão pela qual, o gozo feminino é chamado de Outro Gozo, do qual nada se sabe. Bruna *sente* que não lhe basta um só homem, o último significante não deve ser visto, pela perspectiva analítica, como tão somente *um homem*, em seu sentido físico, já que a garota não o especifica, mas, em conjunto com as condições que o(s) constitue(m) como tal, ou seja, o que o faz um homem ser desejável. Nesta ideia, inferimos que a falta constitucional, que é um traço deste gozo feminino, por não encontrar significação, concentra-se em uma significante de poder eimprescindível ao gozo, o qual é suposto que o homem tenha, a saber, o falo. De forma que, para que Bruna veja-se como possuidora, momentaneamente, desta significação é necessário haver outros que sejam detentores do que ela sente que fora privada.

Ainda que a sua busca, desde o início, esteja condenada ao fracasso, não a impede de encontrar-se com meios que, parcialmente, dão-lhe uma sensação de gozo, algo de ordem (des)prazerosa que a ajuda a se deparar com a própria falta e da continuidade ao processo de constituição de sua sexualidade:

Na pista da Krypton, em plena Vila Olímpia, a cada noite de balada eu queria mais e mais. Ia de saia bem curta, para facilitar as coisas para quem quisesse sentir com as mãos o que a quase escuridão não deixava mostrar. [...] Abri muito zíper de garotos na pista mesmo, só para baixar sua cueca e puxar seu pênis um pouco para fora para brincar [...] O prazer que experimentava ao sentir o pênis do garoto, duro por minha causa debaixo das calças, me roçando aqui e ali, era quase irresistível. (SURFISTINHA, 2005, p.16).

Ainda que haja um jogo metonímico que dá ao termo *brincar* uma conotação bastante significativa, não devemos nos esquecer da idade em que Bruna tem neste momento e que, apesar da pouca experiência, em termos de sedução, busca se fazer notar pelo olhar do outro, numa procura incessante de (re)encontrar nele, o olhar do pai que lhe faltou.

Além disso, ela põe em evidência o prazer que lhe provoca o fato de excitar o homem, de ser, frisado por ela, a causa desta excitação tangível (no caso a ereção do pênis). Ela se coloca, nesta perspectiva, como o falo do outro que é suposto tê-lo. Ela se torna o objeto de desejo, exercendo, a seu modo, controle sobre ele e a situação já que, apesar desse premente desejo de gozar dos segredos do sexo, a menina mantém a virgindade: “Nunca transei na balada. Houve muitas oportunidades, mas nenhuma coragem. Para perder a virgindade, teria que ser com alguém especial” (SURFISTINHA, 2005, p.17). Manter-se virgem equivale dizer que o homem não consegue bem tudo o que quer, mas, é claro, havia outras razões para que não estivesse disposta a se entregar tão facilmente: uma delas se referia à angústia de sentir-se violada, da dor que poderia vir a sofrer quando, em sua concepção, fosse penetrada:

Na hora de transar de verdade, de ser penetrada, ficava arrependida e com medo.

- Eu preciso ir embora.

- Agora que a gente tá no embalo?

- É que meu pai vem me pegar daqui a pouco. [...]

Sem falar no medo da dor e do sangramento do qual falavam as revistas de adolescentes. Achava que sangraria horrores, como uma torneirinha de sangue.

No fundo, era inexperiência mesmo (SURFISTINHA, 2005, p.17-18).

O tão cobiçado falo, que, neste contexto, assume uma equivalência de pênis⁶⁹, torna-se temível e temeroso, assustador quando a pequena garota percebe que se aproxima a hora de consumir o ato sexual. A angústia está ligada a dois fatores que podemos destacar: o primeiro deles se refere às fantasias que procedem da idealização deste órgão e o que ele poderia causar ao seu corpo, das quais, Bruna nos revela a parte de uma, o medo da dor e do sangramento⁷⁰, termos que se encaixam muito bem em uma fantasia, inconsciente, referente a violação, a qual, só *poderia* ocorrer no ato da penetração genital. Não à toa que, novamente, como desculpa – que ela acreditava ser somente um subterfúgio para se livrar da situação – o pai é mencionado como aquele que a espera e que a vem buscar. Ora, sabemos que o pai é o primeiro homem que a menina julga a ter o falo, e, portanto, ele é capaz de estabelecer o corte na relação da mãe e do filho. Não é de se estranhar que ele seja o primeiro também a fundamentar essa angústia da violação. Logo, o pai, enquanto figura de poder, é a desculpa perfeita

⁶⁹ É evidente que não cometeríamos o erro de pensar que o falo se restringe ao pênis, já elucidamos isso no capítulo 2 deste Trabalho de Conclusão de Curso.

⁷⁰ Ao que tudo indica, a garota não havia sido instruída quanto a relação sexual pelas figuras parentais, de forma que, valendo-se de informações advindas de suportes direcionados ao tema, acabou, devido as poucas informações que assimilou, alimentando a fantasia de violação.

para livrar-se da situação, pois é aquele que pode reclamar a posse da filha, ordenando-a que permaneça intocável para ele. A segunda fantasia consiste no medo de perder, por definitivo, o amor do pai já que se entregar, sem amor⁷¹, seria desonrá-lo.

3.1.3. Pô, filho era o que nascia da barriga

Um ponto bastante delicado na infância de Bruna se refere aos eventos relacionados com a descoberta de que foi adotada, descoberta que não sabia explicar como viera a descobrir, mas, tinha certeza, explicava as atitudes castradoras e, ao mesmo tempo, ausentes de seus pais. O fato de ser apadrinhada, e saber o quanto havia sido desprezada por outro que a colocou no mundo, fez com que se valesse da dor que isso lhe causou como uma arma de defesa e ataque quando era oportuno:

Não me lembro por que, quando foi ou quantos anos eu tinha, mas não esqueço que cresci com a história de ser adotada na cabeça. Quando tinha cinco anos, perguntei à minha mãe. Diante da resposta positiva, não tive coragem de perguntar o que significava, afinal, adoção. Levei minha dúvida para a professora da escola, que me explicou que as pessoas adotadas foram bebês abandonados em um lugar porque a mãe não podia ou não queria criar. Depois disso, vem um casal e escolhe uma dessas crianças para a adoção. - Escolher? - Me senti um objeto. Por mais que meus pais sempre tivessem me tratado como filha, foi difícil não me revoltar, mesmo que guardasse isso só para mim. Pô, filho era o que nascia da barriga. Só comecei a aceitar o contrário bem mais tarde. Talvez tarde demais (SURFISTINHA, 2005, p.20).

A explicação da professora, dada a sua tecnicidade e frieza, nos termos como foi colocada, aumentou a sensação de sentir-se uma intrusa no ninho, além disso, a garota traz outros eventos que contribuíram para que a sensação aumentasse: as observações das pessoas ao redor e, até mesmo, algumas mentiras contadas por sua mãe a essas pessoas a fim desviá-las da verdade do fato de que a filha não nascera de seu ventre. A adoção explicava a forma como seu pai a tratava, ou, melhor dizendo, não a tratava, negando-lhe o *papel* de pai que a menina julgava que fosse dele, o que lhe incutiu bastante revolta. O sentimento de não ser querida e desejada por seus familiares acarretou numa baixa alta estima e necessidade de ser amada⁷². Nem mesmo um tio, diz ela, “jamais me tratou como sobrinha” (p.21).

⁷¹ Sem amor do pai, acrescentemos, somente o amor dele é pleno, porém, interditado pela cultura.

⁷² Ou, em termos mais claros, uma carência de afeto, o que, por sua vez, explica a importância que a garota dava ao fato de ser objeto de desejo do outro, assim como ser a causa de seu desejo.

Quanta inveja eu senti das minhas amiguinhas que se pareciam com seus pais, com sua família de verdade!

A raiva ia dos meus pais biológicos para os adotivos. Quando brigávamos, eu os chamava de tio e tia. Coitada da minha mãe... Mas eu não tinha maturidade nem estrutura para lidar com isso sozinha (SURFISTINHA, 2005, p.21).

Logo, a transgressão e o desafio às ordenanças e os interditos estabelecidos pelas figuras parentais, se mostrou uma maneira de manifestar esse ódio, fazer-se notada e, ao mesmo tempo, odiada por eles. Receber o ódio era muito melhor do que permanecer sem absolutamente nada, em termos de amor, o amor que ansiava obter⁷³, mas, como tudo tem seu preço, ela não foi livrada de sofrer uma punição significativa por suas atitudes:

A fama de galinha no colégio pouco me importava. Era como se eu fosse um menino. Para eles, ter fama de galinha era sinal de macheza. Para mim, era um troféu, a prova de que alguém me desejou numa noite. Uma noite de sexo selvagem, quem sabe? Eu sabia da verdade. Eles, não. Esse era o grande barato. Foi o meu jeito de chamar a atenção de todo mundo. Eu, uma garota de 13 anos, cheia de espinhas pelo rosto, ainda meio gordinha, mesmo com vinte quilos a menos, à base de regime. Nenhum garoto da escola me dava bola, nem na rua, nem em lugar nenhum. Apenas na noite. No escuro, eu devia parecer bonita.

Logo, e cedo, Bruna foi confrontada com a lógica de uma sociedade marcada pelas cifras do patriarcado: os homens se consideravam no pleno direito de se valerem de uma liberdade libidinal, e, com ela, terem a comprovação de sua virilidade, enquanto que a mulher, não era permitido que procedesse de maneira semelhante, sem que isso evidenciasse sua falta de caráter, mas a garota, nesta situação desprazerosa, obteve um gozo de ordem narcísica, já que, ser *galinha*, era a *prova* de que era desejada por alguém⁷⁴.

Como não encontrava razões para que, a ela, tivesse sido negado o olhar paterno, a menina racionaliza de forma que compreendesse os motivos que levariam os outros a não lhe desejar: não se via dentro de um padrão de beleza capaz de atrair um homem, a não ser que, no escuro, se colocasse como objeto de desejo⁷⁵.

⁷³ Bruna é um sujeito preso às ambivalências de um Édipo não bem resolvido: ela encontrou na própria feminilidade a chave de alcançar o gozo que lhe era, constantemente, negado.

⁷⁴ Ou, neste caso, a prova do quanto o olhar, a atenção e o amor do pai foram faltosos para que o narcisismo deste sujeito fosse constituído. A falta era tão premente que a garota *necessitava* de uma prova de que podia ser desejada pelo outro.

⁷⁵ Há um jogo metonímico no uso destes termos: no escuro onde ela não poderia ser vista, escondendo-se do olhar do outro, mas, sendo desejada, a escuridão simboliza o olhar do pai que lhe foi negado, sobre a qual, ela se constituiu enquanto sujeito feminino, quando desafiou e transgrediu as ordenanças das figuras parentais.

Como qualquer adolescente, havia a necessidade de fazer parte de um grupo, de provar a si mesma que tinha qualidades para ser aceita, uma das razões, no campo consciente, para começar a fumar cigarro e ingerir bebida alcoólica. Evidentemente que, dado a revolta que sentia, somado ao uso desses produtos, sua situação na escola, em termos de nota, passou a declinar. A consequência foi valer-se do artifício da cola, a fim de que pudesse tirar notas que para garantir a sua aprovação, expediente de que se valeu até o dia em que foi descoberta pela professora e temeu que, diante disso, seu pai lhe castigasse lhe batendo. Isso não aconteceu, muito pelo contrário, ele a abraçou e a fez prometer de que não mais colocaria na prova:

- E aí, filha, como foi na prova?
Desandei a chorar. Para minha surpresa, ele me abraçou. Comecei a chorar ainda mais, agora de vergonha.
- Se souber, o senhor vai querer me matar.
Contei a verdade, **esperando sentir sua mão me batendo. Nem sei por que:** ele nunca havia encostado sequer um dedo em mim. Ele só quis saber o que me levou a isso e me fez prometer nunca mais colar (SURFISTINHA, 2005, p.40, grifo nosso).

Havia uma certeza, implícita, de que o pai haveria de batê-la ante a descoberta de sua insurreição aos protocolos escolares e de ética, e, de acordo com o princípio do gozo, até mesmo uma expectativa de ordem inconsciente que se viu frustrada e privada⁷⁶ quando não foi realizada. O pai é posto como aquele que estipula a Lei, a partir da qual, o sujeito se submete⁷⁷. Bruna percebe que falta a esse pai colocar-se nesta posição de representante da Lei, executando o seu juízo sobre a garota.

3.1.4. Minha vontade de descobrir tudo sobre a vida parecia não ter fim

A vontade de desfrutar de seu próprio corpo, e descobrir os limites do prazer, orientou Bruna a uma das maiores dúvidas que assolavam a jovem e futura prostituta, que dizia respeito a sua sexualidade, dúvidas que cresciam desde que confirmou sentir

⁷⁶ Os termos utilizados bem qualificam as ações de um gozo e, ao mesmo tempo, de manifestação de culpa, no campo da consciência: ela não teve o que, ela dirá, merecia, mostrando que, novamente, esta figura parental não cumpriu o seu papel, mas este prazer, como bem aponta Freud, não pode ser sentido como tal, por isso, a culpa se presentifica para esconder e camuflar as intenções do id. Daí a razão de se sentir privada (de não ter o que acreditava merecer) e frustrada (não ter as expectativas realizadas).

⁷⁷ Na verdade, de acordo com Joel Dor (2011), cabe um esclarecimento mais específico: é o pai simbólico que “antes de mais nada a referência à Lei da proibição do incesto, a qual é, portanto, prevalente sobre todas regras que legalizam as relações e trocas entre os sujeitos de uma mesma comunidade” (p.14), o pai real são meros representantes deste Pai primevo e não-existente, mas sempre presente, que transmitem as ramificações desta lei primeira, interditando outros comportamentos e ações que podem ser danosas a própria sociedade onde se vive.

atração sexual pelo sexo feminino. Aos 14 anos, tudo era novidade, em termos de energia libidinal, e, o mais importante, qual objeto seria o alvo⁷⁸:

Minha vontade de descobrir tudo sobre a vida parecia não ter fim quando fiz 14 anos. Claro, sobravam dúvidas. Uma delas dizia respeito à minha sexualidade. Já havia dado muito prazer aos garotos que masturbei nas baladas, já havia segurado muitos p... duros, mas não sabia se aquele era o limite do prazer. Tinha curiosidade de saber como era ter contato com o corpo de outra mulher. E muito medo também. E se fosse lésbica? Naquela fase da vida, só existem duas cores: o preto e o branco. Se não sou preto, só posso ser branco. Mas procurava não pensar muito nisso (SURFISTINHA, 2005, p.41).

Bruna explica a razão de seu conflito, atribuído aos discursos acerca da sexualidade e do sexo: no mundo em que vivia, era quase automático que a plasticidade do desejo fosse negada em suas manifestações, uma vez que, erguidas sobre os protocolos do patriarcado, alinhadas a princípios judaico-cristãos, as sociedades ocidentais conceberam uma forma única de meta sexual, a heteronormativa, não é a toa que a Bruna procura não pensar nisso: era uma forma de, seguindo as *regras*, negar a plasticidade do desejo que tomava conta de sua mente.

É interessante observar o que é colocado no trecho da obra supracitada: Bruna revela que, apesar de ter tido experiências, de ordem sexual, com sujeitos do sexo oposto, entende que a *curiosidade* de saber *como era ter contato com outra mulher*, cresce dentro de si, ao mesmo tempo do medo de se descobrir *lésbica*⁷⁹. Sabemos o quanto o desejo é plástico, bem como, o quanto os discursos da sociedade buscam recalcar este caráter diverso a fim de que melhor possa controlá-lo, pelo que, ceder a ele, seria, talvez, perder o controle de si, ideia alimentada pelas instâncias de poder. Não nos esqueçamos de que, presumivelmente, os pais de Bruna se mostram bastantes conservadores, em termos de sexualidade, e, inferimos, podem ter feito com que a garota assimilasse esse medo ou, melhor dizendo, temor. Curiosidade, portanto, é o palavra mais do que adequada, para expressar que, devido as ações repressoras

⁷⁸ Os termos utilizados são extraídos da concepção freudiana de 1905, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, na qual, “objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para qual a pulsão impele” (FREUD, 1905, p.6). Sabemos que houve uma reatualização desta concepção, mas utilizamos aqui, de forma simplificada, para que entendamos os conflitos por que passa a Bruna Surfistinha neste momento, com relação a própria sexualidade.

⁷⁹ Uma pergunta é feita a si mesma: e se fosse? Esta inquirição evidencia o receio que a garota sentia de perceber que seu desejo voltava-se para o mesmo sexo. Novamente, o masculino não era capaz de satisfazê-la, algo mais, um outro gozo, não era encontrado nas relações com outros homens.

(recalque) da sociedade, o sujeito acaba por temer a bissexualidade que lhe é inerente⁸⁰. Este é o caso de Bruna ante a plasticidade de seu próprio desejo.

Eu já tinha me masturbado vendo a GMagazine - tinha comprado montes delas. Mas nunca tinha gozado vendo aqueles caras de pau duro. Quem sabe se, olhando para as mulheres, eu finalmente gozaria. Bingo! Depois dessa conquista, a do orgasmo vendo fotos de mulheres, a curiosidade tinha de sair do papel e ir para a realidade (SURFISTINHA, 2005, p.42).

Para Bruna, cada passo era um incentivo a dar o outro, pois, ainda que sentisse uma curiosidade, ela não foi significada enquanto desejo, o que, por sua vez, explica o teste ao qual se impôs, se consciente ou não, não é a questão. Havia, no entanto, bem mais fatores além do que ela expõe, porque, ao verificarmos a citação, percebemos que o *tinha*, assume um sentido de necessidade ou obrigação, ao que, inquerimos, que demanda ou necessidade poderia ser atendida com a passagem ao ato? Respondemos: uma oportunidade de afrontar as figuras parentais, representantes da cultura e de seus interditos, ou seja, mais uma forma de alcançar o gozo fálico e, ao mesmo tempo, o Outro Gozo, que está registrado em seu corpo feminino. Dado que suas ambições compunham o seu desejo sexual, a sensação que obteve desta experiência primeira incutiu as mais íntimas e singulares percepções, porque, encontrava-se com a aquilo que, no início da vida, é constitucional e não-ordenado pela cultura, ainda que, pela e na linguagem, o sentido não consiga ser apreendido em totalidade, já que ela está sujeita a Lei.

3.1.5. Mas seu jeito, metido e meio cafajeste, estragava tudo

Uma das dificuldades enfrentadas por Bruna era lidar com a própria aparência, em virtude de ser gorda, ou gordinha, como prefere se definir, a garota não sentia que poderia atrair os olhares de um outro, ainda mais se esse outro estivesse dentro de um padrão de beleza, o qual, ela valorizava.⁸¹ Sem qualquer pudor vitoriano, Bruna confessa que tinha um desejo ardente por um rapaz de sua sala de aula:

⁸⁰ A inerência de bissexualidade é atestada por Freud já em seus *Três ensaios* e considerações acerca do complexo de Édipo, cuja palavra fundamental para entender é a ambivalência, pedra angular de toda a bissexualidade: a criança tanto ama quanto odeia as figuras parentais, estando em constante rivalidade e conquista com elas, isso atestará a complexidade do Édipo.

⁸¹ Não nos esqueçamos de que Bruna cria que, no escuro, poderia ficar bonita, quando a intenção era, talvez, ocultar qualquer deformidade que não fosse atraente conforme seu próprio padrão de corpo feminino.

A grande queimada de filme da minha vida no Bandeirantes aconteceu em outubro de 1999. Eu tinha 15 anos. Dessa vez, não deu para reverter. Nem tinha como. Eu morria de tesão por um garoto da minha classe. Bonito, loiro, branquinho, parecia um anjo, de olhos bem azuis. Mas seu jeito, metido e meio cafajeste, estragava tudo. Até o dia em que ele começou a dar em cima de mim (SURFISTINHA, 2005, p.49).

Bruna define esse momento em virtude da situação traumática a que foi levada por causa de seu desejo pelo rapaz: por ser bonito, certamente o garoto conquistava as moças de seu meio social, afirmação que pode ser comprovada pela expressão *jeito cafajeste* que Bruna usa para descrevê-lo, contudo, a adolescente, envolta em seu drama referente a própria aparência não se vê em condições de tomar qualquer iniciativa com relação a ele: primeiro devido ao fato de que, não estando em uma boate, protegida pelo escuro, ela teria de arriscar valer-se de qualquer poder de sedução que tivesse para conquistá-lo, algo que não tem coragem de fazer. A segunda razão exposta demonstra o quanto a inferiorização e subordinação ante o masculino parece evidente: o jeito do rapaz a inibe de tomar uma atitude, jeito que podia indicar a uma referência de algum tipo de poder⁸², razão pela qual o desejo ardente, significado como *tesão* para evidenciar o quanto ele é premente, se presentifica no discurso de Bruna.

Em condições como esta, não é de se estranhar que a garota tenha preferido permanecer na contemplação daquele sujeito que é suposto ter o falo, “até o dia que ele começou a dar em cima”, tomando atitudes de iniciativa para com ela.

Numa aula no laboratório de física, a professora apagou a luz durante uma experiência. Estávamos todos de pé, ao redor do experimento. Ele ficou colado em mim. De repente, bem de mansinho, pegou minha mão. Com o coração disparado, deixei. Ele foi me guiando. Levou minha mão até o seu pênis. Segurei por cima da calça. Ele já estava duro (SURFISTINHA, 2005, p.49).

As iniciativas, mais uma vez, ele as toma, quando considera ser a melhor oportunidade, ou seja, no momento em que as *luzes estão apagadas*, para que não fosse visto que, em si, no lugar e no momento, era obsceno⁸³, repetindo, com as respectivas diferenças, a atitude de Bruna nas baladas. Mas, nesse momento, a situação era extremamente arriscada: ele a seduzia, com o seu pênis, perante uma sala de aula.

⁸² A problemática do falo reaparece, portanto, este jovem rapaz se coloca em uma posição que inibe a *transgressora* Bruna de tentar seduzi-lo, ou, em termos analíticos, fazer-se o falo deste sujeito, como se, a ele, não fosse faltante.

⁸³ É interessante fazermos uma pequena observação: para Abreu (1996), o obsceno de define por trazer a cena aquilo que, com base nas noções de moral de uma civilização, não deveria estar. Neste sentido, o rapaz loiro, colocava em cena, e com atitudes, algo que é previsto pelo Código Penal, não deveria se fazer presente uma vez que não era lugar adequado.

Acreditamos que o rapaz a estivesse testando e, ao mesmo tempo, gozando com a situação uma vez que mostrava ser capaz de violar, até mesmo, leis de conduta moral, estipuladas pelo Código Penal brasileiro, assumindo uma posição não só transgressiva, mas também desafiadora dos interditos. Bruna, por sua vez, fascinada pelo jeito deste sujeito, a quem, se supõe ter o falo, corresponde ao estímulo, excitada e com medo de vir a ser descoberta pelos circunstantes, devido à ambivalência de sentimentos: “o medo falou mais alto e eu tirei a mão” (p.49), mas o rapaz não estava disposto a abdicar de seu gozo, não quando obteve um resultado positivo quanto à anuidade de Bruna:

Ele não desistiu. Veio para trás de mim e ficou meencoxando ali, no meio de todo mundo. Não resisti: ele estava dando em cima de mim! Da Raquel, a gordinha! Eu estava toda molhada, excitada e assustada. Não sei quanto tempo ficamos assim, com ele encostando seu pau duro em mim por trás, me provocando, acendendo meu tesão (SURFISTINHA, 2005, p.49).

Sentimentos confusos tomaram conta de Bruna neste momento: era impressionante a insistência do rapaz, tanto que ele partiu para uma atitude bem mais *ofensiva* para que seu prazer fosse mantido: ele a pressionou, por trás, contra seu pênis. Bruna fica sem reação, deixa-se conduzir, afinal, frisa, ele estava dando cima de uma garota gorda, em plena luz do dia, sem a necessidade de que viesse a se esconder no escuro de uma boate para que parecesse desejável aos olhos do outro, isso a excitava: o conjunto que formava a situação, a transgressão, a obscenidade, a atitude, o pênis encostado em si e, não poderia deixar de ser, o quanto aquilo lhe afirmava que poderia ser objeto de desejo do outro, sem que precisasse do subterfúgio que estava a costutada a usar.

Bruna tinha ciência de que estava sendo provocada, a fim de que, ao sair dali, cedesse ao rapaz o que ele não tinha nenhum constrangimento de prenuciar, o que veio rapidamente já que, em acabando a última aula do turno da tarde, e quase anoitecendo, ele se ofereceu para acompanhá-la até em casa⁸⁴. No caminho, ante a insistência do rapaz, Bruna só não cede ao beijo bem como ao sexo vaginal, mas o masturba na rua deserta em que estava. Desejo e vontade de fazê-lo havia, mas o medo de ser penetrada ainda perdurava em sua cabeça, de forma que, no outro dia, a situação tendeu a repetir-se: o rapaz mandou bilhetes. De fato, estava decidido a conseguir ter relações sexuais,

No caminho, ele parou para comprar camisinhas. Entrei em pânico, como em tantas outras "quase" vezes em que transei. Não queria que minha primeira

⁸⁴ Mas Bruna encara de uma outra forma o oferecimento: “Na verdade, queria me convencer a ir para algum lugar e fazer o que não tínhamos conseguido terminar durante a aula.” (p.50).

vez fosse assim. Nem que ele percebesse que eu ainda era virgem. Paramos em uma rua sem saída.

- Não vai rolar (SURFISTINHA, 2005, p.50).

Uma situação singular, porque, mesmo com o desejo ardente pelo rapaz, Bruna tinha medo de se entregar a penetração, possivelmente, devido à permanência da fantasia de que poderia ser violada, caso cedesse. O rapaz, por outro lado, não estava disposto a ver seus esforços, todos que empregou, em vão, tanto que não a deixou ir embora, mesmo diante da desculpa de que a jovem ficara de sair com a mãe, motivo pelo qual não poderia permanecer. Ele, no entanto, condicionou a saída dela: ao menos teria de fazer um sexo oral.

Não tinha mais saída. Só sairia de lá se fizesse um oral nele. Também não poderia dizer que não sabia fazer isso. E a vergonha? Nunca tinha colocado um pau na minha boca, não tinha a menor idéia (sic) de como fazer aquilo. Me imaginei chupando um picolé. Eu agachada no chão, ele encostado na parede, com as calças arriadas, agarrando meus cabelos, sincronizando o vaivém [...] (SURFISTINHA, 2005, p.51).

Assustada, inexperiente quanto à prática da felação, e, por isso mesmo, envergonhada, Bruna também estava bastante excitada com os gemidos dele, havia algo que lhe dava a sensação de estar no controle. Além disso, após a ejaculação, o elogio que ele lhe deu, dizendo que aquele havia sido o melhor sexo oral “da vida dele”, foi extremamente gratificante. Ambos acordaram manter segredo do que se passou naquele momento, mas, Bruna não resistiu e contou a uma de suas amigas, amiga que, de acordo com a própria, idolatrava o rapaz; em contrapartida, ele também não ficou calado e logo a série inteira sabia do que ocorreu entre eles. A reação das pessoas que conviviam com ela foi automática: todos os amigos desapareceram, olhavam-na com malícia e até com nojo.

Como num passe de mágica, sumiu todo mundo. Nem as minhas "amigas" ficaram a meu lado. Fiquei absolutamente sozinha. Era a vergonha de serem vistos comigo. Uma menina veio me perguntar quanto eu cobrava. Disse que nada. Não devia ter feito isso. Me senti injustiçada. Até mesmo aquelas que já não eram mais virgens ajudaram a criar e espalhar minha fama de puta pelo colégio. Mas segurei minha barra. Ia à escola normalmente e, mesmo sozinha e machucada, derramei poucas lágrimas por causa disso, apesar de estar sofrendo de verdade com a situação. Eu só tinha 15 anos! Até o dia em que, não agüentando (sic) mais hipocrisia, disse:

- Fiz, gostei e faria de novo (SURFISTINHA, 2005, p.52-53).

Bruna foi vítima de uma grande hipocrisia social, enquanto mulher, o fato de ter-se dado fácil ao rapaz, e, talvez, ele mesmo tenha aumentado a história, contribuiu para

que fosse classificada como uma *puta*, o que pode ser considerado uma injustiça quando analisamos o que coube a este rapaz: como exposto acima, certamente a ele foi dada a reputação de ser um conquistador de mulheres, mas a ela, que se entregou, sem manter nenhum tipo de laço sócio afetivo como um namoro, por exemplo, coube ser tida como uma mulher equivalente a uma prostituta⁸⁵. Na realidade, além disso, está aí a ação de recalcar e sujeitar a sexualidade feminina: sem amor, entregar-se a um outro a fim de somente gozar dele, não é próprio de uma mulher respeitável, mas de uma prostituta⁸⁶. A liberdade libidinal do feminino sempre assustou as sociedades patriarcais, de modo que, desde o primeiro momento de sua instituição, foi necessário reprimi-la, tentar submetê-la ao prazer masculino; nem mesmo as prostitutas escaparam a regulamentação desse parecer, sendo, constantemente, controladas pelo universo masculino para melhor servi-lo⁸⁷. Ser prostituta é ter um lugar, nesta continuidade, de poder gozar, sem estar presa aos interditos do Pai Simbólico que a todos castra, mas não está submetido à castração. Por isso, era injusto atribuir a ela esse lugar, quando pouco ou nada sabia dele. Logo, vieram as perguntas: em que lugar ela deveria estar? Onde era o lugar de uma mulher que desejava, como ela, aprender os limites do gozo?

3.1.6. Enchia a cara com doces e depois

Na busca do gozo, Raquel assumia um comportamento adicto a fim de manter a sensação e o prazer que ele lhe permitia, ao mesmo tempo em que a repetição do ato causava-lhe sofrimento quando racionalizava o que poderia ter contribuído para o mesmo. Foi o caso da compulsão por comida: triste, a garota passou a expelir, por meio do vômito, todo o alimento que ingeria para depois voltar a comer com uma necessidade patológica.

Enchia a cara com doces e depois, na maior, enfiava os dedos na garganta e virou uma compulsão. Eu tinha fome, comia muito, acho que devido ao remédio e à ansiedade, para em seguida sair correndo da mesa e colocar tudo para fora. Quando voltava da escola, passava por uma loja e comprava, todo santo dia, vinte reais em doces e chocolates. Praticamente engolia tudo de uma vez, **só para sentir o gosto**, e, dois minutos depois, dava um jeito de tirar aquilo de mim (SURFISTINHA, 2005, p.55, grifo nosso).

⁸⁵ Em termos bem claros, a imagem da prostituta sócio-historicamenteconstruída é de uma mulher sem amor, sentimento não afetivo, mas social que equivale a entender como uma forma de dignificação que somente um homem pode lhe outorgar.

⁸⁶ Fantasia bastante presente no imaginário popular e das mulheres.

⁸⁷ No capítulo um deste trabalho de conclusão de curso, discorremos sobre este fato.

A sensação de prazer, que o contato com doce e a comida lhe proporcionava, era algo que Bruna buscava constantemente, mas, dado as consequências que essa busca trazia a seu próprio narcisismo, a culpa tomava conta de sua atitude logo depois, razão pela qual expulsava de si rapidamente. O que estava em jogo neste ato de engolir-vomitara era manter-se desejável ao olhar do outro e obter a sensação de prazer, coisas que, nesse momento, tornaram-se irreconciliáveis.

Há que se perceber a predominância de uma repetição nas buscas de Bruna Surfistinha: tanto na boate quanto no ato de comer, a garota quer, de alguma forma, ultrapassar um interdito a fim de obter o prazer no ato⁸⁸, no entanto, estes mesmos atos não traziam a satisfação que tanto ansiava, já que a culpa e/ou o medo eram, em termos comparativos, maior que o prazer sentido. Além disso, o desafio às figuras parentais não trazia tanto conflito quanto no começo, de forma que a garota voltou sua compulsão para algo que fosse o suficientemente transgressor e desafiador a fim de que, inconscientemente, se mostrasse capaz de violar a lei instituída pelos herdeiros da lei simbólica do Pai.

Não à toa que Bruna começou a namorar um motoboy: devido à classe social diferente entre eles, o pai se mostrou contra o namoro, alegando que ela necessitava ter consigo alguém de condições financeiras que pudesse sustentá-la, tema de discussões, de onde a garota obtinha satisfação no desafio e que a incentivava a permanecer enamorada pelo motoboy⁸⁹.

Bruna projetava toda a razão de seu jeito rebelde de agir no fato de que a relação com seu pai, especificamente, não ia bem; a mãe, por outro lado, não mencionada nesta projeção, era entendida como uma extensão do desejo da figura parental paterna em relação a filha. Logo, para que viesse a se identificar com a mãe, a via de acesso era o pai, representante da Lei Simbólica, a qual, Bruna, na busca do gozo, tentava burlar.

Eu e meu pai tínhamos brigas terríveis, mas ele nunca havia me batido, por mais que eu temesse o contrário. No fundo, sempre achei que merecia. Por isso, vou revelar a verdadeira história de por que eu apanhei do meu pai pela primeira vez. Nunca contei isso a ninguém por absoluta vergonha mesmo. Eu roubava [...] (SUFISTINHA, 2005, p.65).

⁸⁸ Ou seja, numa perspectiva freudiana, a compulsão a repetição é uma característica da pulsão de morte, reformulada por Lacan como a tendência do gozo que busca, sobretudo, ultrapassar a lei.

⁸⁹ Bruna reconhece que o conjunto de suas mentiras, o namoro com o motoboy, somado as notas baixas que tirava na escola “ajudou a azedar minha relação com meu pai” (SUFISTINHA, 2005, p.65).

Percebemos haver, no campo discursivo, a manifestação de um desejo latente na fala de Bruna: ela *sabia* que merecia apanhar de seu pai pelos atos praticados, porque, conscientemente, tinha ciência de que os fazia para desafiá-lo, algo que a cultura não permite que chegue ao campo da consciência, sem que a culpa a acompanhe.⁹⁰

Saber-se merecedor, nesse caso, incute um desejo (in)confesso de apanhar ou, em termos claros, de desejar sofrer na mão de um ser que tem o poder e o direito de assim proceder. Novamente, chegamos a um ponto interessante na história da Bruna: o pai, na concepção da garota, está em posição de requerer o respeito, no entanto, não reclama este direito ao se negar a cumpri-lo, aí está, portanto, a chave das dicções da personagem em foco: o que ela deseja é receber do pai o que é, por direito e obrigação, necessário que ele lhe dê, a saber, o olhar que a constituiria desejável⁹¹.

O que ela poderia fazer, além de tudo o que fizera, para fazê-lo agir de forma que realizasse a fantasia? A resposta é, explicitamente, desafiadora: subtrair dele o que, certamente, mais valorizava, a saber, o dinheiro. O ato de roubar, não profissionalmente, é verdade, consistia em retirar da mesma maneira que o pai não lhe deu o olhar de que necessitava. Devido a isso, a falta já constitucional de seu sexo, tomou proporções alarmantes. Era, como fica claro, uma espécie de vingança que trazia um gozo de saber estar transgredindo os interditos estabelecidos pelas figuras parentais:

Começou quando eu tinha uns oito anos e a gente morava em Araçoiaba. Lá, tinha uma quitanda com um baleiro sobre o balcão. Como tinha só uma atendente, que estava ocupada com minha mãe, era muito fácil pegar as balas escondido e igualmente escondida eu as saboreava. Sabia que bastava pedir que minha mãe compraria quantas eu quisesse. Mas o barato era a adrenalina, o medo do proibido e o risco de ser apanhada (SURFISTINHA, 2005, p.65).

Aos oito anos, Bruna descobriu a sensação que o medo de ser pega e descoberta no ato de roubar traziam. Sendo criança, com pouca idade, é fácil presumir o porquê ela levou a prática à idade adulta: a sensação que a linguagem não soube significar foi tida e sentida como um prazer que, mais tarde, seria interditado pelos mandamentos ético-morais transmitido pelas figuras parentais. Mas, ainda que a consciência de que estava

⁹⁰ Há um desejo, de ordem masoquista, típico da posição feminina, de ser espancada pelo pai e, como bem ela coloca, isso se dá pelo fato dela se sentir culpada, nota-se que o conflito com a mãe não é tão nítido quanto a cobrança do pai ter assumido uma posição que ela entendia como a de pai: barrá-la de forma mais significativa.

⁹¹ Consideramos impossível que este pai não tenha sido capaz de transmitir este olhar, mas reconhecemos que, para Bruna, o que lhe foi dado, não foi o suficiente para que a garota se constituísse de maneira satisfatória, além disso, a falta significativa de afeto pode ter contribuído para a ideia de que a garota não era suficientemente amada pelo pai.

violando um interdito fosse reconhecida, não era capaz de fazê-la alcançar a via sublimatória neste momento. Os doces assumiam um tipo de recompensa por ter ultrapassado as barreiras, subtraindo do outro, sem ser descoberta, o prêmio⁹². Bruna não recalcou o desejo perverso que a tomou enquanto criança, de maneira que o dinheiro assumiu uma posição simbólica, devido aos motivos expostos acima: ele era bem mais valioso que os doces e bem mais valorizado no mundo adulto do qualquer outra coisa, pelo menos com relação a seus pais, daí, passar a furtá-lo se mostrou bem mais excitante.

Passou pouco tempo até eu descobrir outras facetas dessa vontade incontrolável: os doces não eram suficientes e eu me descobri compulsiva por dinheiro. É isso mesmo: o dinheiro sempre me dominou [...] Não tinha a menor idéia (sic) do valor do dinheiro, mas já sabia que pedir (no que certamente seria atendida) era menos excitante do que pegar [...] (SURFISTINHA, 2005, p.65-66).

Como na loja de doces, a oportunidade sempre surgia, era questão de aproveitá-la enquanto era possível: seu pai estava doente, havia dinheiro em sua casa, que ao encontrar, a garota tirava algumas notas de um maço de dinheiros. Pedir não era uma opção, pois não lhe proporcionava o prazer que sentia quando tirava de modo sorrateiro. Mas, tal qual era quando criança, o ato de furtar assumiu faces de uma adicção pela qual Bruna compulsivamente subtraiu, todos os dias, pelo menos, cinquenta reais de casa, sem que pedisse: “O que valia era a sensação do proibido” (p.67).

Flagrada por sua mãe, e descoberta parcialmente, Bruna pediu perdão aos prantos, razão pela qual a mãe não a denunciava ao marido, mas a vontade de obter dinheiro saiu de casa e se estendeu até mesmo na escola, aonde veio a furtar quantias irrisórias de seus colegas de turma. Dado a compulsão de seus atos, logo veio a ser descoberta na instituição, algo que contornou sem grandes dificuldades. Bruna, no entanto, tinha ciência de que os atos praticados causava-lhe sofrimento (desprazer), porém, viciada, já não conseguia mais parar:

[...] Mas, àquela altura do campeonato, por mais que eu quisesse parar (e eu queria), não conseguia. Tinha de pegar cada vez mais. Tudo para alimentar outro vício: a compulsão por compras. Eu só comprava futilidades, mas tinha uma necessidade maluca de comprar. E isso demandava cada vez mais dinheiro (SURFISTINHA, 2005, p.68).

⁹²Uma maneira fálica de se premiar, a partir da subtração indevida do bem alheio, algo que leva à adolescência. Na verdade são (des)caminhos do desejo que não alcançaram as vias sublimatórias.

As compras que fazia eram para tentar preencher o vazio que sentia, elas eram a única forma de se premiar pelas subtrações conseguidas, a coisa ficou fora de controle quando a demanda de futilidades não correspondia a quantidade ínfima que furtava. Logo, buscou outros valores mais significativos a fim de tentar suprir esta necessidade, o que a levou a pegar os dólares que sua irmã guardou e a culpa recaiu sobre a empregada da casa. Bruna não parou até que chegasse ao ápice de sua transgressão, quando furtou e vendeu as joias de sua mãe. Pouco tempo depois, a mãe deu por falta delas, pelo que Bruna, temendo por si, escondeu a verdade até enquanto pôde fazê-lo. Mas, confrontada, confessou ter sido ela a ladra, indignada sua mãe lhe garantiu não contar nada ao marido, por temer que ele sucumbisse ante a descoberta e o desgosto, porém, não suportando o peso da convivência de um crime, acabou revelando a verdade e a reação não podia ter sido outra.

Nisso, eu o vi vindo da sala na minha direção. Sem dizer nada, começou a me bater, bater, bater. De mão fechada, aberta, de tudo quanto é jeito. Não sei como, começaram a chegar pessoas lá em casa: minhas irmãs, os amigos delas, meu cunhado. Virou plateia. Meu pai me arrastou até o sofá e continuou batendo.

Quando ele cansava, eu pedia para ele bater mais. Já que não tinha conseguido me matar, aquela era a chance: "Me mata de uma vez. Eu deixo você me matar"; ele dizia:

- Eu vou te matar, mesmo, de pancada.

Resolvi enfrentar. Não derramei uma lágrima sequer. Queria me mostrar forte, por mais machucada que tivesse. Meu pai falou que já havia falado com alguns juízes amigos dele e que eu ia direto para a Febem. Apanhei até a hora que meus pais saíram para dar queixa de mim (SURFISTINHA, 2005, p.72).

Ao bater continuamente, o pai assumiu uma posição de supremacia, algo que a Bruna considerou, no campo da fantasia, uma prova de que ele a amava, ao menos era o que podia estar recalcado no seu inconsciente, mas, era esperado que ela o desafiasse a continuar a batê-la, pois este pai, enquanto figura castradora, estava sendo desafiado a exercer a sua função, algo que ele havia negligenciado por muito tempo, ou seja, era a oportunidade dele ser aquilo que ela esperava que ele fosse. Mas, ao término daquela situação, e desvanecida a raiva, ele voltou a posição de *não-ser* quando decretou o total e mais completo silêncio com relação a filha, nem mesmo a mãe trocou uma única palavra. Além disso, cortou todo o dinheiro dela, impedindo a sua liberdade.

Em uma situação como essa, Bruna decidiu fazer uma espécie de laboratório no campo da prostituição, mas, mesmo conseguindo prováveis clientes, não teve coragem de levar a cabo, pois “ Não era uma coisa que eu queria ou sabia fazer” (p.81), ainda

restava o desejo pelo amor do pai. Com o silêncio em casa e sem dinheiro, logo privada de manter a liberdade de que necessitava, Bruna passou a procurar emprego na área de massagem e acompanhamento para homens, já que, sem instrução, e ainda menor de idade, com 17 anos apenas, as oportunidades de empregos eram escassas. Ao notificar o pai sobre a decisão de que sairia de casa, não dependeria mais dele e, além disso, iria se tornar massagista, Bruna não pôde deixar de evidenciar que tinha o propósito de afrontá-lo, na certa aguardava outra cena de espancamento como a anterior, mas foi surpreendida quando,

No lugar da mão pesada, veio a voz, confusa, desorientada, desconcertada. Ele começou a conversar comigo. Nervoso, sim. Bravo, sim. Mas tentava conversar comigo. Tarde demais para começar a conversar. Ele não tinha o menor jeito para isso. Eu insistia, sinceramente, na ingenuidade: "Mas pai, é só massagem, não é sexo. Eu não vou fazer sexo, só vou fazer a massagem". Tudo o que ele não havia falado comigo a vida inteira, e especialmente desde que foi estabelecido o "voto de silêncio" em nossa casa, vomitou naquela noite. O que ele queria, de verdade, era me fazer desistir de ir embora. Ouvi tudo calada. Meu silêncio alimentava sua verve. Puta... Vagabunda... Piranha... As frases sucediam, como se ele nem parasse para respirar. Abatido, terminou a conversa deixando escapar um desejo (será?), uma quase sentença de morte:

- Toda puta tem Aids. Eu lamento muito que vá morrer sozinha, aidética, no Emílio Ribas (SURFISTINHA, 2005, p.82-83).

Era a escolha que fazia: iria transgredir o amor do pai para que se constituísse um sujeito capaz de lidar com a própria sexualidade. Ante esta decisão, ela se deparou com o que iria se tornar se dele abdicasse: seria uma vagabunda, uma piranha e não teria amor, morrendo sozinha e doente, no Hospital Emílio Ribas. O pai dissera com tanta certeza que a Bruna pareceu haver um desejo diluído em suas declarações de que, de fato, isso lhe acontecesse.

Bruna se despediu de seu quarto, só não conseguira dizer nada a sua mãe, que agia como se ela não mais existisse, arrumando a casa. Bruna sabia que esta era a última vez que se veriam, mas não conseguiu dizer nem mesmo abraçá-la naquele momento. Sufocada com a situação, escreveu uma carta onde expressava tudo o que as letras não condensavam: sua gratidão, seu amor, seu medo, seu objetivo de ser feliz.

Deixei a carta em cima da mesa, apanhei o fichário e a mochila. Eu sempre saía pela porta da cozinha. Passei por minha mãe, que estava fazendo o almoço, de costas para mim, encostada na pia.

- Tchau, mãe - Ela não me respondeu. Ela não se virou.

Eu sabia que era para nunca mais. Ela não. Fiquei parada na porta um segundo, olhando para ela. Ela não se virou. Me arrependo tanto do abraço que não tive coragem de dar naquela hora. Eu amo minha mãe. Ela não sabia.

Ela não se virou. Não veio nenhuma palavra, nenhum gesto. Nem dela, nem meu. Me virei.
Em silêncio, fechei a porta atrás de mim. Tchau, mãe (SURFISTINHA, 2005, p.92).

3.2.1. Para mim, todas as prostitutas de São Paulo estavam na Augusta

Ao sair de casa, definitivamente, Bruna se depara com o fato de que deve se oferecer a fim de que seja escolhida pelo cliente e possa subir, junto com ele, para o quarto. No momento, em que se apresenta tem a noção de que, a partir daquele momento, seu corpo seria entregue a um desconhecido, mas a coragem de conhecer o universo da prostituição é um baluarte para que se mantenha firme em seu propósito. Havia, certamente, muito medo, inclusive de não ser escolhida e de se frustrar logo na primeira tentativa, algo que a culpa, ainda forte em sua consciência, acenava. Neste momento, foi necessário negociar consigo mesma: “Vou pegar o dinheiro desse cara e voltar para casa. Ainda dá tempo desistir e ir para casa” (Surfistinha, 2005, p.14). Não voltou, pelo contrário, fez mais seis programas em seu primeiro dia. Em definitivo, Raquel transgrediu o amor do pai e “Bruna nasceu para o sexo” (p.15), mas ainda que tivesse deixado para trás, tudo o que se referia a sua vida, enquanto filha de um casal de classe média, as suas imagens ficaram fixadas em seu psiquismo, tornando-se a base de suas fantasias.

Ao ingressar na prostituição, as ideias que tinha acerca do corpo como uma mercadoria, o qual, devia ser oferecido sem qualquer esforço ao homem, começou a mudar, consideravelmente. Devido a sua educação, Bruna associava a prostituição à miséria e à decadência da mulher, tão sujas eram que estavam em um único lugar na cidade de São Paulo:

Para mim, todas as prostitutas de São Paulo estavam na Augusta. Eu já havia passado por lá muitas vezes, inclusive com meus pais.
- Olha lá aquelas putas – alguém comentava.
Como é que uma mulher chega nesse ponto? - eu pensava. Para mim, só tinha putas ali, naquela rua suja, feia. Ou, então, elas viviam naquelas casinhas velhas, caindo aos pedaços, com mulheres muito maquiadas penduradas nas janelas, chamando os homens que passam pela rua. Lá dentro, bastava elas abrirem as pernas e esperarem o cliente gozar: pronto. A tal “vida fácil” (SURFISTINHA, 2005, p.22).

As concepções de Bruna acerca das prostitutas que via, de relance, baseado nos comentários de alguns circunstantes, moldaram alguns preconceitos que alimentou por

algum tempo: uma prostituta era um ser marginalizado, o fundo do poço para uma mulher que se dava, facilmente, sem se importar com o que o homem escolhido estaria fazendo⁹³. Mas logo, ao investigar os lugares onde os anúncios de jornais indicavam, deparou-se com um outro tipo de configuração da prostituição: locais que se misturavam perfeitamente com a parte nobre da cidade; mulheres que não se pareciam nem um pouco decadentes, além de uma discrição que a impressionou: “As garotas que vi por lá [no Bahamas] não tinham nada de anormal, nem tinham ‘puta’ estampado na testa nem ficavam na porta se oferecendo a quem passasse” (p.23).⁹⁴

Diante desse novo quadro, o desejo de tornar-se garota de programa só aumentou: percebeu que podia obter a independência financeira que almejava, e, além disso, realizar a fantasia que a dirigiu: teria vários homens, que só a escolheriam se, e tão-somente se, desejassem-na. Afirmaria, ao mesmo tempo, seu lugar como objeto de desejo do outro e ainda ganharia por isso. Além do mais, na sua busca pelo gozo, teria a oportunidade de descobrir quais eram os limites do sexo e do corpo, algo que, de outra maneira, talvez, não houvesse conseguido. Isso não implica dizer que ela não haveria de passar pelos mesmos preconceitos que nutria, ao contrário, agora a pequena Raquel estava no olho do furacão.

Todo mundo sempre se dá algo para compensar um dia ruim, uma semana difícil. Com garotas que vivem do sexo, não é diferente. “Eu mereço!”, pensei. Com o primeiro dinheiro de putaria que consegui ganhar e juntar, me dei um celular de presente. Me senti recompensada, de alguma maneira, por cada vez que engoli meu nojo para não perder o programa [...] (SURFISTINHA, 2005, p.26).

Como qualquer trabalho a prostituição exige que as profissionais do sexo tenham deveres a cumprir, *não perder um programa* é uma das metas mais importantes dele, pois, a não obtenção de um número considerável de clientes, e estes fixos, pode ser a razão de que consigam pagar as contas ou comer. Se, por acaso, forem agenciadas, a exigência redobra em termos de meta: pagar o estabelecimento que está é uma das maiores preocupações do ramo⁹⁵. Diante deste quadro, não é à toa que o dinheiro assume um papel de estar vinculada a prática do comércio sexual: por ele,

⁹³ Foi devido a estes conceitos pré-estabelecidos que entristeceram-na ao ser taxada como puta na escola: ao ser vista assim, pelos colegas, eles estariam atestando a decadência de sua condição de mulher.

⁹⁴ A imagem de decadência que a Bruna via bem como a maneira de abordagem das prostitutas, era uma das formas que a prostituição assume.

⁹⁵ Guimarães (2007), citando Souza, pontua alguns dos deveres mais frequentes e fundamentais como “batalhar pelo dinheiro; não perder tempo; não se envolver; permanecer lúcida; evitar conflitos; tratar os clientes da mesma forma e favorecer os que pagam melhor; preocupar-se com o fazer, não com o prazer [...]” (p.67).

aproveitá-lo deve abrir mão de qualquer nojo ou medo que venha a sentir, desde que estejam disposta a ganhar um pagamento significativo⁹⁶.

Nada disso, no entanto, anula o prazer, que pode estar, conforme Guimarães (2007), “na contra mão desses deveres” (p.67) e, neste sentido, não devemos entendê-lo como uma sensação prazerosa advindas de estímulos externos, mas sim em suas formas outras de sentir e concebê-lo, podendo estar nas fantasias de ter, em seu poder vários homens, bem como nas *compensações* que o dinheiro pode comprar, algo que parece ser o caso da Bruna.

Não nos esqueçamos de que, apesar de advir de uma família de posses, a garota não tinha nada que, realmente, fosse de sua propriedade, sobre o qual pudesse dispor livremente. Devido a esse fato, sua liberdade libidinal, bem como de sair para se divertir, estava restrita a alguns subterfúgios que empregava para poder garanti-la. Quando saiu do domínio financeiro das figuras parentais, Bruna se viu na obrigatoriedade de garantir a própria independência, algo em que se saiu bem sucedida, afinal, agora, podia usufruir da própria liberdade e testar os limites do gozo.

Eis uma forma de prazer que, no campo consciente, o dinheiro lhe traz, é uma segurança e lhe garante certa autonomia. Bruna enfatiza que *merece* o celular que adquiriu, exatamente como o empregado de uma empresa acredita *merecer* o salário e as aquisições provenientes dele. Bruna, ainda aos 17 anos de idade, aprendeu que a prostituição exige certo profissionalismo e frieza profissional. E, para o caso de sentir um pequeno mal estar, o dinheiro é visto como uma forma de saná-lo.

O japa foi tirando a roupa, e eu só pensando em dinheiro. Tinha uma hora pela frente com aquilo. Ele era mais velho que meu pai! Só pensava em fazer ele gozar logo para acabar de uma vez com aquilo. Chegamos a conversar um pouco. O pau não subia; eu chupava, esfregava, e nada. Veio um monte de sensações, cheiros, coisas que eu não queria sentir. Fingia para mim mesma não sentir. Ele passava a mão em mim. Não gostei. Até hoje, às vezes, tenho nojo de ver uma mão fazendo carinho no meu corpo. Faço neles, mas nem sempre curto receber. Só transo ouvindo música, que me ajuda a divagar, a entrar em outra sintonia (além de o CD durar exatamente o tempo do programa, o que me ajuda a controlar a hora trabalhada) [...] (SURFISTINHA, 2005, p. 25).

Para Bruna, estar na prostituição não significou, tão somente, experiências agradáveis e realizações de fantasias agradáveis, a profissão também a fez encarar e se deparar com significantes que a atordoaram em muitos programas, o cliente japa, por

⁹⁶ O que não quer dizer que elas imponham condições para realizar algo que, em tese, não fariam, pelo contrário, se o cliente insistir, mesmo sabendo quais são os serviços prestados, eis aí uma razão para cobrar bem mais do que o combinado.

exemplo, *era mais velho que o seu pai*, pensamento de ordem consciente que ela não pôde evitar. Ao constatar esse fato, a vontade de se livrar daquela situação se conjugava a celeridade do serviço, mas, por mais rápida que fosse à execução, as sensações que sentiu veio em grande número, seja pelo olhar daquele homem ou pelo seu toque, das quais, ela só conseguiu significar o nojo. Não era o fato de o homem ser mais velho, mas sim que ele estivesse em condição de ser *mais velho que o pai*, ou seja, novamente, a figura parental retorna, tão viva quanto no dia em que saiu de casa e decidira abdicar de seu amor, o que pode ter acarretado as sensações que ela não gostaria de sentir.⁹⁷ A incidência do significante *pai*, em conjunto com os demais, traz a tona o nojo que tem sua origem na assimilação da cultura e é o protótipo de todos os demais, a saber, o incesto. Bruna afirma que não gostaria de sentir o que veio a sentir naquele momento, ou seja, sensações primitivas que a constituíram no campo da linguagem, de forma que, quanto mais rápido se livrasse dele, não teria que se deparar com aquela sensação. Um ledor engano, já que, independente de sua vontade, as impressões advindas, permaneceram, assumindo outras formas: não gostou que as mãos dele penetrassem seu corpo, tão forte foi a repulsa que ela se estendeu a outros sujeitos que repetissem o ato de carícia.

A prostituição deu um lugar a Bruna que ela, antes, sentindo-se inferior aos demais, não acreditava conseguir: a de superior ao outro: falicamente, ela assume uma posição de poder quando aos seus cuidados o cliente se coloca. Na cama, sua experiência enquanto profissional garante a ela seu *status* de mestre, essa é uma das razões que a faz preferir sujeitos inexperientes e de pouca idade uma vez que eles não estão despertos completamente para os segredos do sexo:

Sempre imaginei que a primeira vez para uma menina tivesse mais peso do que para um menino. Estava enganada. A cada cabaço que tiro, fico mais e mais convencida disso. Tudo bem que, no futuro, eles nem se lembrem direito com quem foi (difícil, no meu caso...), mas a sensação de estar frente a frente com uma mulher, poder tocá-la, ter nas mãos, em vez de uma revista com fotos de mulheres peladas, uma de carne e osso... Finalmente, descobrir a consistência de um seio, aprender como pegá-lo, passear com a mão na gruta de prazeres escondidos que toda mulher carrega entre as coxas. Poder

⁹⁷ Conforme expusemos acima, a relação de Bruna com as figuras parentais era marcada pela ambivalência, sentimentos confusos que se misturavam constantemente, como amor e ódio, razão pela qual ela não sabia quando um terminava e o outro começava, além disso, os laços da cultura impossibilitam que o amor do pai, único e pleno, seja concretizado, ao transgredi-lo, a culpa e o mau estar que ela trazia consigo se evidenciaram. A culpa, esclareçamos, de transgredir, mas não se constrói relações fora das configurações parentais a não ser transgredido, mas também de um dia tê-lo desejado no “em algum momento precoce da via, a mulher dirigiu seus desejos ao homem ‘errado’, um homem proibido, ou seja, o pai” (CALLIGARIS, 2006, p.21).

cheirar, lambar. Sinto alguns deles, nos seus 13, 14 anos, trêmulos diante da nudez. Posso quase ler seus pensamentos. "Posso pegar?", é o que mais ouço deles, querendo apalpar meus seios. Mãos geladas, geralmente. Sinto no ar o medo de falhar [...] (SUFISTINHA, 2005, p.31).

Na realidade, a garota de programa identifica-se com estes rapazes: sua inexperiência a entenece porque, a ela, na hora da relação sexual, é revelada a fragilidade do masculino e de sua masculinidade: ante um corpo feminino de verdade, o que deve ser feito? Diante de tamanha dúvida e certos medos, Bruna instrui, buscando neles, a menina que um dia foi, mas, dessa vez, assume uma posição materna: ela os inicia no mundo, oferece seu corpo como um continente a ser explorado, onde eles podem gozar sem que sejam interditados pelas leis civilizatórias, mas, ao contrário da mãe real, ela pode ser gozada e explorada, pois seu corpo está a serviço: “Conduzo, ensino, realizo. Me sinto especial. De certo modo, estarei para sempre na memória decada um daqueles meninos – tão ‘crianças’ quanto eu. E foram muitos” (Surfistinha, 2005, p.31). Nesse instante, não é possível saber quem realiza a fantasia de quem, se a prostituta ou cliente.

3.2.2. Foi ele quem quebrou o silêncio. ‘Eu tenho tesão pela minha própria mãe’

Além de ter se colocado em uma posição fálica, a prostituição permitiu que, entre quatro paredes, Bruna se deparasse com projeções que não estava disposta, nem antecipadamente avisada para lidar: a universalidade do complexo de Édipo, drama ao qual ela esteve enredada anteriormente e que a constituiu enquanto sujeito no mundo:

Já estávamos no quarto há quase meia hora. Apesar da rapidez, tanto o primeiro quanto o segundo tempo foram muito bons. Tínhamos mais meia hora, mas o mocinho não dava sinais de que chegaria a uma terceira gozada. Deitado ao meu lado, os dois nus, ele me pediu colo. Se aconchegou nos meus braços e lá ficou, brincando com os dedos nos meus seios, deslizando pela barriga e voltando. Foi ele quem quebrou o silêncio. "Eu tenho tesão pela minha própria mãe" (SURFISTINHA, 2005, p.38).

A declaração não a surpreendeu tanto quanto se poderia esperar, havia, é verdade, algo de familiar naquela revelação a queima-roupa, algo comum de que ambos eram participantes, ainda que houvessem vivenciado o Édipo de maneiras diferentes. Bruna reconhece que já havia lido a tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*, bem como conhecido algumas considerações analíticas acerca do mesmo, sem perceber a proximidade da teoria com a vida real, até aquele momento.

O Édipo, apesar de universal e constitucional, é vivenciado pelo inconsciente como algo a ser recalcado e, portanto, fora da linguagem. Em termos precisos, para retornar por meio de processos de deslocamentos e condensações, há, neste sentido, um trabalho do ego para que os desejos edípicos, em relação às figuras paternas, sejam ressignificados, a fim de que estas figuras sejam dessexualizadas e, fundidas, constituam o superego, seu herdeiro. É próprio do processo de recalçamento que o caráter sexual seja *esquecido* no campo da linguagem, por meio de palavras e sentidos que não poderão ser (re)encontrados⁹⁸, não na forma como um dia foram, e a linguagem mesma não terá como significá-las⁹⁹.

Mas, os caminhos de um processo de recalçamento nem sempre podem ser satisfatórios, aliás, nunca o são¹⁰⁰, por vezes, os sujeitos não são capazes de recalcarem os desejos edípicos por não terem tido a oportunidade de fazê-lo, ante uma educação que não buscou lançar um véu sobre o desejo, e ele, o sujeito, ainda assim, inserido na linguagem, acaba se valendo de termos que possam, de alguma forma, angariar a premência de um desejo entendido como incestuoso e, portanto, contra as leis civilizatórias¹⁰¹. Para Bruna, que passou pelo recalque, mas que sente a ambivalência do Édipo em si, aquela declaração, automaticamente a levou a fazer uma livre associação de fatos e ideias que culminou em um termo, não menos interessante quanto perturbador:

Eu já tinha lido Édipo, aquele livro que fala do sujeito que sentia atração pela mãe, a Jocasta. Porém, para mim, aquilo não passava de uma ficção da tragédia grega. Até aquela confissão à queima-roupa. Aquele cara, com sua franqueza, **despertou minha curiosidade** (SURFISTINHA, 2005, p.39, grifo nosso).

As palavras escolhidas pela garota de programa não poderiam ser mais propícias: diante da franqueza do cliente, a curiosidade foi desperta, ora, só pode ser despertado o que esteja adormecido, termos que fazem uma perfeita analogia com a ação do ego, o recalque, referente ao desejo. De novo, há um retorno, no campo discursivo, do Édipo e de seus conflitos em Bruna, desta vez, por meio de uma

⁹⁸ O ego, operador do recalque, procura fazer com que as sensações primeiras do bebê ante este mundo, seja esquecida, uma vez que, naquele momento, não poderiam ser sentidas como prazerosas, no entanto, as impressões, inerentes, são deixadas na criança que, sem o saber, está buscando (re)vivê-las, mas, sendo impossível reencontrá-las, tal como fora um dia, surge a frustração e a angústia.

⁹⁹ No capítulo 2 deste Trabalho de Conclusão de Curso, já abordamos este tema.

¹⁰⁰ O retorno do recalcado é o clássico exemplo disso já que é um conjunto de vias, pelas quais, os conteúdos do inconsciente buscam se manifestar.

¹⁰¹ Ou seja, o sujeito assume uma estrutura clínica perversa, pois não abdica do desejo em sua forma primeira, recusando-se a encontrar substitutos adequados para os quais possa voltar-se.

identificação, reconhecida, na consciência, como uma *curiosidade despertada*. Há, certamente, projeções que buscam negar a assertiva, mas, seja qual for o termo usado para classificar a defesa, ainda assim, o resultado seria o mesmo: identificando-se ou negando a identificação, o fato é que houve um despertar que a fez querer saber qual haveria de ser a raiz de um desejo tão forte quanto aquele que lhe era revelado. O homem responde-lhe: vinha da infância, onde a lembrança mais vivida era de que a mãe ficava andando de calcinha e sutiã pela casa, de forma que a imagem acabou ficando gravada no garoto que cresceu, tornou-se adulto e, mesmo a mãe tendo idade avançada, ele a desejava ardentemente. É interessante que o cliente falava abertamente e fantasiava como seria se a trouxesse, para que tivessem, os três, um mesmo programa, ao que Bruna concordava ajudando e estimulando a fantasia sexual.

Depois do programa, ele disse que me daria o quanto eu quisesse se conseguisse fazer com que ela fosse para a cama com ele. Dei corda na história e pedi dez mil reais. Confesso que o dinheiro era tentador, mas não tinha a menor idéia (sic) de como convencê-la a dormir com o filho. Ele me contou como imaginava que seria o sexo, de como ele ia tirar a roupa dela, cheirar sua calcinha, lambê-la inteira, as posições. Mil fantasias. Que continuam só na cabeça dele (SURFISTINHA, 2005, p.39-40).

A prostituição vista como um lugar onde, supostamente, as fantasias podem ser realizadas, sem que estejam subordinadas a censura, lugar onde o homem teria seus anseios saciados, bastava que pagasse para isso, essa é a razão pela qual o cliente contou-lhe o que se passava em sua cabeça, porque não haveria nenhum julgamento de ordem condenatória, ele era livre para dizer. Ao mesmo tempo, sabia que uma mulher, enquanto prostituta, não se proporia realizar o seu pedido se não houvesse uma boa recompensa: dez mil reais era uma quantia que Bruna não deixou de considerar, mas da passagem ao ato, ela não fazia ideia de como cumprir o combinado¹⁰².

Na putaria, a gente entra em contato com um lado mais verdadeiro e menos hipócrita das pessoas. Elas não escondem seus desejos mais secretos, liberam fetiches que não confessariam a ninguém, nem sob tortura. Com uma garota de programa, ninguém precisa fazer jogo de cena. Eles vêm até mim para realizar suas fantasias. Funcionamos como terapeutas, às vezes. Meu critério de normalidade mudou muito desde que passei a viver do sexo. Mesmo assim, em algumas ocasiões há situações difíceis de esquecer (SURFISTINHA, 2005, p.76).

¹⁰² Ainda que esteja no campo da prostituição Bruna se surpreende com algumas fixações de ordem sexual, principalmente aquelas que buscam ferir e machucar o outro: “Quem sou eu? Mas me dou o direito, sim, de ficar assustada e de ter os meus limites” (p.41).

Bruna demonstra ter ciência de sua condição enquanto prostituta: a de realizadora de fantasias que são, em nome das convenções sociais, constantemente, negadas e/ou interditas. O desejo, no entanto, não está totalmente subordinado à lei da cultura, na realidade, devido a incessante busca pelo gozo, busca suplantá-la. A prostituta, neste sentido, é uma transgressora, pois ela se oferece como o meio de suplantar e ultrapassar as fronteiras de uma normalidade, tão opressora que precisa deste sujeito para vir a existir, ou seja, a existência da prostituta torna-se um elemento que viola e, ao mesmo tempo, afirma o interdito. É fato que, como atesta Bruna, há uma necessidade de fugir, ainda que por pouco tempo, de uma vida sem qualquer tipo de fantasia¹⁰³. Em outras palavras, não existe prostituta sem o cliente e cliente sem a prostituta, um está a serviço do outro, se propondo a realizar as fantasias do outro. Em contato com a subjetividade humana, Bruna reconhece o que há de mais primitivo no homem, que ela atribui ao lado verdadeiro do ser: o desejo, e este multifacetado, transporto em fantasias, fetiches, confissões. Não era somente o ato sexual que interessava a eles, mas sim tudo o que ela estivesse disposta a fazer para obter o pagamento. Não à toa que ela nos diz que seu critério de normalidade mudou “quando passou a viver do sexo”.

3.2.3. Ele não ganhou nada me violentando desse modo

A fama veio como que por um acidente: com o dinheiro do trabalho de prostituta, alugou um frete, comprou um computador a fim de pudesse “compensar os momentos de solidão” (p.84), navegando na internet. À época, os *blogs* estavam em alta, e, por curiosidade, Bruna procurou um, cuja temática fosse relacionada consigo, não havendo nada a respeito. Como estava sozinha, e sem ninguém a quem recorrer, certa noite, criou um blog no qual colocou tudo o que sentia no momento.

Pouco tempo depois, Bruna começou a colocar no blog pequenas descrições de seus programas, o que atraiu notoriedade entre os internautas. Como foi *hackeada*, por duas vezes, optou por criar um site onde poderia continuar com o seu blog e provar que, de fato, existia, já que muitos pensavam que ela era uma personagem de ficção. Quando fez isso, o site ganhou repercussão nacional, o que lhe garantiu entrevista em programas

¹⁰³ Ceccarelli (2008) considera que esse é uma das grandes dificuldades de tentar se erradicar ou legalizar a prostituição: “erradicá-la traria problemas, pois tal prática funciona como escape aos limites impostos pela moral sexual ocidental [...]” (p.8), legalizar, em contrapartida, valeria o mesmo que reconhecer que este sistema de condutas e regras sobre a sexualidade é falida e hipócrita.

de auditório e revistas famosas. Bruna logo percebeu que essa fama, vinda de um acaso, poderia chegar ao conhecimento de seus pais: “Em segundo lugar, acreditava que meus pais iam me ver e perceber que, sim, faço programa, mas estou bem. Não estou jogada em qualquer canto. Mesmo a entrevistas eu dei pensando nisso” (SURFISTINHA, 2005, p.95-96).

Bruna notou que a internet a conectou com sujeitos que nunca a tinham visto e que, devido a facilidade de obtenção de informações, de ordem interdita, de que ela dispunha, poderia divertir seus seguidores se continuasse a dar classificações de seus programas, de forma que pudesse atender a vaidade masculina, tão frágil, que necessita de (re)afirmações constantes.

Percebi que o blog, além de atrair muita gente que nunca tinha feito programa comigo, também podia ser um "algo mais" de diversão para os meus clientes. Eles adoram ver qual é a minha avaliação de sua performance. Tanto que há, até hoje, um aviso: OS PROGRAMAS MAIS "INTERESSANTES OU BACANAS" DA SEMANA. CASO VOCÊ TENHA FEITO PROGRAMA COMIGO NESTE PERÍODO, E EU NÃO RELATEI, NÃO SE DESESPERE. TENTE NOVAMENTE QUANDO PUDE. E muitos realmente tentam muitas vezes. Bom para os negócios, não? (SURFISTINHA, 2005, p.97, grifos da autora).

Bruna, definitivamente, se tornava não só uma profissional do sexo, mas uma especialista no que se refere ao ato sexual, consagrada pela internet. A notoriedade alcançada e o interesse que despertou distanciavam-na, cada vez mais, da imagem de patinho feio que tivera de si. Agora era desejada por outros homens, que mesmo não a vendo pessoalmente, queriam tê-la. Era a realização de uma fantasia primeira e primitiva, que buscava devolver a ela o que sentiu que lhe faltara com relação ao pai, essa figura que não foi capaz de fazê-la sentir-se desejada, mas que reclamou o direito de ser um sujeito inteiramente castrador, a consequência foi de que o seu corpo estivesse aos pedaços, pedaços de um corpo que necessitava do olhar de outros para que se (re)constituísse, se (re)elabora-se conforme a demanda e que, durante a adolescência, a garota buscou preencher de maneiras outras que lhe acarretava a marginalização. Em outras palavras, na entrega a estes homens desconhecidos,

O que este “ser de todos os homens” persegue? Provavelmente, persegue a pluralidade do desejo dos homens, que funcionam como olhar que totaliza o corpo feminino esfatiado, formados de pedaços erotizados. Presumir que o corpo pode ser de todos os homens (como corpos das putas) seria a busca, por imaginária que seja, de um olhar ou de olhares que devolvam a mulher um corpo que não se perderá em pedaços [...] (CALLIGARIS, 2006, p.24).

Uma vez reconstituída, ou, ao menos, acreditando estar, a necessidade que a falta lhe inspirava, somada a incessante busca pelo gozo, a tornou uma verdadeira prostituta¹⁰⁴, daí a mudança de nome, antes uma maneira de ocultar a verdadeira identidade, foi aceita como um sinal da dicotomização da própria subjetividade, mas ainda havia muito da Raquel em Bruna e vice versa: há que se concordar que a Bruna, enquanto desejante e transgressora do amor pai, sempre esteve lá, tentando sair e encontrar uma via na qual pudesse se manifestar e mostrar que estava ali, mas, do mesmo modo, Raquel, a menina que vive conflitos ambivalentes, invade a Bruna e evidencia seu medo e suas magoas ainda vivas e pulsantes, como também, a necessidade de amor pleno e verdadeiro, este, Calligaris é enfática, somente o do pai.

Bruna, apesar de tentar se convencer de que seu trabalho foi a melhor forma de encontrar a sua própria felicidade, ainda assim é confrontada com o discurso de desprezo da sociedade com relação a sua condição: não entrara na prostituição por necessidade e não permanecia nela por este motivo, foi para ser livre que comercializou o próprio corpo e encontrou prazer nesse trabalho que exigiu dela uma certa liberalidade quanto a sexualidade. Bruna realizou as fantasias, assumiu uma posição fálica e descobriu a multiface do desejo não, inteiramente, submetido a padrões culturais, e, mesmo assim, existem pessoas que procuram, como os pais, mostrar o quanto perdera e continua perdendo.

Um menino que estudou comigo no Bandeirantes telefonou e me deixou péssima.

- Ê, Raquel, quem diria, hein? Virou puta!

O que mais me doeu é que o propósito dele era me machucar.

- Todo mundo que estudou com a gente está no segundo ou terceiro ano da faculdade e só você virou puta.

Ele me inferiorizou, me tocou de um jeito que eu não queria. Com certeza eu já tinha pensado nisso, em como era a vida de quem tinha estudado comigo, que todos estavam progredindo. Até hoje não sei bem por que ele fez isso. Ele não ganhou nada me violentando desse modo. Porém, já que eu saí na chuva... (SURFISTINHA, 2005, p.100).

Longe de vitimar-se, Bruna reconhece que, ao entrar na prostituição, seria vista como inferior em comparação a outras pessoas e tinha ciência do quanto isso ia doer-lhe. Por outro lado, a fama que conseguiu fez com que fosse, se possível, ainda mais

¹⁰⁴ Utilizamos o termo *tornar* para descrever um processo subjetivo, de ordem psíquica, que envolveu suas experiências com a libido sexual, tanto de si quanto dos outros que a escolheram e a procuraram, mostrando-lhe o quanto há de complexo na sexualidade humana. Foi, em outras palavras, um processo de descoberta de si e sobre os outros, cristalizando nela a capacidade de discernir algumas das múltiplas faces de Eros.

desejada pelos homens, como se estar com a Bruna Surfistinha fosse algo mais do que qualquer outra prostituta.

3.2.4. No dia em que eu parar de fazer programa

O fato de ser garota de programa não anulou seus sonhos românticos, como se poderia pensar, se nos valêssemos do senso comum. Na verdade, tudo o que precisava era encontrar um alguém capaz de aceitá-la enquanto tal e entender as razões, de ordem consciente e prática, de permanecer na prostituição. Não tardou muito, apesar de que a garota já tinha perdido as esperanças de engatar em um relacionamento sério: Pedro, um homem casado, a encontrou no dia dos namorados e, conforme Bruna, ambos se apaixonaram a primeira vista, a afinidade adveio do acesso do rapaz ao *blog* dela que o deixou curioso. Encontrando-a, fizeram sete programas e, logo depois, tornaram-se amigos:

Há poucos meses ele tinha se separado da mulher. No dia 12 de junho, surpresa!, ele me pede em namoro. Ele já havia dado umas indiretas de que me bancaria se eu quisesse parar de fazer programa. Expliquei (e ele, com muita maturidade, entendeu) que saí de casa para ser independente. Ele me respeita e segura bem a barra de estar comigo. Tanto que já moramos juntos e temos planos para o futuro. Sinto que ele é o amor da minha vida. Minha mãe certamente iria adorá-lo. Sempre brinco com ele que, depois dessa minha experiência, aprendi todas as desculpas que os maridos dão para as mulheres para pular o muro. Ele vai ter de ser muito criativo se algum dia cair nessa tentação... Coitado do Pedro (SURFISTINHA, 2005, p.102).

É interessante notar que o significante Pedro, na relação com os demais significantes da cadeia discursiva, traz de volta as figuras parentais quando ele é, nas palavras de Bruna, *o homem que sua mãe iria adorar*, ou seja, ele corresponderia a uma espécie de ideal de homem que se dispusesse a restaurar a dignidade de Raquel, transformada na garota de programa Bruna Surfistinha.

Em vista de suas ações e aparente aceitação da realidade em que ela vive, Bruna passou a vê-lo como o amor de sua vida, razão pela qual prenuncia que, após a fase de prostituta, ambos terão uma vida a dois, em que poderão desfrutar das felicidades que, em tese, acompanham um casal que se propõe a ser fiel; Bruna, dessa forma, não se distancia do desejo das figuras parentais, e, ao mesmo tempo, da própria ideologia dominante da sociedade em relação a ela, o que, por sua vez, demonstra a onipresença dessas figuras, agora vistas com bem menos ódio do que quando estivera ao lado

deles¹⁰⁵. Assumir, portanto, uma vida de *mulher honesta*, para utilizar o termo arcaico empregado, seria, em última instância, recuperar a dignidade perdida em sua busca pelo gozo.

Com todos os relacionamentos que já tive trabalhando, **aprendi que só vão me respeitar novamente como mulher no dia em que eu parar de fazer programa**. E tem mais uma lição nisso tudo: quando isso acontecer, e eu conhecer o homem da minha vida, aquele com que vou casar e ter filhos, não vou contar que já fui garota de programa. Decidi: quero deixar tudo isso no passado. Esquecer? Não, isso é impossível. Vamos dizer que colocarei essa experiência toda de vida numa gaveta que nunca mais vou abrir. Com certeza vou morrer de medo de ele já ter me conhecido como Bruna ou que descubra de outra forma. Mas tenho que deixar claro: não sou uma "madalena arrependida". Espero que com o Pedro seja diferente, pois eu o amo muito e quero que ele saiba me respeitar (SURFISTINHA, 2005, p.106, grifo nosso).

É interessante como Bruna coloca as coisas: de repente lhe parece que, aos olhos do outro, ela não é uma mulher porque vive a sua feminilidade, o que seria então? Aos olhos de uma sociedade marcada pelas cifras do patriarcado, não é a plena descoberta do gozo, e este feminino, que a torna mulher, mas sim, no momento em que abdicar desta vida de prostituta e se entregar a um homem, a fim de que ele a dignifique. Não a nada mais avassalador do que isso: perceber que, por mais que tente, não pode subverter a ordem instituída e enraizada no inconsciente coletivo.

Ainda que só estivesse reproduzindo o discurso do Outro acerca de seu sexo, Bruna demonstra estar em condições semelhantes à de outras mulheres que, por via outra, não ingressaram na prostituição: a de ser respeitada, enquanto mulher, a partir do momento em que estiver com um homem ao seu lado. Nesta ideia, a trajetória de uma mulher se restringe ao que a família lhe outorga: casar-se com um homem bem sucedido a fim de que este lhe dê um lugar na sociedade¹⁰⁶. No fim, lutar contra tamanho poder ideológico fez com que percebesse que era inútil.

No entanto, Bruna percebe que necessita sair da prostituição de maneira que possa garantir seu futuro, afinal, foi seu meio de sustento por algum tempo. Pensando

¹⁰⁵ A prostituição e o distanciamento permitiu que eles ascendessem a uma posição semelhante do pai da horda primitiva: devido a sua morte ele se tornou ainda mais poderoso do que quando estivera vivo, de modo que seus filhos o temiam bem mais agora, já que a transgressão ao Interdito estabelecido, acarretaria o destino que o primeiro pai teve, ou seja, a morte. No caso de Bruna, eles foram valorizados bem mais do que quando morava com eles, uma das reações da saudade.

¹⁰⁶ Neste sentido, a autora alemã Ehrhardt (1994) faz a seguinte consideração: "Infelizmente, ainda hoje, laçar um homem é o tema central na vida de uma mulher [...] Ela prova a sua competência, unindo a si a um homem bem sucedido. O título 'esposa', parece ser o único ao qual as mulheres dão importância. Elas cedem até o seu nome, apesar do direito relativo aos nomes oferecer outras possibilidades" (p.33-34).

nisso, a garota criou uma meta de programas e lucros, dos quais tirava uma porcentagem a fim de juntar o suficiente para ter estabilidade financeira.

No começo, quando saí de casa, achava que ia fazer programa pelo resto da vida. Com o tempo, vi que é um trabalho cansativo, física e psicologicamente. Em 2004 surgiu a idéia (sic) de parar de fazer programa, voltar a estudar. Na verdade, caiu a ficha de que preciso parar de fazer programa. Não sei quando, mas preciso parar um dia (SURFISTINHA, 2005, p.118).

Ao não saber quando parar, Bruna repete um comportamento de quando era viciada em furtar: na época, achava que, se obtivesse uma quantia significativa, poderia parar, agora, racionalizando, considera que, obtendo uma certa importância em dinheiro, poderá deixar de lado o comércio sexual, mas, ao verificar o adiamento, notamos que há uma vontade de continuar, de alguma forma, a vivenciar a feminilidade, ou seja, de continuar sendo desejada pelo outro. Certamente ela acredita que, ao se deparar com um homem que esteja disposto a aceitá-la como é, conseguirá sair da prostituição, alguém como pai, que a ame plenamente.

O desejo de ser amada de forma plena esteve enraizado em seu discurso, a perseguiu em sua decisão de sair de casa, fez-se presente em cada fantasia que veio a realizar. Nunca esqueceu pais, e certamente é por tê-los junto a si, em seu interior, que deseja sair da prostituição, mas Bruna não se considera preparada para revê-los. Ao fim, afirma ter entendido muitas das atitudes que eles tomaram com relação à filha.

Contudo, tudo que fez, conclui, foi para que pudesse ser feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empreendida neste Trabalho de Conclusão de Curso permitiu que contemplássemos, na personagem principal da narrativa em foco, a singularidade de uma sexualidade feminina que conseguiu trazer, para o real, as fantasias que, fundamentalmente, a tornaram quem ela é. Neste aspecto, deparamo-nos com um discurso regido pelo desejo insaciável e os conflitos edípicos que a guiaram até o caminho da prostituição, razão pela qual consideramos de suma importância dividir a análise em duas partes significativas, em que a primeira, tal qual a obra nos apresenta, versa sobre a relação da adolescente Raquel com as figuras parentais.

Neste primeiro momento, nosso objetivo evidente era buscar entender, sob a ótica psicanalítica, não só as razões que, no campo consciente e que veem a tona no discurso da personagem, são consideradas como as motivações de ordem inconsciente que convenceram Raquel a torna-se Bruna Surfistinha.

Expulsa de casa Raquel/Bruna se entregou a vida de garota de programa, pondo de lado, parcialmente, seus medos e preconceitos acerca da figura da prostituta, o que, por sua vez, ajudou-a a tomar a decisão de permanecer na profissão. Não demorou muito até que percebesse algo de primitivo e comum em alguns sujeitos, com os quais veio a se relacionar: a sexualidade, já não mais presa a convenções sociais, ideológicas ou, até mesmo, religiosas, se mostrava de maneira periférica e plástica, de maneira tal que, somente de sua posição de garota de programa, ela poderia perceber. Logo, não era tão-somente, a sua própria fantasia que ela realizava, mas se comprazia em ser capaz de se mostrar uma via das realizações das fantasias do outro, enquanto objeto de desejo.

Em vista dos resultados obtidos, é importante destacar a relevância da relação empreendida entre a literatura e a psicanálise, sem a qual, não seríamos capazes de articular uma análise de ordem profunda, buscando compreender a singularidade da personagem da narrativa em foco. Neste sentido, a psicanálise permite-nos compreender nuances de uma constituição comum nos sujeitos: a sua passagem pelo Édipo e o que, desta passagem permanece e, em muitos aspectos, condicionam as escolhas objetais. Não se propôs aqui, do ponto vista interpretativo, ultrapassar os limites do que nos é exposto, pelo contrário, foi com base no que foi narrado que buscamos as metáforas e metonímias que cercaram e circularam pelo texto, algo que a psicanálise, enquanto ciência que estuda o inconsciente e suas vias de manifestações deu-nos os subsídios necessários para cumprir esta tarefa, consistindo aí a sua importância como um meio de

interpretação do texto literário. Por isso, consideramos que esta pesquisa é um elemento importante para o curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba uma vez que possibilitou e comprovou que a leitura do texto, com os olhos da psicanálise, enriquece e nos ajuda a entender o personagem e sua trajetória, nos desprendendo do senso comum e, ao mesmo tempo, desconstruindo antigos conceitos e visões de mundo, ajudando a ampliar o conhecimento da área nas ciências humanas.

A investigação, no entanto, não se encerra aqui, neste TCC, pelo contrário, acreditamos que este é o começo de uma longa trajetória bibliográfica que continuará durante alguns anos a fim de que alcancemos novos resultados em outras oportunidades.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Nuno C. Especulações: ver o que dizem. In: **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- BASSERMANN, Lujo. **História da prostituição: uma interpretação cultural**. Tradução: Rubens Stuckenbruck. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BELLEMIN-NOEL, J. **Psicanálise e Literatura**. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- BOSI, Alfredo. **Entre a história e a literatura**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CALLIGARIS, Eliana dos R. **Prostituição: o eterno feminino**. São Paulo: Escuta, 2006.
- CECCARRELLI, P. R. Prostituição: corpo como uma mercadoria. In: **Mente & cérebro: sexo**. Vol. 4 [Edição especial]. p.1-13, 2008. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=157> Acesso em: 15.10.2015.
- DOLTO, Françoise. **Sexualidade feminina**. Tradução: Roberto Cortes de Lacerda. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Tradução: Dulce Duque Estrada. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ESCOLÁSTICA, Maria. **O gozo feminino**. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- FORTES, M. G. G. B. A prostituição: uma forma possível de subjetivação frente ao desamparo? In: **Revista Contemporânea: psicanálise e transdisciplinaridade**. Porto Alegre, n.10. p. 160-184, 2010. Disponível em: <www.revistacontemporanea.org.br> Acesso em: 16.10.2015.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Vida, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Vida, 2014.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. In: **Obras completas – Volume 14**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Um caso de histeria. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. **Vol. VIII**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu: Algumas concordâncias entre a vida dos homens primitivos e dos neuróticos**. Tradução: Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Penguin - Companhia das Letras, 2013.
- GARTON, Stephen. **História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual**. Lisboa: Editora Estampa, 2009.
- GUIMARÃES, R. M. **Prostituição: patologia, trabalho, prazer? o discurso de mulheres prostitutas**. (Dissertação de mestrado). Ribeirão Preto: USP, 2007.
- KLEIN, Melanie. Amor culpa e reparação. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Tradução: Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito, Octávio L. de Barros Salles, Maria Teresa B. Marcondes Goboy, Viviana S. S. Starzynski e Wellington Marcos de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto [1956-1957]**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MOREIRA, J. O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. In: **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08>> Acesso em: 12.11.2015.
- MURPHY, Emmett. **História dos grandes bordéis do mundo**. Tradução: Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- NASIO, J.-D. **A fantasia: o prazer de ler Lacan**. Tradução André Telles e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. Tradução: Maria Therezinha M. Cavalari. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.
- QUALLS-CORBETT, N. Q. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. Tradução: Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 2002.
- RIBEIRO, L. J.; GRANATO, T.M.M. **Os caminhos do complexo de Édipo feminino: da proposta freudiana à psicanálise contemporânea**. São Paulo: PUC, 2015. Disponível em: <www.puccampinas.edu.br/websist/Rep/.../2015812_232355_435402558_reseu.pdf> Acesso em: 12.11.2016.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa**. São Paulo: Panda Books, 2005.
- VALAS, Patrick. **As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.